

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM HISTÓRIA**

RAIANE CLAIR RAMIREZ DOS SANTOS

“MOSAICO ÉTNICO”:

**Uma análise de discursos que constroem classificações para a população do Paraná
(1953-2015)**

Marechal Cândido Rondon
2017

RAIANE CLAIR RAMIREZ DOS SANTOS

“MOSAICO ÉTNICO”:

**Uma análise de discursos que constroem classificações para a população do Paraná
(1953-2015)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História, linha de pesquisa Práticas Culturais e Identidades Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Nestor Stein

Marechal Cândido Rondon
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S237m Santos, Raiane Clair Ramirez dos
"Mosaico étnico": uma análise de discursos que constroem classificações
para a população do Paraná (1953-2015). / Raiane Clair Ramirez dos
Santos.— Marechal Cândido Rondon, 2017.
142 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Nestor Stein

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná,
Campus de Marechal Cândido Rondon, 2017.
Programa de Pós-Graduação em História

1. História - Paraná. 2. Identidade. I. Stein, Marcos Nestor. II. Universidade
Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 981.62
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Helena Soterio Bejio – CRB 9ª/965



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



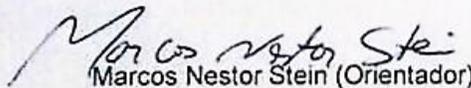
PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

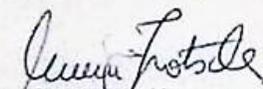
ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE RAIANE CLAIR RAMIREZ DOS SANTOS, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 31 dia(s) do mês de março de 2017 às 8h30min, no(a) UNIOESTE - CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Raiane Clair Ramirez dos Santos, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as) Meri Frotscher Kramer, Beatriz Anselmo Olinto, Marcos Nestor Stein. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Marcos Nestor Stein, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "Mosaico Étnico: Uma análise de discursos que constroem classificações para a população do Paraná (1953-2015)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as) Meri Frotscher Kramer, Beatriz Anselmo Olinto. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. O(A) CANDIDATO(A) FARÁ JUS AO TÍTULO DE MESTRE(A) EM HISTÓRIA APÓS CUMPRIR TODOS OS REQUISITOS DO REGULAMENTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).

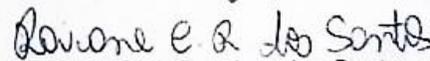

Marcos Nestor Stein (Orientador)

UNIOESTE - Campus de Mal. Cdo. Rondon


Beatriz Anselmo Olinto
UNICENTRO


Meri Frotscher Kramer

UNIOESTE - Campus de Mal. Cdo. Rondon


Raiane Clair Ramirez dos Santos
Candidato


Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
- MESTRADO E DOUTORADO - UNIOESTE**

PARECER DESCRITIVO

Titulo da Dissertação: *"Mosaico Étnico": Uma análise de discursos que constroem classificações para a população do Paraná (1953-2015)*".

Nome do concluinte: **Raiane Clair Ramirez dos Santos**

Integrantes da Banca: Prof^ª. Dr^ª. Marcos Nestor Stein (orientador) (UNIOESTE), Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Anselmo Olinto (UNICENTRO), Prof^ª. Dr^ª. Méri Frotscher Kramer (UNIOESTE).

Parecer:

<p>O trabalho contempla os requisitos de uma dissertação de mestrado em História. Apresenta bom trato metodológico com as fontes, problemática bem definida e utiliza bibliografia de referência atualizada. Há a necessidade que seja feita uma revisão geral do texto e a incorporação de questões expressadas pelos membros da banca.</p> <p>Méri Frotscher Kramer</p>

Marechal Cândido Rondon, 31 de março de 2017.

Méri Frotscher Kramer

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, principalmente aos meus avós Beatriz e Emir, a minha mãe Clair, que mesmo com muitas limitações e dificuldades sempre me apoiaram. Ao meu irmão Dérick e as minhas primas Chiemi e Júlia, que alegravam minhas tardes e me davam forças para continuar. Amo vocês.

Agradeço a CAPES pelo financiamento, sem o qual não seria possível a realização desta pesquisa. Ao meu orientador Prof. Dr. Marcos Nestor Stein que me acompanha desde a graduação, sempre disposto a sanar minhas dúvidas. A prof. Dra. Méri Frotscher Kramer pelas valiosas contribuições na minha formação desde a graduação. Aos entrevistados dos grupos folclóricos da AINTEPAR que compartilharam comigo suas experiências de vida.

Aos meus colegas de mestrado Diego Luís dos Santos, Gabriel Barbosa Rossi da Silva, Pedro Henrique Miranda com quem sempre pude contar para compartilhar inquietações, dúvidas, risos e lágrimas. Aos meus amigos residentes em Curitiba, Marília Lauther, Karen Capelesso, Marcos Vinícius da Silva, Ricardo Molter e Marcos Vicenssuto, que gentilmente me hospedaram todas as vezes que precisei realizar minha pesquisa naquela cidade, além de sempre me apoiarem ao longo desta caminhada.

As irmãs que a vida me deu, Mariah Fank e Juliane Cardoso, que de perto ou de longe sempre me deram suporte. A Vanessa Evangelista Rocha (Totó) e a Renata Brasileiro pelas conversas, almoços, discussões políticas e pelo episódio em que salvaram minha vida. E enfim, agradeço pela imensa paciência de Mateus Pontes, Diego Santos, Luana Pradela, Rodrigo Assufi Dallanol, Felipe Soares, Nicole Ponestk, Loraine Medeiros, Fabiana Chaparini e Leonardo Muller, que sempre muito compreensivos, acompanharam toda a ansiedade, preocupação, desespero e as alegrias ao longo da produção deste trabalho, fazendo com que eu mantivesse minha sanidade mental e nunca me sentisse sozinha nestes momentos. Obrigada pela força.

"Sabia que o presente não passa de uma partícula fugaz do passado e que estamos feitos de esquecimentos, sabedoria tão inútil como os corolários de Spinoza ou as magias do medo".

Histórias da Noite – Jorge Luis Borges

RESUMO

SANTOS, R.C.R. “*Mosaico Étnico*”: *Uma análise de discursos que constroem classificações para a população do Paraná (1953-2015)* 2017. 144p. Dissertação – Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2017.

Neste trabalho problematizamos discursos que visam construir uma identidade para o estado do Paraná como sendo um “mosaico de etnias”, uma “terra de todas as gentes”. A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro analisamos as revistas *Ilustração Brasileira*; *Álbum do 1º Centenário de Emancipação Política do Paraná*; *Exposição Internacional do Café e Feira de Curitiba*; *Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná (edição comemorativa do centenário do Paraná)*, todas publicadas no ano de 1953, em razão dos festejos do I centenário de emancipação política do Paraná; no segundo analisamos os volumes I e III da coletânea *História do Paraná*, publicada em 1969; e no terceiro analisamos entrevistas realizadas em 2015 com integrantes de grupos folclóricos associados à AINTEPAR – Associação Interétnica do Paraná. Para a análise de tais discursos, partimos da perspectiva teórica proposta por Stuart Hall, o qual entende que as identidades não são estáticas e nem substâncias fixas, mas produzidas no interior de discursos. Os três suportes – revistas, livros e entrevistas – analisados neste trabalho, em diferentes contextos, apresentam discursos que classificam o Paraná como um “Brasil Diferente” e sua população como branca, europeia, “pacíficos, ordeiros, hospitaleiros e trabalhadores”. Trata-se da construção de uma identidade para a população paranaense que se pretende unívoca e fixa, mas que é fluida. Esta fluidez fica mais evidente nas entrevistas com dançarinos de grupos folclóricos, analisadas no terceiro capítulo.

Palavras-Chave: Mosaico étnico; Identidade; Paraná; Discurso; Etnia

ABSTRACT

"ETHNIC MOSAIC": AN ANALYSIS OF DISCOURSES THAT CONSTRUCT CLASSIFICATIONS FOR THE POPULATION OF PARANÁ (1953-2015)

In this paper, we discuss discourses that aim to build an identity for the State of Paraná as a "mosaic of ethnicities", a "land of all people". The dissertation is divided into three chapters. In the first, we analyze the magazines *Ilustração brasileira*; *Álbum do 1º Centenário de Emancipação Política do Paraná*; *Exposição Internacional do Café e Feira de Curitiba*; *Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná (edição comemorativa do centenário do Paraná)*, all published in 1953, due to the celebrations of the first centenary of political emancipation of Paraná; In the second, we analyze volumes I and III of the collection *História do Paraná*, published in 1969; And in the third we analyzed interview conducted in 2015 with members of folk groups associated with AINTEPAR – Associação Interétnica do Paraná. These three supports - magazines, books and interviews - from different contexts present speeches that classify Paraná as a "Diferent Brazil" and its population as white, European, "peaceful, orderly, hospitable and hardworking". For the analysis of such discourses, we start from the theoretical perspective proposed by Stuart Hall, who understands that identities are not static and fixed substances, but produced within discourses. The three supports - magazines, books and interviews - analyzed in this work, in different contexts, present speeches that classify Paraná as a "Brazil Diferente" and its population as white, European, "peaceful, orderly, hospitable and working". It is the construction of an identity for the population of Paraná that is intended univocal and fixed, but which is fluid. This fluidity is most evident in the interviews with dancers of folk groups, analyzed in the third chapter.

Key words: Ethnic mosaic; Identity; Paraná; Discourse; Ethnicity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Escudo do Estado do Paraná	24
Figura 2: Imigrantes camponesas estabelecidas em Entre Rios - Guarapuava.	33
Figura 3: Colheita do trigo na colônia Entre Rios.	33
Figura 4: A participação das etnias estrangeiras nos festejos do 1º Centenário do Paraná.	40
Figura 5: imagem de Curitiba em 1953.	54
Figura 6: Colônia Carambeí – Holandesa	78
Figura 7: Colônia Santa Cruz – Russos Brancos	78
Figura 8: Páscoa Ucrâniana - Prudentópolis	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	19
I Centenário de Emancipação Política do Paraná: uma análise de revistas comemorativas (1953)	19
1.1 <i>Ilustração Brasileira</i> : Memória Oficial e construção de fronteiras identitárias ...	21
1.2 “Um refúgio ideal para imigrantes”: Álbum do 1º Centenário de Emancipação Política do Paraná	42
1.3 Exposição Internacional do Café e Feira de Curitiba: as “etnias” na comemoração do centenário	49
1.4 Boletim da Câmara de Expansão econômica do Paraná (edição comemorativa do centenário do Paraná): Urbanização	52
CAPÍTULO II	59
Narrativas sobre a população paranaense na coletânea História do Paraná (1969).....	59
2.1 História do Paraná Volume I: Percepções sobre progresso e modernidade.....	61
2.1 História do Paraná Volume III: Discursos sobre folclore e tradição	79
CAPÍTULO III	96
<i>Identities em movimento</i> : Uma análise de narrativas de integrantes de grupos folclóricos do Paraná	96
3.1 “Todo mundo é do folclore”: memórias e identidades construídas em narrativas orais de integrantes de grupos folclóricos do Paraná.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
FONTES	135
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

“Provavelmente, o Paraná é o maior laboratório étnico do Brasil.”¹

“O Paraná é um dos estados com a maior diversidade étnica do Brasil. São alemães, poloneses, ucranianos, italianos, japoneses, povos que ajudaram a construir o Paraná de hoje”²;

“[...] [Em Curitiba] na arquitetura e na gastronomia nota-se grande influência europeia, herança dos imigrantes portugueses, italianos, alemães, poloneses, ucranianos e de outros povos que formam o mosaico étnico-cultural do Paraná”³.

“A reportagem a seguir mostra o distrito de Entre Rios, em Guarapuava, a cultura alemã e o clima mais ameno, mesmo agora no verão, dão um estilo europeu a Região”⁴.

Estudar história nos faz refletir sobre como o mundo funciona, suas disputas, relações de poder e relações humanas de uma maneira global. Mas, para além disto, estudar história nos faz refletir sobre práticas do nosso cotidiano, nos enxergar enquanto sujeitos históricos. Dessa forma, sinto-me à vontade para dividir com os leitores minhas inquietações pessoais com relação a minha problemática de pesquisa.

Nasci no Paraná e nele vivi toda minha infância, entre final dos anos 1990 e início dos anos 2000, morei na região oeste, na cidade de Toledo. A colonização desta área do Estado do Paraná ocorreu na década de 1950, organizada, principalmente, pela empresa Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ⁵. Os colonos que chegaram para (re)ocupar a região vinham do Rio Grande do Sul, geralmente descendentes de italianos e alemães⁶. Nas festas comemorativas da cidade de Toledo⁷, além das histórias dos “pioneiros” rememorava-se com frequência a chegada de estrangeiros ao Brasil e o grupo dos italianos era especialmente ressaltado.

¹ WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1995.P.151.

² PARANÁ, Governo do Estado. Disponível em: <<http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=77>>. Acessado em: 23/01/2015.

³ PARANÁ, Governo do Estado, Secretaria de Esporte e Turismo. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=220>>. Acessado em: 23/01/2015.

⁴ Programa *Caminhos do Campo*. Curitiba: RPC TV (Rede Globo Paraná) exibido em 2010.

⁵ GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel: Edunioeste. 2002.

⁶ NIEDERAUER, O.H. *Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização e seu progresso*. Toledo: Grafo-Set/Manz etiquetas Adesivas LTDA. 1992

⁷ Geralmente de caráter gastronômico, tratam-se de festas de associações de moradores dos bairros e da zona rural da cidade, ou mesmo do colégio em que eu estudava. Citarei aqui dois exemplos: Festa do Agnoline que ocorre todo ano no mês de junho na Linha Mandarina, zona rural da cidade; Noite Típica Italiana, organizada pela Associação de Moradores e pela diretoria da Capela Santo Antônio, na comunidade da Linha Tapuí, também na zona rural de Toledo-PR.

Em meio a este contexto, algo me chamava atenção. Quando era apresentada a alguém, geralmente a adultos, quase sempre ouvia duas perguntas, qual meu sobrenome e de qual etnia descende minha família. Tais perguntas me geravam certo desconforto, pois nunca conseguia precisar a que grupo pertenciam meus antepassados, eles não pertenciam a uma única “etnia” e os que eu tenho conhecimento, não eram de origem europeia. Percebia, também, certo desconforto da parte de quem perguntava, talvez por acreditarem que a população paranaense devia ser constituída de uma forma – por descendentes de europeus – e eram surpreendidas quando encontravam exceções a este discurso. Este estudo visa entender a razão deste incômodo, tão frequente na minha infância. Pretendemos perceber de que formas os discursos sobre a constituição da população paranaense são construídos, que levam os habitantes do Paraná a vivenciarem situações como a exposta acima.

Além destas motivações pessoais, minha trajetória acadêmica também contribuiu para meu interesse pela pesquisa sobre História do Paraná. Em 2012 ingressei como bolsista no Programa de Infraestrutura para Jovens Pesquisadores – Programa Primeiros Projetos, intitulado “Colônias Agrícolas do Paraná nos Séculos XIX e XX”. Com o financiamento da Fundação Araucária e CNPq e coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Nestor Stein. Este projeto tinha como objetivo coletar fontes, digitalizar e construir um fundo documental sobre colônias agrícolas formadas no Estado do Paraná durante o referido período.

Ao catalogar tais fontes, percebi que a vinda e o estabelecimento de migrantes e, especialmente, imigrantes eram temas frequentes em jornais paranaenses e que por meio destas matérias é possível investigar diferentes representações sobre os grupos que (re)ocuparam o Estado. Tendo isto em vista, ao final do projeto “Colônias Agrícolas no Paraná nos séculos XIX e XX”, procurei o Prof. Dr. Marcos Nestor Stein para uma possível orientação de iniciação científica sobre este tema. Assim, em agosto de 2013 iniciamos um estudo intitulado “Etnias no Paraná: identificações da população paranaense nas páginas da imprensa”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UNIOESTE (PIBIC), financiado pela Fundação Araucária/SETL. A pesquisa consistia na análise de textos publicados entre os anos de 1953 a 2005 nos jornais Gazeta do Povo, O Estado do Paraná, Diário da Manhã, Diário do Paraná, revista Ilustração Brasileira e revista Etnias no Paraná.

Dentre estas publicações, escolhemos a revista Etnias no Paraná para uma análise mais detida em um trabalho de conclusão de curso defendido em 2014. A partir deste

estudo surgiram indagações a respeito de discursos que classificam a população paranaense com base em critérios étnicos, e, portanto a ideia apresentada neste trabalho.

Frases como as apresentadas na epígrafe deste texto são repetidas com frequência no cotidiano dos habitantes do Paraná em diversos meios como: jornais, revistas, falas de políticos, documentos oficiais, materiais e eventos comemorativos, livros didáticos ou, como o caso de algumas acima citadas, em sites de órgãos oficiais do governo do Estado.

Em geral, expressões com este caráter contribuem para a manutenção de uma interpretação dominante a respeito da história processo de (re)ocupação do território paranaense. Nela, o Paraná é apresentado como local de convivência harmoniosa entre várias “etnias”, que contribuíram para o seu “progresso”, um “mosaico étnico cultural⁸”. A participação de grupos, principalmente de origem europeia, na história do Paraná é ressaltada em detrimento de outros. Alemães, holandeses, ucranianos, poloneses, italianos, dentre outros grupos europeus, tem sua participação e “contribuição⁹” para a construção do Estado constantemente destacada e lembrada em vários suportes. É como se as peculiaridades de cada povo, classificado como etnia, fossem mantidas e transmitidas tal qual elas costumavam ser no período de chegada destes contingentes populacionais, sem transformações. É como se a moral e ética do povo paranaense fossem características dos ancestrais que permaneceriam ao longo das gerações.

A boa convivência entre os povos que (re)ocuparam o Estado do Paraná é enfatizada e constantemente repetida. A frequente reincidência deste discurso no cotidiano dos paranaenses acaba por silenciar divergências e hostilidades – no convívio entre os recém-chegados, bem como destes com a população já estabelecida no território – decorrentes do sistema de colonização implantado no Paraná. Mas de que formas se construiu este discurso? Em que momentos ele costuma emergir? Quais seus usos em diferentes contextos?

A partir desta problemática, a intenção desta pesquisa é analisar os discursos sobre o Paraná e sobre a constituição de sua população, presentes em uma gama diversificada de documentos. Com base em estudos anteriores¹⁰, constatamos que festivais folclóricos que comemoram o “encontro” de “etnias” no Paraná acabam, também, contribuindo para

⁸ PARANÁ, Governo do Estado, Secretaria de Esporte e Turismo. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=220>>. Acessado em: 23/01/2015.

⁹ EL-KHATIB, F. (org). *História do Paraná*. 2º .ed. Curitiba: Grafipar, 1969.

¹⁰ SANTOS, R.C.R. “*Terra de todas as Gentes*”: uma análise da revista *Etnias no Paraná*. 2014. 55 p. Monografia – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2014.

crystalizar uma ideia de um Paraná “aberto as influências externas¹¹”, de um Paraná de “Todos os povos¹²”.

Um exemplo deste tipo de evento é o Festival Folclórico e de Etnias no Paraná, realizado anualmente na cidade de Curitiba desde a década de 1960. Atualmente, este evento é organizado pela AINTEPAR – Associação Interétnica do Paraná. Esta associação foi criada em 1974 e tem “o objetivo de reunir as entidades legalmente constituídas, no que diz respeito aos assuntos do folclore das etnias que compunham o Estado do Paraná”¹³. Também lhe é atribuída a função de ser “a porta voz dos grupos no diálogo com as entidades governamentais”¹⁴.

Ao tomarmos conhecimento sobre a entidade, surgiram indagações acerca de como os participantes destes grupos folclóricos, descendentes de imigrantes ou não, encaram os discursos a respeito do Paraná e de sua população. O que este discurso significa para estas pessoas? Em que medida este discurso é aceito ou não pelos participantes dos grupos? Com intuito de investigar tais questões esta pesquisa visa, também, analisar entrevistas com integrantes de grupos étnicos filiados a AINTEPAR.

O recorte temporal 1953 - 2015 justifica-se na medida em que o discurso supracitado a respeito das “Etnias no Paraná” serviu a diferentes propósitos em diferentes contextos. O ano de 1953 marca o centenário da emancipação política do Estado do Paraná. As efemérides tiveram pesados investimentos em eventos e materiais comemorativos, dentre os quais selecionamos as revistas *Ilustração Brasileira*¹⁵; *Álbum do 1º Centenário de Emancipação Política do Paraná*¹⁶; *Exposição Internacional do Café e Feira de Curitiba*¹⁷; *Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná (edição comemorativa do centenário do Paraná)*¹⁸ para analisar no primeiro capítulo deste trabalho. O reforço do discurso existente nas revistas não é rememorado por acaso. De acordo com o historiador Marcos Stein:

¹¹ Ibidem. p.31.

¹² Idem.

¹³ KÖHLER, E. *As práticas e os usos do "folclore" no Festival Folclórico e de Etnias do Paraná (1958-2013)*. Curitiba, UFPR, 2014. Dissertação de mestrado. P.90.

¹⁴ Idem.

¹⁵ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA: edição comemorativa do centenário do Paraná. Rio de Janeiro, v. 44, n. 224, dez. 1953.

¹⁶ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, 1853-1953. Livraria Globo, Porto Alegre, RGS. Publicação sob o patrocínio da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. 1953.

¹⁷ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Centenário do Paraná, 1853-1953. Comissão de comemorações e festejos do centenário do Paraná. Curitiba, n° 2, jul. 1953.

¹⁸ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Paraná: Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. Número do centenário. Curitiba, Ano II, n°3, jan./dez. 1953.

A Concepção de que o Paraná era o palco onde diferentes povos se uniriam viria a ser divulgada de forma mais contundente em 1953, quando das comemorações do centenário de emancipação política do Estado. Neste contexto foram produzidos e divulgados discursos que apresentam imagens de um Estado que se encontra em um acelerado ritmo de desenvolvimento e cuja população caminhava (ou corria) unida em busca de um mesmo objetivo: o progresso do Paraná¹⁹.

Portanto, 1953 é a data de partida deste trabalho devido à grande efervescência em as produções intelectuais, incentivadas pelo governo nesta época e que colaboraram para fixar determinada imagem para a população do Paraná.

Ao longo de toda a década de 1950 e 1960 emergem discursos a respeito da “formação” da população paranaense. Há um intenso trabalho de folcloristas na busca pela “essência” das identidades regionais e brasileira. De acordo com Joseli Maria Nunes Mendonça, no final da década de 1950 e ao longo de toda década de 1960, um grupo de pesquisadores ligados a Universidade Federal do Paraná desenvolveu uma agenda de pesquisas demográficas que tratava das “transformações ocorridas com a entrada de novos contingentes étnicos” no Paraná, bem como sobre as dinâmicas de auto preservação estabelecidas no interior de cada grupo (alemães, ucranianos, poloneses, etc.)²⁰. Isto se reflete na coletânea analisada no segundo capítulo deste trabalho, *História do Paraná* publicada no ano de 1969, constituída de quatro volumes, dos quais selecionamos os volumes I e III para um estudo mais aprofundado.

A caracterização da população paranaense baseada em sua origem étnica foi constantemente repetida e influenciou muitas produções historiográficas, sociológicas e antropológicas posteriores. Isto colaborou para cristalizar determinada perspectiva de *folclore* e de *tradição* para a população paranaense. Neste sentido, o terceiro capítulo desta dissertação volta-se para a análise de nove entrevistas com integrantes de grupos folclóricos da cidade de Curitiba, filiados a AINTEPAR, em que procuramos perceber como estas pessoas, em uma situação de entrevista, constroem determinadas narrativas identitárias para a população do Paraná e em que medida as perspectivas de *folclore* e *tradição*, cristalizadas nos discursos de revistas e produções bibliográficas, estão presentes, ou não, em suas narrativas. A amplitude do recorte ocorre em função das

¹⁹ STEIN, M. N. *O Oitavo Dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios-Pr. Guarapuava: Unicentro, 2011.*

²⁰ MENDONÇA, J. M. N. Revisitando a história da imigração e da colonização no Paraná provincial. *Revista Antíteses*. v.8, n.16, p.204-226, jul./dez. 2015.

entrevistas terem sido realizadas no ano de 2015, portanto trazem a perspectiva dos sujeitos neste momento.

Para o trato com fontes tão diversificadas, nos inspiramos no trabalho desenvolvido por Durval Muniz de Albuquerque Júnior apresentado na obra *A invenção do Nordeste e outras artes*²¹. Albuquerque Jr. utiliza fontes de várias naturezas sem uma necessária continuidade entre elas, com a finalidade de observar a instituição e o deslocamento de uma determinada ideia de nordeste. De acordo com este autor, as fontes são tratadas nesta obra como “monumentos a serem desconstruídos e reconstruídos”:

(...) A história é incoerência, lança mão de fragmentos de discurso, porque longe de querer afirmar identidades discursivas, ela quer destruí-las. Não queremos construir sistemas discursivos, mas despedaçá-los, organizando-os de outra forma²².

Sob este prisma, buscaremos problematizar a construção de uma ideia de Paraná que fixa uma identidade para o mesmo como sendo um “mosaico de etnias”. Outro ponto que cabe ser esclarecido é com relação ao recorte espacial. O discurso que apresenta o Paraná como um “mosaico étnico” visa abarcar o Paraná como um “Todo”, unificar sua identidade passando por cima das diferenças entre os processos de ocupação de cada região do Estado, das diferenças entre classe, gênero, “etnia”. Por exemplo, as regiões norte e sudeste do estado também são constituídas/qualificadas por estes discursos, mesmo que a organização política, cultural, econômica e a própria (re)ocupação destas regiões tenham sido diferentes. Dessa forma, optamos por manter a amplitude deste recorte, pois se trata de discursos que foram/são veiculados por suportes que atingem diversas regiões do Paraná. As organizações de cada região foram diferentes, a sensação de unidade é produzida pelo discurso. É nisto que está centrada esta pesquisa.

Para este estudo, nos apoiaremos nas reflexões do sociólogo Stuart Hall. Sobre o conceito de *identidade*, este autor faz uma crítica às afirmações essencialistas a respeito da composição da identidade dos sujeitos, defendendo a "existência de um 'eu' inevitavelmente performativo"²³. Ou seja, segundo Hall, a rapidez da modernidade tardia causa uma "crise de identidade" nos sujeitos, pois além de fragmentar "paisagens culturais", como gênero, classe, etnia, estas rápidas transformações da sociedade também

²¹ ALBUQUERQUE Jr, D. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife, São Paulo: Cortez. 2009

²² Ibidem. p. 31.

²³ HALL, S. Quem precisa da identidade?. In: *Identidade de Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 103.

mudam nossas identidades pessoais, o que caracteriza a "perda do sentido de si"²⁴. De acordo com Hall:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. Isto é, de forma diferente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade *não* assinala núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança por todas as vicissitudes da história. (...) Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação²⁵.

Neste sentido, para Hall, o sujeito da chamada modernidade tardia é composto não de uma única identidade, mas de várias, assumindo identidades diferentes em diferentes momentos. Partindo desta concepção de identidade, buscaremos problematizar discursos cristalizadores que fixam/essencializam uma identidade para o Paraná e para os paranaenses.

Desta forma, entendemos que as identificações presentes nas fontes selecionadas, “são construídas dentro e não fora de discursos”²⁶. Tais discursos visam a construção de identidades culturais, garantindo sua manutenção e continuidade. Ao serem produzidos e divulgados, atendem a determinados interesses e apresentam uma determinada visão de mundo, portanto não são neutros.

Para problematizar o conceito de etnia adotaremos a perspectiva de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart. Estes autores questionam a naturalidade com que se trata este termo, geralmente como algo estático que classifica as pessoas. Com base nos estudos de Frederick Barth, tais autores afirmam que:

Há de convir, com Barth, que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores²⁷.

²⁴ HALL, S. A identidade em questão. In: *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, ed. DP&A.

²⁵ HALL, S. Op.cit. p. 108.

²⁶ HALL, S. Quem precisa da identidade?. In: *Identidade de Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

²⁷ POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. Seguindo de grupos étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.p.140.

Etnicidade, portanto, é uma categoria de classificação das pessoas em função da sua suposta origem, por meio de signos culturais socialmente diferenciadores. Dessa forma, a etnicidade é construída por meio da diferença.

A partir das reflexões de Eni Orlandi²⁸, trataremos o discurso presente nas fontes selecionadas como produção de sentidos, como construtores dos objetos ou fatos sobre os quais se fala. Em suas palavras:

(...) a análise de discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam²⁹.

Orlandi realiza um estudo aprofundado de aspectos da linguagem empregada no discurso. Assim, sua análise se detém mais no conteúdo das falas. A forma como as diferenças são construídas dentro de discursos pode acabar criando estereótipos. Assim, partiremos das percepções apresentadas acima para investigar a reconstrução de marcos cristalizados pelo discurso, por parte das pessoas entrevistadas. Levaremos em conta que este discurso é responsável por construir identidades, por conseguinte, encontra-se em constante disputa³⁰. De acordo com Stuart Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora dos discursos que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas³¹.

Nesse sentido, ao analisar os discursos presentes nas fontes levaremos em consideração seu contexto de produção, a formação de seus autores, bem como os interesses governamentais e/ou de iniciativa privada envolvidos para que sua publicação se concretizasse. Isto vale, também, para as narrativas presentes nas fontes orais.

Para a realização e análise de entrevistas nos baseamos nas reflexões de Alessandro Portelli, o qual destaca a importância de investigar as percepções dos sujeitos, sua subjetividade. Para ele “a primeira coisa que torna a história oral diferente (...) é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados³²”.

Fontes orais não são objetivas. Isto naturalmente se aplica para qualquer fonte, embora a sacralidade da escrita sempre nos leve a esquecer isto. Mas a não-objetividade própria das fontes orais jaz em características

²⁸ ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

²⁹ ORLANDI, E. P. *Discurso: Fato, dado, exterioridade*. In: _____. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 36 e 37.

³⁰ HALL, S. *Op. cit.* p.109.

³¹ *Idem.*

³² PORTELLI, A. *O que faz a História Oral diferente?* Projeto História, São Paulo, n. 14, 1997, p. 31.

específicas inerentes, as mais importantes sendo que elas são artificiais, variáveis e parciais³³.

Sobre a importância do uso de fontes orais para a História, ainda segundo Portelli:

Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para buscar é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que o povo queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez³⁴.

Por meio da análise de entrevistas com integrantes de grupos folclóricos, procuraremos investigar de que modo estes sujeitos constroem identificações étnicas para a população paranaense em suas narrativas. Além disto, procuraremos perceber os sentidos e significados que os entrevistados constroem sobre sua participação nos grupos e na AINTEPAR, de que modo isto está presente na sua maneira de agir, em sua subjetividade.

CAPÍTULO I

I Centenário de Emancipação Política do Paraná: uma análise de revistas comemorativas (1953)

³³ Ibidem. p.35.

³⁴ Ibidem. p. 31.

No ano de 1953 o Paraná completava cem anos de sua emancipação política. Em torno desta celebração foram construídos monumentos e grandiosas obras públicas³⁵, tais como o Centro Cívico de Curitiba, a fundações de espaços culturais como museus históricos, a Casa Rocha Pombo, em Morretes; a Casa João Turin, em Curitiba; A Biblioteca Pública do Paraná³⁶. Realizaram-se, também, melhorias nas estradas e construção da Rodovia do Café – que liga Apucarana à Curitiba e ao Porto de Paranaguá. De acordo com a historiadora Aparecida Vaz da Silva Bahls, que realizou um estudo sobre os monumentos construídos na cidade de Curitiba em razão do centenário, a Secretaria de Viação e Obras Públicas recebeu consideráveis verbas durante os anos 1950, principalmente na administração de Bento Munhoz da Rocha Neto³⁷.

Houve, também, a organização de eventos³⁸ e publicações comemorativas que visavam enaltecer e divulgar a história do Paraná e de sua população. De acordo com Bahls, para organizar as celebrações o governo formou comissões “compostas por profissionais liberais, intelectuais, políticos e funcionários estaduais³⁹”, as principais comissões foram: a “Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná,” responsável pela organização de comemorações populares e de recepcionar as visitas oficiais nacionais e estrangeiras e a “Comissão Especial de Obras do Centenário” (CEOC), encarregada da construção de edifícios públicos, como monumentos do centenário⁴⁰.

A partir das reflexões do filósofo Tzvetan Todorov, pensaremos a produção de discursos comemorativos. De acordo com este autor, existem três tipos de discurso que organizam os vestígios do passado. O da testemunha, que se preocupa com o acontecimento em si, a partir de suas lembranças, podendo omitir, reter, deformar os acontecimentos. O do historiador, que tem o intuito de interpretar e analisar o passado,

³⁵ Na Revista *Ilustração Brasileira* são apresentadas as seguintes reportagens relacionadas a estas obras: “Monumentos de Curitiba”, “A comemorações do centenário do Paraná”, “O monumental Centro Cívico”, “O monumento comemorativo do centenário do Paraná”, “Os estupendos empreendimentos rodoviários paranaenses”. ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA: edição comemorativa do centenário do Paraná. Rio de Janeiro, v. 44, n. 224, dez. 1953. p. 63,190,192,195,244.

³⁶ BAHLS, A. V. S. *A Busca de Valores Identitários: a memória histórica paranaense*. 2007. 207 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2007.

³⁷ *Ibidem*.p.160

³⁸ Na revista *Ilustração Brasileira* há uma lista com os congressos, reuniões e conferências ocorridas em Curitiba no ano de 1953: V reunião nacional de leprologia, II Congresso Brasileiro de proteção a Infância, IX Semana Odontológica Brasileira, II reunião Penitenciária Brasileira, VI Congresso Nacional dos Estudantes Secundaristas, II Congresso Nacional de Ministério Público, II Congresso das universidades Brasileiras, II Congresso Nacional de Folclore, V Congresso de Normas técnicas, II Congresso Brasileiro de Filosofia, II Congresso Internacional do Café, entre outros. ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA: edição comemorativa do centenário do Paraná. Rio de Janeiro, v. 44, n. 224, dez. 1953. P. 138.

³⁹ BAHLS, A. V. S. *op. cit.* p.160.

⁴⁰ *Idem*.

lançando-o um olhar crítico. E o terceiro seria o do comemorador que tem como foco construir uma memória coletiva, ou seja, não tem compromisso com a "verdade" nem com os métodos⁴¹.

(...) a memória, no sentido de vestígios do mnésicos, é sempre e unicamente individual; a memória coletiva não é uma memória, mas um discurso que evolui no espaço público. Esse discurso reflete a imagem que uma sociedade ou grupo dentro da sociedade querem dar a si mesmo⁴².

Nessa perspectiva, tanto o historiador como o comemorador produzem discursos a serem apresentados na esfera pública. Contudo, o historiador submete os vestígios a exames e análises críticas, em busca de seus múltiplos significados, já o comemorador busca adaptar o passado aos seus objetivos do presente. A memória coletiva deve ser entendida, de acordo com Todorov, como historicamente construída por indivíduos em prol de determinados objetivos. No caso dos textos que se apresentam nas fontes selecionadas para este capítulo, é possível perceber a tentativa de se construir uma memória comum que relaciona o passado da chegada dos imigrantes no Paraná com o futuro do estado.

Neste capítulo apresentaremos uma análise de quatro publicações comemorativas, divulgadas em função do I Centenário de Emancipação Política do Paraná, todas com subsidio do governo do Estado. Selecionamos as seguintes revistas: *Ilustração brasileira*⁴³; *Álbum do 1º centenário de emancipação política do Paraná*⁴⁴; *Exposição internacional do café e Feira de Curitiba*⁴⁵; *Boletim da câmara de Expansão econômica do Paraná (edição comemorativa do centenário do Paraná)*⁴⁶. Nossa finalidade é perceber como, por meio da linguagem, são construídos sentidos que classificam a população paranaense e forjam uma identidade para o estado.

1.1 *Ilustração Brasileira*: Memória Oficial e construção de fronteiras identitárias

⁴¹TODOROV, T. Memória do Mal tentação do bem. SP: ARX, 2002. p. 151.

⁴² Idem.

⁴³ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA: edição comemorativa do centenário do Paraná. Rio de Janeiro, v. 44, n. 224, dez. 1953.

⁴⁴ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, 1853-1953. Livraria Globo, Porto Alegre, RGS. Publicação sob o patrocínio da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. 1953.

⁴⁵ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Centenário do Paraná, 1853-1953. Comissão de comemorações e festejos do centenário do Paraná. Curitiba, n° 2, jul. 1953.

⁴⁶ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Paraná: Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. Número do centenário. Curitiba, Ano II, n°3, jan./dez. 1953.

A revista *Ilustração Brasileira* foi fundada em 1909 e editada pela sociedade anônima “o Malho”, na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com a historiadora Geanne Paula de Oliveira Silva, esta revista foi utilizada como “Órgão Oficial da Comissão Organizadora dos Festejos Nacionais”⁴⁷, responsável pela celebração e divulgação de efemérides históricas como a Exposição do Centenário de 1922, do Centenário da Pacificação dos Momentos Políticos de 1842, do Centenário de Dom Pedro II, entre outras⁴⁸. Esta revista tratava da comemoração de datas magnas estabelecidas pelo Instituto Histórico e circulava pela América Latina e pela Espanha⁴⁹. A edição selecionada para este trabalho, contava com a direção de Oswaldo de Souza e Silva e Antônio de Souza e Silva, correspondia, como mencionado anteriormente, à comemoração do Centenário de Emancipação Política do Paraná (1853-1953).

De acordo com Geanne Paula de Oliveira Silva, os fundadores da revista foram Luiz Bartolomeu de Souza e Silva e Antônio Azevedo, diretores da sociedade anônima *O Malho*, em 1909. A família Souza e Silva teria feito parte da direção da revista desde então, inclusive da edição do centenário do Paraná. Ainda de acordo com a historiadora, os autores que colaboravam para a revista eram, em sua grande maioria, membros da academia Brasileira de Letras, a edição analisada segue esta constante. Baseada nos estudos de Ana Maria Mauad, Geanne Silva faz a seguinte afirmação:

Os donos das revistas ilustradas e os intelectuais a elas ligados, segundo afirma Mauad, controlavam um capital simbólico que lhes habilitava participar da vida política do país. Eram, pois, empresários da comunicação e tinham interesse tanto em manter, quanto em ampliar esse capital simbólico e conseqüentemente seu prestígio, para que tivessem garantidos seus lugares na dinâmica social. (Cf. Mauad, 2006) Por isso, como já apontado no decorrer desse texto, as revistas eram disputadas por escritores já renomados e também por aqueles de alguma forma excluídos, mas desejosos de recuperar seu lugar na vida social e política do país⁵⁰.

A *Ilustração Brasileira* publicada em dezembro de 1953 contou, também, com membros da Academia Paranaense de Letras e do Instituto Histórico Geográfico do Paraná, que, assim como afirma Mauad, procuravam garantir seus lugares na dinâmica social e tinham prestígio frente às elites paranaenses.

⁴⁷ SILVA, G. P. O. Revista *Ilustração Brasileira*: texto e contexto. *Horizonte Científico*, v. 2, n. 1, 2008.p.9/10.

⁴⁸ ILUSTRACÃO BRASILEIRA. Op. cit. (Ficha catalográfica).

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ SILVA, G. P. O. op. cit. p. 11.

Dessa forma, antes de iniciar a análise da fonte, cabe apresentar algumas informações sobre o Instituto Histórico Geográfico do Brasil (IHGB) e sobre os seus desdobramentos no Paraná, já que era a instituição responsável por estabelecer a maioria dos marcos históricos abordados pela revista. Este instituto foi fundado em 1839, no Rio de Janeiro, com o objetivo de construir um sentimento de unidade nacional para a população brasileira fundada em um passado comum e em elementos homogeneizadores deste vasto território. Os primeiros institutos eram mantidos financeiramente pelo imperador ou pelos próprios sócios. De acordo com a historiadora Lilia Schwarcz, para os Institutos Históricos Geográficos, “(..) unificar a nação significava a construção de um passado que se pretendia singular (...)”⁵¹. A autora também afirma que “os diferentes centros produziram falas marcadamente regionais, apesar da sua pretensão totalizante”⁵².

No século XIX, a concepção adotada como “história oficial” do Brasil pelo IHGB é a apresentada pelo alemão Carl Friedrich Phillip von Martius, em seu texto premiado pelo instituto em 1847, chamado “Como se deve escrever a história do Brasil”⁵³. Segundo von Martius, a população brasileira seria constituída pelos indígenas, pelos negros e pelos brancos de origem europeia⁵⁴. Neste sentido, o eixo para a construção identitária brasileira passa a girar em torno de sua “formação étnica”. Podemos perceber uma concepção muito semelhante a esta no texto de Romário Martins – renomado historiador paranaense – que será apresentado mais adiante.

No Paraná, o Instituto Histórico Geográfico (IHGPR) foi fundado já no período republicano, de caráter privado, fomentado por seus associados. O historiador Ernando Brito Gonçalves Junior realizou um estudo sobre esta instituição para sua dissertação defendida em 2011. De acordo com ele:

O Instituto Paranaense foi fundado no dia 24 de maio de 1900, em meio às comemorações do quarto centenário do descobrimento do Brasil promovidas pelo Estado do Paraná. Tinha como principal finalidade, de acordo com seu estatuto de fundação, — Coligir, estudar, publicar e arquivar os documentos que sirvam à historiografia do Paraná, promovendo a difusão de seu conhecimento pela imprensa e pela tribuna (BIHGP, 1917, p. 22). Essa passagem do estatuto da instituição paranaense assemelha-se bastante ao estatuto do IHGB já citado acima,

⁵¹ SCHWARCZ, L. *O espetáculo das raças: cientistas instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p.99

⁵² Idem.

⁵³ GUIMARÃES, M.L.S. História e natureza em von Martius: esquadrihando o Brasil para construir a nação. *História Ciência e Saúde – Manguinhos* [online]. 2000, vol.7, n.2, pp.391-413.

⁵⁴ Idem. Sobre o conceito de “Raça” e o mito das três raças ver também: HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

mostrando que o IHGB era o modelo a ser seguido pelos institutos regionais⁵⁵.

Para além de ter o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) como modelo, de acordo com Larissa Rosevics, havia, também, convergências importantes nos ideais políticos das duas instituições (IHGB/IHGPR), devido a uma relação de interdependência entre as elites políticas paranaenses e o governo nacional:

O Paraná do início do século XX era, portanto, um estado com uma emancipação recente, uma população majoritariamente estrangeira e um grupo de brasileiros estabelecidos que desejavam manter a autonomia política e os recursos advindos do governo central. A fundação de instituições públicas e privadas, científicas e culturais, foi o que possibilitou a esses brasileiros formarem uma coletividade, através da padronização de práticas coletivas, da instituição de um passado e de um projeto de futuro para o estado que envolvesse a todos os seus habitantes.⁵⁶

O objetivo do IHGPR não era opor-se ao nacional, mas sim reafirmar-se enquanto parte deste todo. O IHGB e o IHGPR convergiam, portanto, na busca por um passado comum e por elementos constituidores da nação brasileira e da população do Paraná. Rosevics apresenta, também, o perfil dos associados do IHGPR. Tratava-se de representantes das classes dominantes: “líderes políticos, ervateiros, criadores de gado, militares e funcionários públicos (...)”⁵⁷, “homens públicos que estavam dispostos a construir uma sociedade homogênea, a partir dos seus próprios valores e conceitos”⁵⁸, para desta forma, manter e legitimar o status político, econômico e social que tinham.

Estas instituições contribuíram para que se criar e difundir uma visão universalista e unívoca de História. Desta forma, por ser vinculada ao IHGB, a revista *Ilustração Brasileira* contém a carga conceitual adotada pelo instituto. A edição de Dezembro de 1953 dedica-se, como já mencionado anteriormente, à comemoração do centenário de emancipação política do Estado do Paraná (1853-1953). Tem como capa o Escudo do Estado do Paraná representado pelos seguintes elementos: harpia com as asas abertas sobre o brasão, três montanhas, sol, homem em posição de trabalho empunhando uma foice, na sua base dois ramos, um de erva-mate e outro de pinheiro do Paraná.

⁵⁵ GONÇALVES JUNIOR, E. B. *O impresso como estratégia de intervenção social: educação e história na perspectiva de Dario Vellozo (1885-1937)*. Curitiba, 2011. Dissertação de mestrado - Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná.

⁵⁶ ROSEVICS, L. *O Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e a Construção de um Imaginário Regional*. Dissertação de mestrado em Sociologia - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, UFPR, 2009. p.114.

⁵⁷ *Ibidem*. p.115

⁵⁸ *Idem*.



Figura 1: Escudo do Estado do Paraná.

Fonte: PARANÁ, Governo do Estado. Disponível em: <http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=80>. Acessado em: 22/10/2016.

Neste símbolo, estabelecido pela constituição de 1947, vemos representada as riquezas (terra e erva-mate) e a força de trabalho da população que habita o Paraná (Homem em posição de trabalho). Perceberemos, no decorrer da análise, que as narrativas presentes nos textos da revista *Ilustração Brasileira* seguem a mesma perspectiva do símbolo acima, ou seja, visam enaltecer o trabalho, o homem trabalhador e as riquezas econômicas do Estado. O que buscamos aqui é analisar a construção discursiva desse “homem trabalhador paranaense”, que fixa várias características para a população.

No sumário da revista são destacados como assuntos principais nos seguintes tópicos: *Retrato do presidente Getúlio Vargas; Saudação do presidente Getúlio Vargas; Retrato do Governador Munhoz da Rocha Neto; Saudação do Governador Munhoz da Rocha Neto; Mensagens de exaltação ao Paraná; Saudação do prefeito de Curitiba; Retrato do Paraná (de Romário Martins); Chefes de Governo do Paraná (1853-1953); A campanha pela Criação da Província (de Ermelino Leão); Representação Federal do Paraná; O governador do Centenário; Perfil de um estadista (de Hermes Lima); Assembleia Estadual do Paraná; Curitiba em 1853 (de Rodrigo Junior); Instalação da Província do Paraná; a Chegada Do Conselheiro Zacarias a Curitiba; Ao Paraná (por Pedro Calmon); Homenagem a imprensa paranaense; A eminente personalidade de Generoso Marques Vicente Machado (republicano histórico, estadista e grande chefe); O tribunal de Justiça do Paraná; São Maravilhosos os Jardins de Curitiba; O poema que Curitiba inspirou a Hermes Fontes; Curitiba (por Valfrido Piloto); Monumentos de Curitiba; O Dezenove de Dezembro (por Oswaldo Piloto); Contribuição para o estudo*

da evolução histórica e social de Curitiba (por Valtrudes Rodrigues); *Um pouco da Geografia do Paraná* (por José Carlos de Figueredo); *Universidade do Paraná; O centenário da Lei Imperial 704; Paula Gomes (o máximo propugnador da província); O Paraná de 1953; O norte do Paraná (esse assombro de riqueza e progresso); O Porto de Paranaguá; Vila Velha (de Reinhard Maack); Literatura Paranaense; Sete quedas; a colonização do Paraná; Artes plásticas; intelectualidade paranaense; Exposição e congresso internacional do Café; festejos comemorativos do centenário do Paraná; Discursos do Presidente da República e do Governador do Estado.* Além dos artigos destacados no sumário, há vários outros pequenos textos e muitas propagandas⁵⁹.

A própria ordem e os títulos com que as reportagens são apresentadas acabam por enaltecer nomes de governantes e eleger “grandes feitos”, conforme podemos observar nos títulos: *Chefes de Governo do Paraná (1853-1953); Perfil de um estadista; A Chegada Do Conselheiro Zacarias a Curitiba; A eminente personalidade de Generoso Marques Vicente Machado (republicano histórico, estadista e grande chefe).* Esta forma de apresentar a História, estabelece uma continuidade com relação ao passado, em que são selecionados alguns fatos para serem lembrados e comemorados como se fossem toda a história do Paraná. Sobre esta seleção, o historiador Jacques Le Goff faz a seguinte reflexão em sua obra *História e Memória*:

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa os historiadores⁶⁰.

Outra evidência desta perspectiva de história pode ser notada na reportagem *Instalação da província do Paraná*. Nela é feita uma densa descrição de todo o processo de instalação das relações administrativas da nova província a partir das atas da Câmara de Curitiba:

⁵⁹ As propagandas cumprem um importante papel nos periódicos. De acordo com Rafael Saraiva Lapuente, “O reclame vai ser o meio encontrado pelas empresas para dar visibilidade aos seu produtos, se deparando com uma imprensa ávida por lucros, que os acaba recebendo de braços abertos. A formação de uma imprensa fortificada se dará, sobretudo, por uma aliança com essa base de sustentação da propaganda”. LAPUENTE, R. S. *O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos*. 10º Encontro Nacional de História da Mídia. UFRGS, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/view>> Acessado em 25 de maio de 2017. No entanto, as propagandas não estão no enfoque principal deste trabalho, sobre o uso de jornais e a importância da propaganda na imprensa brasileira ver: LUCA, T. R. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, C. B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

⁶⁰ LE GOFF, J. 1924. *História e Memória*. Editora da UNICAMP, 1992.

É pois interessante percorrer os documentos que nos falam desses homens e de suas atividades, fixando o que era, naqueles primeiros momentos de vida paranaense independente, o poder popular que aqui funcionava. Através deles temos uma impressão exata do que era o complexo de problemas e quais as soluções que o consenso dos legisladores buscava, no sentido de ir dotando Curitiba de todos os elementos exigidos por seu progresso⁶¹.

As atas são apresentadas como imparciais e como retrato exato do passado, como se “fixassem” o que realmente era, como verdade. Marcam a importância dos “homens e suas atividades” e exaltam a atividade dos legisladores da época da emancipação, como se tivessem por objetivo único o “progresso”, mas qual progresso? Para qual grupo?

Na página 26 há o artigo *Retrato do Paraná*, do historiador Romário Martins. Antes de apresentar análise de alguns trechos de seu texto, é necessário apresentar algumas informações sobre Martins, de que lugares ele falava. Alfredo Romário Martins nasceu em 1874, seu pai era militar e sua família abastada⁶². Seu Bisavô teria sido médico da família real e seu avô comendador, já na cidade de Curitiba. Seu pai, tenente-coronel José Antônio Martins, fez parte do Clube Literário curitibano e era ligado ao Museu Paranaense⁶³. Portanto, Romário Martins cresceu junto a elites políticas e em um ambiente intelectualizado.

Ao longo de sua carreira esteve envolvido com várias instituições que ditavam os saberes da época. Em 1900 atuou como Superintendente do Ensino Público, no mesmo ano, participou da fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR), presidido por ele cerca de 20 anos⁶⁴. Integrou ativamente o movimento que buscava a fundação da Universidade Federal do Paraná, instituída em 1912. Na década de 1920 dirigiu o Museu Paranaense. Envolveu-se, também, com instituições culturais internacionais como a Sociedade Geográfica de Lisboa e a Sociedade de História Internacional de Paris. Na imprensa paranaense trabalhou nos jornais Diário do Comércio, A República, na revista Ilustração Paranaense, dentre outros⁶⁵.

Além disso, foi eleito deputado estadual por oito vezes, entre os anos de 1904 e 1928. Enquanto deputado estadual, foi autor de várias leis. No que está relacionado a questões de Terras esteve à frente dos projetos que reservaram aos índios terras em

⁶¹ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit.p.43.

⁶² IURKIV, J.E. Romário Martins e a historiografia paranaense. *Educare*, UNIPAR, vol.2 n.2, 2002. p.124.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ CAROLLO, C.L. Romário Martins Biografia Intelectual. In: MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

Palmas, Tibagi, Guarapuava e Rio Negro⁶⁶; elaborou um Código Florestal para o Paraná em 1925, criou leis que regulamentaram o corte de madeira e estabeleceram obrigações para reflorestamento⁶⁷. No que compete ao tema Educação, desenvolveu leis para o ensino ambulante agrícola; criou a Colônia infantil para menores desamparados; criou a escola agrônômica do estado e participou do projeto de uma Escola de Desenho Industrial⁶⁸. Referente Urbanização criou leis que determinavam uma revisão dos limites dos municípios obedecendo a acidentes naturais⁶⁹. Criou, também, leis que estabeleceram símbolos como a bandeira e o brasão de armas do Paraná.

De acordo com seus biógrafos, Luiz Roberto Soares e Cassiana Lacerda Carollo, Romário Martins dedicou-se às pesquisas e estudos sobre as delimitações territoriais do Paraná tendo, inclusive, recebido subsídio do governo estadual para levantamento de documentação no Arquivo Nacional, no Arquivo do Estado de São Paulo e na Delegacia Fiscal de Porto Alegre. Martins faleceu no ano de 1948⁷⁰.

De acordo com o historiador Décio Szvarça, em seu livro intitulado *O forjador: Ruínas de um mito*, o discurso presente nas obras de Romário Martins é responsável por forjar alguns dos principais símbolos e signos associados ao Paraná e a sua sociedade⁷¹. O texto presente na revista *Ilustração Brasileira* foi publicado após a morte do autor. Trata-se, portanto, de um texto selecionado pelos editores da revista visando rememorar e construir determinada memória sobre o passado do Paraná, com base nos símbolos forjados por Martins.

A partir deste breve levantamento biográfico podemos perceber que além da atuação como intelectual, Romário Martins teve significativa atuação na política do Estado do Paraná. Ao longo de sua vida, publicou várias obras dedicadas a história do Paraná dentre as quais podemos citar, *História do Paraná*⁷², *Quantos somos e quem*

⁶⁶ “Em 1909, Romário Martins, apoiado por Telêmaco Borba apresenta um projeto de lei que visava à proteção dos territórios dos índios do Paraná, amparando-os e garantindo-lhes a propriedade perpétua das terras que estavam ocupando e reservando-lhes áreas que pudessem servir aos interesses e sobrevivência de várias etnias indígenas.” VANALI, A. C. O pajé do Tibagi: Telêmaco Borba e sua contribuição à etnografia paranaense. *Revista NEP* (Núcleo de Estudos Paranaenses). Curitiba, dez. 2015, v.1, n.1, p. 275-302.

⁶⁷ SOARES, L.R. Romário: um historiador combatente. In: MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

⁶⁸ CAROLLO, C.L. op.cit.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ SZVARÇA, D.R. *O Forjador: Ruínas de um mito*. Romário Martins. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

⁷² MARTINS, R. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

somos⁷³, *Terra e gente do Paraná*⁷⁴. *História do Paraná*, considerada uma obra canônica, foi a primeira compilação que pretendia apresentar “toda” a História do Paraná em volume único⁷⁵. Este livro foi resultado de uma monografia apresentada ao Ginásio Paranaense em 1898, teve sua primeira publicação em 1899, foi publicada e adotada nas escolas como obra oficial, durante muito tempo foi principal referência sobre o tema. *História do Paraná* foi reeditada outras três vezes – 1937;1943;1995 – uma delas, inclusive, no ano de comemoração do centenário 1953.

O artigo publicado na *Ilustração Brasileira* é basicamente um resumo das formulações de Romário Martins a respeito do Paraná e de sua população. Ele inicia o texto anunciando que se trata de um “Estado de grandes possibilidades, dos mais aquinhoados pela fortuna com recursos naturais (...)”⁷⁶. Marca a abundância de recursos naturais como possibilidade de exploração econômica para atingir “progresso”. Em seguida faz a seguinte afirmação sobre a “formação social” paranaense:

Não teve o homem do Paraná, nos primeiros tempos de sua formação social, senão uma curta fase aventureira, de caudilhismo e gauchismo; de perpetuadoras lindes castelhanas; de agitações defensivas dos seus portos marítimos; de grandes lavouras, como as de cana de açúcar e do café, exigentes de escravaria preada no sertão ou traficada em África⁷⁷.

Na concepção de Romário Martins, o “homem do Paraná” sofreu por pouco tempo com os riscos e perigos da “aventura”, logo se estabeleceu de forma ordeira, pacífica e diferente do restante do país, sem depender de “grandes lavouras” ou de mão de obra escrava. Segue fazendo as seguintes afirmações: “Criou sim, camponeses, de caráter rural, de pequenos proprietários, que possibilitou sua estabilização, que lhe formou a psicologia, que lhe assegurou o equilíbrio de sua vida econômica”. A escravidão e o latifúndio são, desta forma, apagados da história do Paraná, em prol de uma história que valoriza o trabalho árduo realizado por pequenos agricultores, comerciantes e industriais, como podemos observar, também, neste outro momento do texto:

As principais etapas de sua formação se desenvolveram, porém, num ciclo histórico de estabilização sem atritos, capacitadora do trabalho e dos lares sedentários, base de constituição da família, da ordem e do progresso sociais⁷⁸.

⁷³ MARTINS, R. *Quantos somos e quem somos*. Curitiba: Empreza Gráfica Paranaense, 1941.

⁷⁴ MARTINS, R. *Terra e gente do Paraná*. Diretoria Regional de Geografia do Estado do Paraná, 1944.

⁷⁵ GAZETA DO POVO. Com Romário Martins surge o registro histórico do Paraná. Curitiba, 08 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/com-romario-martins-surge-o-registro-historico-do-parana-emk8gu7nwdlkuhngaimmj2ury>. Acessado em 11 de fevereiro de 2016. (Reportagem publicada online).

⁷⁶ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit. p.26.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Idem.

A “ordem e o progresso sociais” são apresentados como sinônimo de desenvolvimento econômico, alcançado devido ao caráter pacífico e trabalhador da população. O trecho silencia diferenças sociais, como se todos tivessem iguais oportunidades de atingir o tal “progresso” devido à esta máxima da “estabilização sem atritos”.

No parágrafo seguinte, outro elemento que contribuiu para o “progresso social” é destacado: “Os mais movimentados acontecimentos, de que foi teatro o território paranaense, ocorreram antes de existir nele qualquer núcleo estável de população branca”. Em seguida cita como exemplo a guerra dos prêa contra os carijós que antecedeu o povoamento de Paranaguá, ainda no século XVI, e as bandeiras⁷⁹. Tais afirmações produzem uma imagem de que os comportamentos conflituosos ocorreram antes da chegada da “população branca”, que trouxe com ela os valores necessários para se construir uma sociedade com “ordem e progresso social”. Tais valores são ressaltados ainda no seguinte trecho:

Sua evolução se fez num ambiente propiciado ao trabalho rural das populações fundamentais e prosseguiu com a colonização de agricultores europeus. Daí as características de sua psicologia social de serena energia construtiva, agremiadora, hospitaleira e pacífica, sem lances de ousadia, mas formadora de persistentes desígnios econômicos⁸⁰.

Na obra *História do Paraná* Romário Martins propõe as seguintes categorias de classificação para a população do Paraná: “Os povoadores fundamentais” (indígenas, portugueses, espanhóis, negros e mestiços) e pelos “Colonos de várias etnias europeias⁸¹”. Podemos observar que estas categorias de análise são utilizadas no fragmento destacado de forma a apresentar a população paranaense em uma linha uma linha sequencial, em que gradativamente há uma evolução econômica e “psicológica” da população paranaense a partir da chegada de europeus. Este aperfeiçoamento “psicológico” é caracterizado pelos adjetivos que homogêizam os seus habitantes “pacíficos” “ordeiros” e “sem lances de ousadia” com talento para os desígnios econômicos.

Nós somos como o Brasil todo, uma sociedade inicialmente resultante das raças brancas, amarela e preta, cruzadas através de trezentos anos de convívio. Do branco ibérico primeiramente e depois de todos os etnos europeus – do norte, do sul, do meio-dia, de oeste e do leste do velho continente. Em quantidade excessas, dada a extensão do nosso

⁷⁹ As entradas e bandeiras serão abordadas mais detalhadamente a frente, neste mesmo capítulo na página 39.

⁸⁰ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit.P.26.

⁸¹ MARTINS, R. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. p.350.

território, é verdade, mas com as quais já fizemos um povoamento sistemático de várias regiões de atividade agrícola e pastoril, que em nosso país se alinham entre as mais numerosas dinâmicas. Estamos pois, ainda neste caso, em situação que nos avanta, em vez de nos diminuir, entre a grande maioria dos Estados irmãos⁸².

Neste trecho, o autor busca ligar a história do Paraná a do restante do Brasil, contudo marca as diferenças ao enfatizar novamente a organização e origem da população como elementos que colocam este Estado em situação vantajada com relação aos outros, marcados pelo histórico de escravidão e com poucos “elementos” brancos e “civilizados” em sua população. Sobre estas narrativas o historiador Márcio de Oliveira afirma que:

Terra de tardia ocupação e expansão demográfica, o estado do Paraná, durante as décadas de 1950 e de 1960 (Balhana et al., 1969; Wachowicz, 1969), foi descrito como “diferente”, basicamente por três razões. Primeiro, porque não teria consolidado o padrão clássico da sociedade luso-brasileira que gravita em torno de relações senhoriais, do grande latifúndio e da monocultura de exportação. Em segundo lugar, porque sua economia, desde os tempos colônias, esteve assentada sobre bases capitalistas. As indústrias da madeira e da erva-mate apresentavam uma estrutura relativamente tecnológica e concorrencial, conjugando trabalhadores livres (os “jornaleiros” que colhiam a erva-mate) e escravos (alguns desses também assalariados), impulsionadas por uma forte atividade comercial (atacadista e varejista) e exportadora. Em terceiro, porque a forte presença do imigrante europeu – sobretudo a partir da década de 1870 – teria modificado substancialmente o perfil populacional do estado, sua cultura e suas relações sociais.⁸³

De acordo com Oliveira, trata-se de uma narrativa que constrói um sentido para a história do Paraná como a de um estado “diferente”, que recebeu “contribuições” de grupos de imigrantes alemães, poloneses, ucranianos, holandeses, dentre outros europeus e asiáticos, classificados como etnias. Pautados nos três motivos elencados por Oliveira, discursos com este caráter foram, e ainda o são, produzidos e reproduzidos, de maneira a construir uma imagem para o Paraná que o caracteriza como “mosaico étnico”. Datas comemorativas relacionadas à imigração⁸⁴, por exemplo, são momentos que colocam em evidência tais discursos.

O homem, a paisagem e a economia eram elementos marcados como “diferentes” dentro de discursos que relacionam o Paraná com o restante do Brasil. Esta “diferença”

⁸² ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit.P.26.

⁸³ OLIVEIRA, M. Imigração e diferença em um estado do sul do Brasil: o caso do Paraná. *Novo Mundo Mundos Novos*. 2007.

⁸⁴ Para citar alguns exemplos: em 2011 houve festejos do centenário de imigração polonesa em várias cidades do Paraná; em 2009 comemorou-se os 180 anos da imigração Alemã no Paraná; em 2015 comemorou-se o centenário da imigração japonesa no Paraná, nas cidades de Rolândia, Cambará, Apucarana, Curitiba.

colaborou para que se criasse uma noção estática de *folclore e tradição*, que busca nestes elementos os símbolos identitários para o Estado. Neste sentido, a identidade da população paranaense construída nos discursos da *Ilustração Brasileira*, bem como nas outras fontes analisadas neste trabalho, é marcada pela construção/marcação da diferença. Kathryn Woodward explica esta relação entre identidade e diferença, em suas palavras:

As identidades são fabricadas por meio da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença⁸⁵.

No caso dos discursos relacionados aos festejos do centenário do Paraná, a população era classificada como “agremiadora, hospitaleira e pacífica” graças à “colonização de agricultores europeus”. Este fator era o que diferenciava o Paraná do “padrão clássico da sociedade luso-brasileira” e do qual dependia a construção identitária da população que nele se fixava.

Esta ideia foi reforçada constantemente por ações e investimentos do governo do Paraná deste período, Bento Munhoz da Rocha Neto. Esta administração retomou interesse no investimento em colonização estrangeira. Witmarsum composta por menonitas⁸⁶, Castrolanda, povoada por holandeses, e Entre Rios, colonizada pelos chamados suábios do Danúbio, são algumas das colônias compostas por europeus, instaladas por este governo⁸⁷.

Mais adiante, na página 161 da revista, nos deparamos com uma reportagem sobre o distrito de Entre Rios, intitulada: *Frutos da nova orientação agrária: a colonização alemã no planalto de Guarapuava*. Este distrito estabelecido, no governo Bento Munhoz da Rocha Neto, é caracterizado pela reportagem como “magnífico empreendimento colonizador⁸⁸”. É mencionada na reportagem que a colonização dos suábios teve apoio financeiro de um grupo de industriais suíços, a Ajuda Suíça a Europa, além do incentivo do Governo do Estado do Paraná. As intenções do governo são expressas no seguinte trecho: “Uma intensa e racional exploração das zonas interiores de grande fertilidade é

⁸⁵ WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.

⁸⁶ STEIN, M. N.; SANTOS, R. C. R.; SANTOS, D. L.; WENTZ, L. K. . Natureza, Discursos e identidades: Indagações acerca de Narrativas da Trajetória de Imigrantes Menonitas em Santa Catarina e no Paraná (século XX). *Anais do 2º Simpósio internacional de História Ambiental*. UFSC. 2012.

⁸⁷ ELFES, A. *Campos Gerais: Estudo de Colonização*. Curitiba: INCRA, 1973.

⁸⁸ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit.p.161.

que pretende o atual governo do Estado (...) ⁸⁹”. Para atingir tal objetivo “(...) os suábios trouxeram consigo tratores, caminhões, máquinas agrícolas e outros instrumentos de utilização agrária ⁹⁰”. Dialogam com a reportagem, as seguintes imagens:



Figura 2: Imigrantes camponesas estabelecidas em Entre Rios - Guarapuava.
Fonte: ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA: edição comemorativa do centenário do Paraná. Rio de Janeiro, v. 44, n. 224, dez. 1953.p.161.



Figura 3: Colheita do trigo na colônia Entre Rios.
Fonte: ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA: edição comemorativa do centenário do Paraná. Rio de Janeiro, v. 44, n. 224, dez. 1953.p.161.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Idem.

A primeira imagem apresentada acima (Figura 2) retrata três mulheres sorridentes, com trajes de camponesas europeias, em frente a uma plantação de trigo. Ela é acompanhada da seguinte legenda: “Há um sorriso permanente iluminando os trigais da Colônia Entre Rios – Guarapuava – Paraná”. Na imagem subsequente (Figura3) aparecem dois homens realizando a colheita do trigo, com a seguinte legenda: “Carroções tipo europeu cobrem-se do ouro dos trigais do Paraná”. Podemos observar que a função do trabalho pesado é retratada como masculina, ao passo que as mulheres sorriem satisfeitas com as riquezas conseguidas do plantio. Os “carroções do tipo europeu” são enfatizados como tecnologia agrícola. É dado um destaque especial à cultura do trigo. Os historiadores Jó Klanovicz e Monique Gärtner problematizam os discursos técnicos que definem uma identidade para os autodenominados suábios do Danúbio como representantes da agricultura moderna. De acordo com eles:

Uma leitura mais atenta das comemorações mostra que há um outro ímpeto marcante, que é o de enfatizar os triunfos da modernização agrícola, da mecanização do campo, da valorização da ética do trabalho rentável, da agricultura orientada para o capital, bem como da tecnologia como elemento fundamental de transformação da paisagem “brasileira” em paisagem “europeia” representada por culturas agrícolas como o trigo, primeiramente, ou da cevada em períodos posteriores⁹¹.

Em outro artigo de Gärtner escrito em parceria com o historiador Ariel José Pires, eles afirmam que a colonização recebeu o incentivo especialmente do governo alemão para a compra de maquinário agrícola destinada ao cultivo de trigo. No entanto as produções deste cereal não deram tanto retorno devido às más condições do solo e ocorrências de geadas tardias e inesperadas⁹².

Sobre o grupo de imigrantes estabelecidos em Entre Rios, podemos ainda, citar o trabalho do historiador Marcos Stein que busca perceber como a identificação “suábios do Danúbio” é elaborada e imaginada pelos moradores da “colônia Alemã”⁹³. Em uma de suas análises, este autor afirma que os discursos que enaltecem o sucesso econômico dos

⁹¹ KLANOVICZ, J.; GÄRTNER, M. Pensando memória ambiental e paisagens transformadas no sul do Brasil: os suábios do Danúbio na mata atlântica. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 9, n. 1, jan.-jun., 2016

⁹² GÄRTNER, M.; PIRES, A.J. História, memória e identidade; considerações acerca da ocupação na região de Entre Rios feita pelos suábios do Danúbio no Paraná (1951 - 1971). *Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)*, v. 2 nº 1 p.54-66 jan./abr. 2011 ISSN 2177-6644.

⁹³ STEIN, M. N. op. Cit. p. 31.

imigrantes de Entre Rios, representado pela produção de trigo, reforçam a imagem do distrito como um exemplo para o Paraná e para a sociedade Brasileira⁹⁴. Isto pode ser verificado também nos trechos e imagens reproduzidos anteriormente.

Retornando a análise do fragmento selecionado, em determinado momento é mencionado que o governo incentiva uma exploração “racional” do solo, “a fim de que se possa contrabalançar a fuga do colono para a Capital, num ilusório reflexo dos ganhos fáceis que se verificaram durante o período de guerra”. Podemos notar que a culpa da evasão dos colonos para os grandes centros urbanos é atribuída a um “reflexo” de comportamento, adquirido na Europa durante o período de guerra, em que as pessoas buscavam seu sustento nas fábricas. Nada é mencionado acerca das dificuldades com relação à baixa produtividade agrícola nos primeiros anos de colonização.

Outra observação é possível de ser feita com relação a escolha das imagens. Pautado nos estudos da historiadora Ana Maria Mauad⁹⁵, Reginaldo Aparecido dos Santos faz a seguinte colocação respeito da análise de imagens:

Para a autora, a escolha de determinado conjunto fotográfico “(...) revela todas as implicações culturais e ideológicas do processo em questão, tendo em vista que a imagem elaborada coloca-se como escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis”. A autora ainda destaca que as imagens são histórica e socialmente construídas e que, dependendo das variáveis existentes, produzem diferentes visões de mundo e referências sobre o momento vivido⁹⁶.

Levando em consideração estas reflexões, podemos perceber que se procura construir uma imagem de prosperidade para a colônia de Entre Rios, com finalidade de reforçar discursos comemoradores e de selecionar qual “memória” se deve ter a respeito do Paraná. A escolha deste conjunto de fotografias revela “implicações culturais e ideológicas”, que podem, também, ser observadas no seguinte trecho do texto:

Esse movimento é realizado sem alarde, com a preocupação única de promover o bem estar e valorizar trabalho do homem nativo, observando o sábio e salutar princípio de que pequena propriedade encerra o valor moral de beneficiar o maior número, uma vez que reclama a densidade demográfica⁹⁷.

⁹⁴ STEIN, M. N. História e etnicidade: apontamentos sobre a produção de narrativas identitárias em uma colônia de refugiados da Segunda Guerra Mundial no Paraná. *Reflexão e Ação*. Revista do departamento de História e do Programa de Pós Graduação em Educação UNISC. v. 18, n.1, 2010.

⁹⁵ MAUAD, Ana Maria. *Sob o Signo da Imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Tese de doutorado, 465 f. UFF, CEG, IHF, Programa de Pós graduação em História, Niterói 1990.

⁹⁶ SANTOS, R. A. *Narrativas urbanas: cidade, fotografia e memória, Toledo-PR.(1950-1980)*. Dissertação de mestrado em História, 174 f. Programa de Pós Graduação em História, Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2010.

⁹⁷ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit.p.161.

A revista procura valorizar a pequena propriedade caracterizando-a como “sábua” e “salutar” e que beneficiaria o coletivo. Deste ponto de vista, a vinda de imigrantes europeus contribuiria para o “bem estar” da população, pois auxiliaria o “homem nativo” a aprender a lidar com este tipo de economia, além de contribuir para o aumento da densidade demográfica. Trata-se da defesa de um projeto político do governo de Bento Munhoz da Rocha Neto, que acreditava que a chegada da população branca traria além de benefícios para a produção agrária, valores morais que contribuiriam para que a população nativa se tornasse ordeira e trabalhadora. Podemos notar, neste sentido, uma semelhança com a concepção de “evolução psicológica” da população paranaense a partir da chegada de europeus, mencionada no texto de Romário Martins, analisado acima⁹⁸.

Outro texto da revista que ressalta o papel do imigrante europeu na sociedade paranaense intitula-se: *Os Poloneses e o Paraná*. Este artigo é de autoria de Edwino Tempski, de ascendência polonesa, médico e deputado estadual na época da publicação. Ele começa o texto indicando os nomes que geralmente são citados como os primeiros poloneses a aportarem no Brasil para prestarem serviços ao exército. Na concepção de Tempski, a vinda desses primeiros poloneses não representa um “marco da emigração” deste povo, pois vieram isoladamente.

Em seguida, explica que a primeira imigração em massa de poloneses teria ocorrido devido a invasões e guerras em seu território, no final o século XIX. Elege como “marco” da imigração polonesa para o Brasil a chegada Jeromin Durski que, junto de sua família, aportou em Santa Catarina, no ano de 1853. Dito isto, o autor passa a narrar a história deste homem. Conta que Durski veio para o Paraná pouco tempo depois de sua chegada. Narra os feitos deste homem com relação à educação do povoado em que habitou no município de Campo Largo, onde se dedicou a lecionar língua portuguesa:

Educou os seus filhos e aos seus alunos de maneira a inculcar-lhes sadios princípios de patriotismo, de amor e respeito às cousas e aos problemas da terra que, embora não sendo o seu berço natal, se constituiu em sua verdadeira pátria, aquela em que um dia para sempre repousaria⁹⁹.

Sobre este trecho, podemos falar da continuidade estabelecida entre passado e presente. A historiadora Helenice Rodrigues, ao tratar sobre comemorações nacionais, afirma que os acontecimentos “rememorados” visam o devir, pautados nas necessidades

⁹⁸ Aprofundaremos mais as concepções do governador Munhoz da Rocha Neto na análise no tópico História do Paraná volume I: Percepções sobre progresso e modernidade. p. 59.

⁹⁹ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit.p.158.

de seu presente e estabelecendo uma ligação com um determinado passado selecionado. Segundo ela: “Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal¹⁰⁰”. A forma como o povo polonês é tratado no texto estabelece que valores como “patriotismo” e “respeito às cousas”, teriam sido aprendidos com o polonês e teria se firmado na sociedade ao longo do tempo e através das gerações.

Na sequência do texto, o autor afirma que a chegada do “primeiro Polonês” ao Brasil deve ser celebrada junto às comemorações do centenário do Paraná, pois seria uma forma de manifestar gratidão a um homem “de mérito inquestionável do progresso maravilhoso que ora se constata no Estado do Paraná¹⁰¹”. Cabe aqui nos remetermos as reflexões realizadas por Michael Pollak, que aborda em suas pesquisas, processos que interferem na construção da memória coletiva. De acordo com este autor, a escolha de determinados acontecimentos como “marcos históricos” é pautada na seleção de alguns fatos e no esquecimento/silenciamento de outros. Em suas palavras: “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis¹⁰²”.

Neste sentido, o texto sobre os poloneses e o Paraná acaba por marcar fronteiras sociais que separam as pessoas com esta origem de outras que se estabeleceram – ou já estavam estabelecidas – no Paraná. Isto acaba produzindo uma imagem de “coesão” deste grupo na sociedade, mesmo cem anos após a chegada do dito “primeiro polonês”, tratando suas características morais como algo inato de sua “etnia” e que teriam sido transmitidas aos seus descendentes. Trata-se da celebração da diferença e nunca da mistura. Abaixo analisaremos mais alguns trechos deste texto em que podemos perceber esta mesma característica. O texto segue associando o centenário da chegada de Jeromin Durski ao Brasil ao I Centenário do Estado do Paraná como datas que representariam o “progresso” da região. A partir disto, se propõe a apresentar um resumo da trajetória dos poloneses no Brasil. Em determinado momento do texto é feita a seguinte descrição da transformação das terras do Paraná, promovida pelo trabalho dos poloneses:

¹⁰⁰ SILVA, H. R. “Rememoração” /comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V.22, nº 44, 2002.

¹⁰¹ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit.p.158.

¹⁰² POLLAK, M. Memória esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. Vol. 2. N. 3, 1989. p. 07.

Os que lutaram pelo porvir, por um destino mais fulgurante das terras paranaenses, hoje em dia, quando aos primeiros assomos da primavera ao percorrer as outrora abandonadas e despovoadas terras planícies e matas, quando se defronta com as imponentes imagens dos terrenos cultivados, maravilhosamente rendilhados numa sucessão interminável de vastos centeios ora verdejantes, ora dourados, emoldurados pelas sombras das florestas amigas e protetoras, sente-se possuído de entusiasmo incontido de exultante alegria, de orgulho e contentamento¹⁰³.

A prosperidade na produção agrícola é atribuída aos que “lutaram pelo porvir” de uma terra “abandonada” e “despovoadas”. O território é apresentado como um “vazio demográfico¹⁰⁴” e o “emigrante polonês” como perseverante em tornar o destino das terras paranaenses mais “fulgurante”. Notamos que a revista afirma a existência de uma crença no trabalho enobrecedor, por parte dos poloneses.

E em meio disso, como que pontilhando esse majestosos tapetes, de distância em distância, a beira das estradas, as pequeninas e brancas casas, imensas em jardins floridos e perfumados. Essa é a casa do emigrante polonês.

Aí está o heroico agricultor, que em tão boa hora o destino conduziu ao nosso solo. Lá está igualmente sua bondosa esposa, sua companheira de todas as lutas e jornadas, e cercanda-a entre o alarido feliz e sadio, acriançada loura de olhos azuis, gorda e viçosa, amadurecendo sob o sol fertilizante, para o amanhã, para um futuro grandioso, da pátria brasileira¹⁰⁵.

Neste trecho podemos notar que é enaltecida a figura do agricultor polonês apresentado como “heroico”. Podemos também perceber a construção e fixação de relações de gênero, pois o homem cuidava das funções agrícolas enquanto a mulher, “bondosa esposa”, cuidava das crianças e é apresentada como “companheira”, ao passo que o homem aparece como sujeito atuante na transformação do ambiente.

As características físicas como cabelos loiros e olhos azuis são enfatizadas como perfil das crianças que representam um “futuro grandioso” para a nação. O discurso que constrói uma visão de futuro da população brasileira com características morfológicas pode ser relacionado com a “ciência eugênica” que “tinha como pressuposto a ideia de que os caracteres mentais e, sobretudo, a inteligência eram hereditários ao mesmo título que os caracteres físicos¹⁰⁶”. Tal pressuposto embasou ideias como higiene racial que

¹⁰³ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit.p.159.

¹⁰⁴ Este conceito será problematizado na página 73 deste trabalho.

¹⁰⁵ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit.p.159.

¹⁰⁶ GIAROLA, F. R. Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico. História e- história. 24/08/2010. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313>> acessado em: 09/07/2016>.

consistia no cruzamento de populações em busca da “pureza da raça”. Segundo Lilia Schwarcz, na década de 1870 houve a entrada simultânea de teorias como positivismo, darwinismo e evolucionismo no Brasil. Isso fez com que se criasse uma percepção unívoca das mesmas, de tal forma que a noção de evolução social funcionou como um paradigma da época, acima das especificidades das diferentes escolas¹⁰⁷. Sobre a entrada do pensamento eugenista no Brasil, por exemplo, Beatriz Anselmo Olinto faz a seguinte afirmação:

Para pensar a eugenia no Brasil, é necessário não se prender a concepção de ser essa apenas uma cópia de um ideário europeu. As leituras realizadas neste país foram produtoras de novas clivagens e ricas adaptações, que buscavam moldar essas concepções em forma de resposta ao que era percebido como problemática da nacionalidade¹⁰⁸.

As percepções racializadas desenvolvidas pela ciência do final do século XIX e início do século XX eram guiadas por motivações políticas e relações de poder que visavam legitimar a superioridade de uma “raça” sobre outra e justificar a dominação imperialista¹⁰⁹. A recepção das leituras relacionadas às teorias raciais no Brasil passou por adaptações e clivagens que visavam evolução social e progresso, paradigmas que podem ser percebidos, dentre outros, na fala de intelectuais e autoridades, como Bento Munhoz da Rocha Neto e Edwino Tempski.

No final do artigo de Tempski há o seguinte fragmento: “Em todos os recantos do trabalho, em todas as profissões e artes, em todos os meios sociais, nas corporações legislativas, encontramos hoje os descendentes de poloneses¹¹⁰”. Os descendentes de poloneses são colocados como modelo de cidadãos que deram certo, que exercem cargos importantes da sociedade, ou seja, como se tivessem cumprido seu papel de trazer “evolução social” e um “futuro grandioso à pátria brasileira”.

Há um momento na revista em que várias etnias são destacadas. Trata-se de uma nota pequena, no meio de uma página com várias fotografias de desfiles e apresentações de grupos folclóricos:

¹⁰⁷ Ibidem. p. 43.

¹⁰⁸ OLINTO, B. A. *“Pontes e Muralhas”*: diferença, lepra e tragédia (Paraná início do século XX). Tese de doutorado: UFSC, 2002. p. 117. Neste trabalho também há exemplo de conflitos nas relações entre os imigrantes poloneses e de outros grupos.

¹⁰⁹ HOBBSAWN, E. J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

¹¹⁰ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit.p.279.



Figura 4: A participação das etnias estrangeiras nos festejos do 1º Centenário do Paraná.
 Fonte: ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA: edição comemorativa do centenário do Paraná. Rio de Janeiro, v. 44, n. 224, dez. 1953.p. 198.

O texto no centro da página diz:

De colorido, extremamente belo foram as festas dos vários grupos étnicos que concorrem para a formação do Paraná. Um grandioso desfile muito elogiado pelo Sr. Presidente da república e demais visitantes, e diversos lindos festivais folclóricos constituíram expressivas demonstrações de solidariedade e gratidão para com a terra jovem, bonançosa e fértil que tem sabido acolher e absorver os elementos alienígenas. Nesta página apresentamos alguns aspectos daquela participação das etnias germânica, polonesa, japonesa, italiana, ucraniana, sírio libanesa, francesa, holandesa e das comunidades portuguesa e britânica¹¹¹.

¹¹¹ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op. cit. p.198.

A escolha de determinada memória para ser cristalizada e constantemente rememorada reflete um exercício de poder¹¹². Dito isto, cabe lembrar que a *Ilustração Brasileira* era um veículo de imprensa oficial. No caso do Paraná, pretendem deixar registrados os traços de cada “etnia” na constituição física e moral da população paranaense. Reforçam a presença de “etnias germânica, polonesa, japonesa, italiana, ucraniana, sírio libanesa, francesa, holandesa e das comunidades portuguesa e britânica”, fortalecendo a ideia de que o Paraná é um mosaico étnico-cultural.

Outro ponto bastante valorizado nesta revista é a produção de café, que atingiu seus picos na década de 1950 até o início dos anos de 1960, no Paraná¹¹³. Na revista *Ilustração Brasileira*, são apresentadas seis extensas reportagens relacionadas ao plantio de café no Estado, destas, separamos um trecho da matéria intitulada: *Norte do Paraná: este assombro de riquezas e de progresso*. Na primeira parte deste artigo, é narrado como foi realizada a colonização da região norte do Paraná, por meio de concessões de terras à Companhia de Terras do Norte do Paraná, que vendia aos colonos. É mencionado o significativo aumento populacional na região, mas o que recebe maior destaque no texto são empreendimentos governamentais como a Estrada de Ferro Central do Paraná ou “o imenso potencial da terra roxa”, diferentemente das reportagens relacionadas à colonização estrangeira em que a figura do agricultor e seu biótipo recebem destaque:

Inteirada na vida paranaense, essa massa humana que ali reside e labuta, está colaborando eficazmente para que o Paraná, ao comemorar o seu Primeiro Centenário, faça-o brilhantemente. A principal atividade da zona, a cafeicultura, vai ser um dos elementos básico do programa das comemorações. A exposição e o congresso mundial do café de Curitiba, confere ao norte lugar preponderante, nessas comemorações. Por outro lado, significam a presença do Norte e de sua laboriosa gente, nas comemorações do centenário¹¹⁴.

Como podemos constatar, a origem das pessoas do norte não é mencionada. Sua identificação se dá a partir da construção de uma imagem que as retrata como trabalhadores.

Cabe ressaltar que além dos estrangeiros, o território paranaense foi palco em que se fixaram pessoas de várias regiões brasileiras. O oeste e norte do estado são exemplos

¹¹² CHAGAS, M. Cultura Patrimônio e memória. *Congresso internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus*. Imprensa oficial do Estado, São Paulo, 2002.

¹¹³ MARSON, E.R. No limiar do horizonte: manifestações e discursos divisionistas Norte/Sul e política integracionista no Paraná (1920-1975). Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Assis, Faculdade de Ciências e Letras de Assis.2005.

¹¹⁴ ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Op.cit.p.102.

deste tipo de ocupação para onde se encaminharam pessoas do Rio Grande do sul, de São Paulo e da região nordeste do Brasil¹¹⁵. Quando se trata dos habitantes do norte do Paraná, a origem não parece tão relevante na formação de valores morais, como no caso de outras regiões.

Os discursos sobre o passado do Paraná apresentados nas reportagens acima para as celebrações do I centenário criam uma imagem para a população do estado. Alguns grupos como alemães, poloneses, italianos são destacados em detrimento de outros, como a população nativa que já se encontrava no atual território paranaense antes da chegada dos imigrantes. A população vinda de outras regiões brasileiras para habitar o norte do Paraná, tão enaltecido pela produção de café, também recebe pouco destaque. A identidade construída para o Paraná nas páginas da Revista *Ilustração Brasileira* é a de um estado com povoamento “organizado”, constituído por uma população de maioria branca e europeia, desde o início baseado em trabalho livre e assalariado, aberto a influências externas, “terra de todas as gentes¹¹⁶”. Este veículo oficial de imprensa cria representações sobre a população que se estabeleceu no Paraná e sobre os futuros paranaenses classificados como pacíficos, ordeiros, hospitaleiros e trabalhadores.

1.2 “Um refúgio ideal para imigrantes”: Álbum do 1º Centenário de Emancipação Política do Paraná

Outro material publicado em meio as comemorações do centenário do Paraná foi o um álbum patrocinado pela Câmara de Expansão Econômica do Paraná, órgão estatal responsável por levantar dados e incentivar relacionados a produção comercial, industrial e agropecuária¹¹⁷. Trata-se de uma publicação com 234 páginas, que contém 8 artigos com os seguintes títulos: *Sinopse histórica do Paraná; A literatura paranaense; Cem anos de ensino no Paraná; As artes plásticas e a música no Paraná; A cidade paranaense; A ciência no Paraná; Núcleos imigratórios e sistemas coloniais no Paraná; Aspecto gerais e econômicos do Paraná*. No final de cada texto são apresentados resumos em espanhol, inglês e alemão. Além dos artigos, a revista apresenta o documento com a

¹¹⁵ GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel: Edunioeste. 2002. WACHOWICZ, Ruy C. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1995. TOMAZI, Nelson D. *Norte do Paraná. História e Fantasmagorias*. Tese (doutorado em História) Curitiba: UFPR, 1997.

¹¹⁶ SANTOS, R.C.R. op. cit. p.31.

¹¹⁷ OLIVEIRA, M. C. M. Medidas do governo Vargas e repercussões na educação do Paraná. *Ideação*. Revista do Centro de Educação e Letras UNIOESTE Campus FOZ DO IGUAÇU v. 8 - nº 8 p. 41-54, 2006.

lei de criação da província do Paraná e uma mensagem do governador Bento Munhoz da Rocha Neto dirigida à assembleia legislativa do Paraná no ano de 1953.

Destes oito artigos, selecionamos dois, *Núcleos imigratórios e sistemas coloniais no Paraná* e *As artes plásticas e a música no Paraná*. O primeiro de autoria de José Nicolau dos Santos, professor dos cursos de direito e geografia na Universidade do Paraná, diretor do Colégio Estadual do Paraná, na época da publicação. O segundo é fruto dos estudos de Nelson Luz, professor no Curso de direito da Universidade do Paraná e da área de arte na Escola de Música e Belas Artes, na época da publicação. Escolhemos estes dois artigos por conterem trechos que chamam atenção por construírem representações coletivas sobre a população paranaense.

Em *Núcleos imigratórios e sistemas coloniais no Paraná*¹¹⁸ é apresentada uma narrativa dividida da seguinte forma: Conceito de colonização; Paraná – A terra do Homem; A colonização do Litoral; A subida do Planalto; A colonização espanhola; Origem da colonização Portuguesa; Origem dos núcleos migratórios estrangeiros; Esperanças e desenganos; O Paraná descobre o norte; A regressão das distâncias; Colonização e comunicação; Paisagem pioneira; A policultura nortista; Novos tipos de colonização; Colonização e cooperativismo; Fundação paranaense e Migração e colonização; A corrida para Noroeste.

No primeiro item do artigo, “Conceito de colonização”, é apresentada a disputa travada por dois intelectuais em torno do significado do termo colonização. Trata-se de uma disputa filológica entre o escritor Prof. Carlos Laet e o historiador Prof. Justiniano de Melo e Silva, que começou quando, em 1885, o Presidente da província do Paraná Vicente Taunay pediu que se extinguissem os termos colono e colônia e os substituíssem por imigrante e núcleo, devido às conotações pejorativas atribuídas aos termos substituídos. Laet discorda da mudança e Melo e Silva defende o posicionamento do presidente Taunay.

Após apresentar a discussão, José Nicolau dos Santos afirma que apesar das controvérsias, as leis e decreto leis do Estado brasileiro adotam os termos colônia e colonização e conclui da seguinte forma: “O sentido moderno de colono, colonização e núcleo colonial ficou, portanto, prévia e convenientemente esclarecido pela própria legislação brasileira, que superou extinguiu as divergências doutrinárias sobre o assunto.”

¹¹⁸ O mesmo texto foi publicado, também, na revista *Guia Globo*, também de patrocínio estatal. GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Guia Globo Paraná de Importação e Exportação (1953-1954). Porto Alegre: Clarim, 1953.

Podemos supor que o autor do artigo tenha começado o texto dessa forma devido a dois motivos. Por um lado, para evitar críticas quanto aos termos por ele adotados no texto, por outro, para mostrar que não há nenhuma vergonha em ser chamado colono, já que se trata do termo adotado pela legislação brasileira que, para ele, está acima das “divergências doutrinárias”.

No tópico seguinte, “Paraná – Terra do Homem”, o autor discute algumas disputas que levaram a formação territorial do Paraná. Antes de abordar aspectos deste fragmento do texto, é importante pensar na forma com que nos é apresentado o título. Não só nesta fonte, como em todas as outras apresentadas nesta dissertação, há a construção de uma imagem masculinizada para os habitantes do Estado. A historiadora Margareth Rago classifica a linguagem utilizada pelas ciências humanas como excludente, pois: “Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexual-civilizado-do-Primeiro-Mundo, de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência¹¹⁹”. Para além deste ponto, há também, a atribuição de papéis sociais de maior peso e importância para os homens na sociedade paranaense, afinal são eles que ocupam os lugares de políticos, intelectuais, empresários de destaque. É conferido a este homem maior prioridade e valorização a esfera pública.

Podemos notar que o autor adere à divisão mais popular da história do Paraná que está separada em: entre colonização espanhola e portuguesa, bem como entre o Paraná tradicional e moderno¹²⁰. Neste tópico a discussão está centrada nos séculos XVI e XVII, dessa forma, a primeira divisão apresentada por ele é a registrada no Tratado de Tordesilhas, que dividia o Brasil entre portugueses e espanhóis. Narra em tom de epopeia à chegada dos portugueses:

Não era da índole dos mareantes de Sagres estacionar nas areias praianas de um grande continente, fincar a sua tenda de repouso e sonolência na encosta delgada de um Novo Mundo. Os bandeirantes foram “os lusíadas dos sertões”, no dizer elegante de Pedro Calmon. Deviam prosseguir pela terra a dentro a sua jornada não finda dos mares singrados e vencidos¹²¹.

O espírito desbravador é naturalizado como parte da índole dos portugueses adjetivados como “mareantes de Sagres” e “lusíadas dos sertões”. Na perspectiva de José

¹¹⁹ RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 25-37, 1998.

¹²⁰ Aprofundaremos um pouco mais este modelo comumente adotado pela historiografia no subcapítulo: História do Paraná volume I: percepções sobre progresso e modernidade, p.59.

¹²¹ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, 1853-1953. Livraria Globo, Porto Alegre, RGS. Publicação sob o patrocínio da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. 1953.p.91.

Nicolau dos Santos, além de grandes navegadores – ao fazer referência à escola de Sagres – os portugueses eram também desbravadores das terras. Podemos verificar que na ótica de José Nicolau dos Santos a garra dos portugueses fez total diferença para que as terras do Paraná fossem incorporadas ao Brasil, e que esta garra parece ser uma característica intrínseca dos colonizadores.

O artigo segue com várias colocações do autor que enaltecem a figura de Raposo Tavares e Manuel Preto, bem como a realização das Bandeiras paulistas e Entradas–expedições organizadas por descendentes portugueses ou financiadas pela coroa portuguesa, no início do século XVII, com a finalidade de explorar, demarcar limites, capturar e escravizar indígenas¹²² –, como podemos observar nos seguintes trechos:

Uma sucessão de fatos históricos permitiram que a aventura náutica revivesse na selva com as Entradas e Bandeiras, não menos intrépidas no seu afã de vadear novos rios, transpor outras montanhas, reconhecer outros horizontes, defrontar novos perigos, inspirar novos poemas (...) ¹²³.

Impávidos e titânicos, de mochila às costas e de arcabuz ao ombro, vão eles deixando para trás a sepultura dos mortos, o rasto dos caminhos, os suores vertidos, as canseiras superadas, o medo esquecido, o sangue coagulado, enfim, a fronteira imposta e já transposta de Tordesilhas¹²⁴.

Ao pioneirismo hispânico e pacífico dos Jesuítas sucedeu o bandeirantismo paulista e violento de Raposo Tavares e Manoel Preto. Violento, mas heroico. Brutal e ímpio sob a visão de um ângulo, mas sem dúvida corajoso, épico, construtivo sob interpretação de outros prismas sentimentais¹²⁵.

Mesmo reconhecendo a violência das expedições, José Nicolau dos Santos as considera heroicas e necessárias para estabelecer as fronteiras brasileiras e para que o território paranaense se tornar “luso-brasileiro¹²⁶”. Além de naturalizar a coragem como se fosse inerente ao português que colonizaram o Brasil, minimiza os danos e as mortes causados pelos bandeirantes à cultura indígena, trata isso como um mal necessário.

Pudemos observar na revista *Ilustração Brasileira*, analisada no subcapítulo anterior, que o homem paranaense como pacífico, ordeiro, hospitaleiro e trabalhador e

¹²² Mais informações sobre bandeiras, entradas e organização política do Brasil colonial ver: FAORO, R. Os donos do poder: formação do patronado político brasileiro. 10. ed. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.

¹²³ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, 1853-1953. Op. cit. p.91.

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Ibidem. p.93.

¹²⁶ Ibidem. p.91.

que a chegada dos grupos eslavos ao Paraná é fortemente celebrada¹²⁷. No texto de Santos, vemos a construção de uma nova fronteira discursiva. Constrói-se uma identidade para os europeus de origem lusa e hispânica, os bandeirantes, que não medem esforços para saciar seu ímpeto desbravador. A frase anterior à chegada dos eslavos, é apresentada como uma “febre aventureira¹²⁸”.

No tópico do texto denominado “A origem dos núcleos imigratórios estrangeiros”, Santos apresenta, brevemente, como a colonização se organizou no Brasil desde a chegada da família real. Divide as políticas imigratórias em três fases: imigração desejada e solicitada (1818), imigração livre (1885), fase de imigração controlada (1934). Santos se propõe a apurar a “pura e simples determinação das origens históricas e atuais posições geográficas” de cada grupo étnico que se fixou no Paraná.

Apresenta em ordem cronológica a quantidade de famílias alemãs, polonesas, ucranianas e italianas, bem como a localização dos núcleos coloniais em que se estabeleceram e eventualmente sua qualificação profissional, vinculada à agricultura. Em seguida, cita os “pequenos grupos étnicos”, que chegaram em menor número, austríacos, ingleses, suecos, holandeses, islandeses, espanhóis, noruegueses, russos, sírios, libaneses, paraguaios, argentinos, lituanos, egípcios, japoneses, búlgaros, românicos e gregos. A colônia de Entre Rios e a prosperidade dos alemães com o trigo é novamente retratada em frases como: “Seis meses após a chegada dos colonos alemães a Entre Rios, já balouçavam ao sol e ao vento as louras e fartas espigas dos trigais¹²⁹”. A mecanização do campo e a modernização das técnicas é associada à chega dos imigrantes na seguinte frase: “As máquinas lavram os campos férteis de Guarapuava. O governo do Estado promove o desenvolvimento agrícola dos núcleos imigratórios, facilitando-lhes a aquisição de aparelhagem especializada¹³⁰”.

É pertinente destacar aqui que Santos define “etnia” como sinônimo de nacionalidade, o que nos remete as reflexões de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, que apresentam um panorama histórico sobre a carga de significados que a palavra “etnia” adquiriu com o tempo. Sobre sua relação com a ideia de nação, estes autores apresentam as concepções de Oriol, Balibar, Smith e Hobsbawm, a partir das quais

¹²⁷ Estas características poderão ser observadas, também, nas fontes analisadas nos próximos tópicos deste trabalho.

¹²⁸ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, 1853-1953. Op. cit. p. 92.

¹²⁹ Ibidem. p. 97.

¹³⁰ Ibidem. p. 100.

podemos sintetizar que para se formar uma nação é necessário que se fabrique mitos de origem e um sentimento de continuidade histórica. O povo precisa reconhecer-se como nação e isto é propiciado por meio de instituições e práticas que os socialize (escola, família, língua, “raça”) a fim de fixar um sentimento de amor à pátria e ódio ao outro que não faz parte dela. Para Balibar, a etnização contribui para fixar este sentimento, ou seja, trata-se de um processo que ele denomina “etnização fictícia” que resulta de um procedimento de fabricação que é influenciada e influencia no real. O nacionalismo, por conseguinte, é promotor da etnicidade, pois esta permite que se funda a nação em uma continuidade histórica¹³¹.

No tópico “O Paraná descobre o Norte”, assim como na revista *ilustração Brasileira*, o destaque, novamente, é para o papel das companhias colonizadoras e condições climáticas e topográficas da terra. Pouco se fala com relação à população que veio em busca de prosperidade por meio do cultivo de café, apenas nas legendas das fotografias, das quais destacamos as seguintes: “Os colonos japoneses têm preferência pelas terras do norte paranaense, onde constituíram núcleos populosos e importantes¹³²”. “Rumo aos cafezais de Maringá, uma família procede à sua mudança. E cena comum nas estradas do norte, onde há intensidade de transmigrações internas¹³³”. O grupo dos japoneses é mencionado e novamente não são mencionados os grupos de outras partes do Brasil que migraram para o norte do Paraná.

No artigo *Artes plásticas e música no Paraná* visa-se destacar a expressão artística da população paranaense. São apresentadas algumas obras de artistas paranaenses e imigrantes estabelecidos no Paraná. Deste texto destacamos o seguinte trecho:

Estado relativamente novo, tem recebido em seu solo os mais variados elementos étnicos. Os seus planaltos, extensos e calmos, o seu clima, que em muito se assemelha ao europeu, as possibilidades de vida prospera que sempre ofereceu, o imenso desenvolvimento econômico que teve – tudo isso cooperou para que constituísse, como de fato constituiu, um refúgio para imigrantes Europeus e mesmo da Ásia. Foi a Europa que nos legou artistas esparsos: os pintores entusiasmados pelas nossas praias e florestas, com perspectiva de um mundo novo; e os músicos, arquitetos, escultores¹³⁴.

Mais uma vez fixa-se uma imagem que aproxima as características do relevo e do clima do Paraná aos da Europa. O desenvolvimento econômico e a vida próspera são

¹³¹ POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. op. cit. p. 54.

¹³² GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, 1853-1953. Op.cit.p.92.

¹³³ Idem.

¹³⁴ Ibidem. p. 52.

apresentados como atrativos que fizeram do Paraná um lugar acolhedor aos olhos dos europeus. As paisagens são fruto de inspiração para os artistas que buscavam retratar o novo mundo. Todos estes elementos constroem uma imagem de território acolhedor.

Sobre a afirmação “um refúgio para imigrantes”, presente no trecho acima e escolhida como título deste subcapítulo, temos algumas considerações. De acordo com a historiadora Elena Pájaro Peres, o assunto imigração sempre esteve na pauta de intelectuais, higienistas, médicos, educadores, juristas brasileiros¹³⁵. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de imigração dos chamados “deslocados de guerra” foi a oportunidade perfeita para que se concretizasse a vinda da chamada “mão de obra qualificada” para o Brasil. A socióloga Maria do Rosário Rolfsen Salles faz a seguinte afirmação a respeito:

Apesar de numericamente muito inferior em termos absolutos, a imigração dos chamados “deslocados de guerra” num momento imediatamente posterior à guerra é importante por diversos motivos. O Brasil foi um dos primeiros países a se interessar pela seleção desse tipo de imigrante e um dos primeiros signatários do acordo proposto pela ONU para a colocação desses imigrantes. Não se tratava do propalado desejo de ajudar a resolver um problema humanitário, mas do interesse pela mão-de-obra qualificada desses imigrantes¹³⁶.

No Álbum do 1º Centenário de Emancipação Política do Paraná, o estado é retratado como moderno, próspero e sempre aberto a receber novos elementos étnicos. No entanto, elementos étnicos específicos são privilegiados na escolha para a entrada no país, negros de origem africana não são citados, por exemplo. Assim como a *Revista Imigração e Colonização*, analisada por Elena Pájaro Perez, as revistas apresentadas neste capítulo são canais oficiais da divulgação das ideias de uma elite intelectual que via na chegada dos imigrantes não apenas qualificação profissional, mas também qualificação moral e o branqueamento da população do Paraná.

Este álbum, bem como as outras revistas analisadas neste capítulo, reconstitui a história da colonização do Paraná de forma a reiterar aspectos relacionados aos valores morais e ao trabalho, considerados como a grande contribuição dos imigrantes a sociedade paranaense. A constante repetição destas características atribuídas à população do Paraná cria sistemas *simbólicos* de representação classificatórios.

¹³⁵ PEREZ, E. P. “Proverbial Hospitalidade”? A Revista de Imigração e Colonização e o discurso oficial sobre o imigrante (1945-1955). *Acervo Revista do Arquivo Nacional*, vol. 10, nº 2, 1997.

¹³⁶ SALLES, M. R. R. A política imigratória brasileira no pós-segunda guerra mundial e os refugiados: uma leitura da revista de imigração e colonização. *Cena Internacional*, vol. 9, nº 2, 2007, pp. 184-210.

1.3 Exposição Internacional do Café e Feira de Curitiba: as “etnias” na comemoração do centenário

O terceiro material selecionado para análise neste capítulo é uma revista comemorativa publicada pela Comissão de Comemorações e Festejos do Centenário do Paraná, em razão da Exposição internacional do café e feira de Curitiba. Trata-se de uma publicação do mês de julho de 1953, que visa divulgar o evento que acontecerá em dezembro do mesmo ano.

Em sua capa há uma composição de quatro imagens de sacas de café sendo escoadas pelo porto de Paranaguá. Na primeira página da revista há um mapa numerado do parque de exposições em que se realizou o evento, ao lado um encarte com as atrações e a numeração correspondente ao local do mapa em que se realizariam.

A revista contém vários artigos com as notícias sobre os preparativos da Exposição internacional do Café e Feira de Curitiba e sobre as atrações e grupos participantes, são estes: *Trabalhos preparatórios para a Exposição Internacional do Café; A participação da Etnia Japonesa nos Festejos do centenário; Contribuição da etnia alemã à festa magna do Paraná; A contribuição dos poloneses; O pavilhão dos Municípios na Feira de Curitiba; Parque de Diversões; Chefia geral e administrativa; Pavilhões; O presidente do IBC e a Exposição internacional do café; Museu Etnográfico do Litoral; Selos Comemorativos do Centenário; O Paraná em Tecnicolor; Curso de Cicerones; O Congresso e a Exposição Internacional do Café; o Congresso e a Exposição internacionais do Café; A Biblioteca Pública do Paraná; O Governo do Estado e as comemorações do Centenário; O Governo do Paraná e as comemorações do Centenário; Como foi criada e instalada a província do Paraná.*

A Exposição Internacional de Café e Feira de Curitiba foi a comemoração central dos Festejos do Centenário do Paraná. Segundo Aparecida Vaz da Silva Bahls, Bento Munhoz da Rocha Neto teria escolhido este evento, pois associaria o Paraná a um dos principais produtos de exportação do Brasil, o que daria visibilidade ao Estado¹³⁷. Assim como nas análises dos tópicos 1.1 e 1.2, selecionamos alguns dos textos da revista para examinarmos mais detidamente, por terem uma relação mais direta com o objeto desta pesquisa.

¹³⁷ BAHLS, A. V. S. op.cit.p.172.

A reportagem *A participação da Etnia Japonesa nos Festejos do centenário* noticia a organização de japoneses radicados no Brasil e de seus descendentes para a participação nas comemorações do centenário. O grupo se organizava em uma comissão central, localizada em Londrina e em subcomissões localizadas em outras cidades do Paraná. A reportagem se divide em um trecho introdutório, e outros quatro excertos com os seguintes títulos: Valiosa contribuição bibliográfica; Uma simpática lembrança, Doação de um posto de puericultura; Participação artística. Ao lado da coluna de textos há três imagens, uma da reunião da comissão central em realizada em Londrina; outra de uma reunião do grupo de japoneses realizada na sede da comissão de comemorações do centenário, em Curitiba; E na terceira imagem, o presidente da comissão de comemorações e festejos do centenário, Dr. Newton Carneiro, informa um grupo de representantes dos japoneses sobre a programação dos festejos.

O primeiro parágrafo do texto, diz: “Com o propósito de colaborar para o maior brilhantismo do centenário, os integrantes da etnia japonesa domiciliados em nosso Estado, vêm desenvolvendo grande atividade¹³⁸”. Novamente o termo “etnia” é usado como sinônimo de nacionalidade. Sobre a comissão organizadora dos japoneses é feita a seguinte afirmação: “A esses órgãos compete empreender, do modo mais eficiente possível, a colaboração de todos os japoneses aqui radicados e seus descendentes¹³⁹”. É atribuída a um grupo seletivo de pessoas a função de definir quais dos costumes japoneses seriam relevantes para serem representados nas comemorações do centenário em forma de “exibições teatral e musical, apresentação de bailados característicos da terra nipônica, e por meio de numerosos figurantes no grande desfile oficial do dia 19 de dezembro (...)”¹⁴⁰.

Na reportagem *Contribuição da etnia alemã à festa magna do Paraná* é apresentada uma programação provisória de atividades a serem realizadas pelos alemães da colônia de Entre Rios, em razão das comemorações do centenário. Das 16 atividades que constam na programação, a publicação de um “Memorial Histórico” recebe destaque. O objetivo deste memorial, segundo a reportagem, é demonstrar “histórica e estatisticamente a atuação dos ancestrais germânicos no Estado do Paraná. Será destacada especialmente a participação do grupo étnico nos setores da educação, arte, ciência,

¹³⁸GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Centenário do Paraná, 1853-1953. Comissão de comemorações e festejos do centenário do Paraná. Curitiba, nº 2, jul. 1953. (Documento sem paginação).

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Idem.

indústria, comércio, agricultura, na vida política e religiosa¹⁴¹”. Esta publicação é responsável por cristalizar “marcos históricos” que interferem na construção de uma “memória coletiva”¹⁴². Tais marcos discursivos criam um sentimento de pertencimento de um “eu” coletivo na Colônia “alemã” de Entre Rios¹⁴³. Pautados nisto, podemos classificar este livro como um *lugar de memória*, conceito cunhado por Pierre Nora para designar lugares – concretos ou abstratos – que contenham carga simbólica responsável por lembrar determinado passado, em suas palavras:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou¹⁴⁴.

Trata-se, portanto, do entrelaçar do presente com um determinado passado, para “fugir a ameaça do esquecimento¹⁴⁵”. Podemos pensar que além do “memorial histórico”, as próprias fontes deste trabalho – revistas, obras sobre história do Paraná e entrevistas, bem como a própria celebração do centenário ou os grupos folclóricos de dança dos quais fazem parte os entrevistados – constituem *lugares de memória*. Neste sentido, a reflexão que propomos é que o estabelecimento destes lugares passa por um processo de seleção que, no caso do “memorial histórico”, silencia alguns grupos em detrimento de outros, exclui primeiramente quem não faz parte do grupo dos imigrantes, depois, dentro deste grupo, quem não ocupou posições de destaque “nos setores da educação, arte, ciência, indústria, comércio, agricultura, na vida política e religiosa¹⁴⁶”.

O texto *A contribuição dos poloneses* segue o mesmo sentido que a reportagem sobre os alemães. Nele o deputado estadual Edwino Tempski, informa o presidente da

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² POLLAK, M. *Memória esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol. 2. N. 3, 1989.

¹⁴³ STEIN, M. N. op.cit.p.31.

¹⁴⁴ NORA, P. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. p. 21-22.

¹⁴⁵ FÉLIX, L. O. Memória e História: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 53.

¹⁴⁶ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Centenário do Paraná, 1853-1953. Op. cit. (Documento sem paginação).

comissão de comemoração e festejos do centenário, Newton Carneiro, sobre a programação do grupo dos poloneses para a celebração do centenário. Destacamos o seguinte texto:

Através de um programa de realizações singelo na verdade, testemunhar eloquentemente a todos na magna data, que os seus ancestrais para aqui chegando, não somente trouxeram mãos calejadas para o trabalho, mas também um coração, uma consciência, um espírito, alimentados por princípios que dignificam a humanidade, por uma cultura expressiva que traçou normas para o universo, por tradições numerosas e encantadoras, já ostentando o peso dos séculos, hoje serviço do progresso e da cultura da pátria comum¹⁴⁷.

No trecho acima, o grupo dos poloneses é caracterizado como trabalhador e cheio de princípios que dignificam a humanidade. Tais características devem ser celebradas, pois, contribuíram para colocar o estado do Paraná a “serviço do progresso”. Notamos que, assim como no texto referente aos alemães e aos japoneses, é fixado um passado e estabelecida uma coesão para o grupo que liga passado e presente, bem como são realizadas projeções para o futuro colocado de uma forma linear em direção ao progresso.

São construídas identidades para cada um dos grupos que os colocam em papéis ativos – “contribuem”, “participam” – na sociedade paranaense. No entanto, sempre mantêm a coesão de cada grupo a partir de sua origem, projetando para o futuro a formação do “tipo paranaense”.

1.4 Boletim da Câmara de Expansão econômica do Paraná (edição comemorativa do centenário do Paraná): Urbanização

A quarta publicação selecionada é um Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná, número especial do centenário. Este órgão, como já foi dito anteriormente, visava levantar dados e destinar investimentos visando à expansão comercial, agrícola e industrial do Estado. Assim como os materiais apresentados acima, a revista em questão enaltece a imagem do Paraná e de sua população.

Em sua capa há uma moeda dourada com o perfil do primeiro presidente da província do Paraná, Zacarias Goes de Vasconcelos e do Governador do estado no ano do centenário, Bento Munhoz da Rocha Neto. A revista contém as seguintes reportagens: *Uma Província faz anos; A hora do Paraná; Os colonos de Entre Rios; Correntes imigratórias; O Palácio das secretarias; Ponta Grossa, traço de união entre o Norte e o*

¹⁴⁷ Idem.

Sul; O Governo fala sobre o Governo; Paraná, centro turístico; Educação; Mecanização da lavoura; O carvão do Paraná; Panorama econômico; Evolução da Receita; O café e o mercado mundial; O Paraná cresce; O Governo do Estado do Paraná; É bom saber; Vida Paranaense; Dear Reader. Sempre acompanhando as reportagens há uma série de imagens das paisagens do Paraná, principalmente da cidade de Curitiba, creditada aos fotógrafos Peter Scheier, Milton Cavalcanti, Foggiatto, Bianchi e Jerry.

No texto de apresentação, o Paraná é descrito como Estado grandioso tanto nas belezas naturais como no “simples ato humano¹⁴⁸”. Na página seguinte há um pequeno texto sobre Curitiba e duas grandes imagens, uma do Passeio Público – parque mais antigo de Curitiba, localizado no centro da cidade – e uma imagem aérea que mostra grandes prédios e avenidas largas.

¹⁴⁸ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Paraná: Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. Número do centenário. Curitiba, Ano II, n°3, jan./dez. 1953.p.01.



Figura 5: imagem de Curitiba em 1953.

Fonte: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Paraná: Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. Número do centenário. Curitiba, Ano II, n°3, jan./dez. 1953.p.05

O texto contém os seguintes dizeres:

A cidade pacata apronta-se para comemorar o aniversário do seu Estado. Há um reboiço geral, uma grande soma de atividades se condensa nos preparativos. A “cidade sorriso” sofrera o impacto do progresso vindo do Norte, do pujante Norte em que manda o café, e foi crescendo, alongando as avenidas, invadindo os campos, subindo nos arranha-céus...¹⁴⁹

O pequeno fragmento acompanhado das imagens descritas acima qualifica Curitiba como “cidade pacata”, “cidade sorriso”, constroem uma narrativa que nos passa

¹⁴⁹ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Paraná: Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. Op.cit.p.05.

a ideia de cidade ordeira, organizada e hospitaleira. Narrativas como esta silenciam os problemas enfrentados pela cidade como violência, pobreza, desemprego, poluição, desigualdade social, entre outros¹⁵⁰. Esta descrição da cidade de Curitiba, nos remete ao texto de Romário Martins, publicado na revista *Ilustração Brasileira* e analisado nas primeiras páginas deste trabalho. O historiador descreve a população paranaense como possuidora de “serena energia construtiva, agremiadora, hospitaleira e pacífica, sem lances de ousadia”, neste sentido, ao se descrever a capital do Estado desta forma reforça-se este discurso.

Nas cinco páginas seguintes imagens de grande proporção que mostram praças, parques e por último outra imagem aérea com prédios altos, são acompanhadas de pequenos trechos da seguinte frase: “Curitiba, onde sempre nos pareceu que tudo era calma: calma nas ruas, calma nos templos, nos campos, nas estradas, calma espiritual em tudo; transforma-se numa metrópole, movimenta-se depressa”. As imagens em conjunto com o texto nos passam uma impressão de que a calma da “cidade pacata” está sendo tomada pelas rápidas e modernas transformações, que saltam aos olhos e movimentam-se constantemente. Na sequência a frase: “Mas ainda assim, suas características são as mesmas: sua capacidade de fazer o visitante sentir-se bem, sentir-se em casa com a Natureza, ainda que próximo do aturdimento da vida moderna”, trata-se, portanto, da ideia de uma cidade que equilibra natureza e modernidade, tranquilidade e transformação.

Na próxima página nos é apresentado o texto *A hora do Paraná*, do qual destacamos o trecho:

Em matéria de democracia de raças, por exemplo, o Paraná não se circunscreve aos modelos de outras unidades da Federação, tais como S. Paulo ou Rio Grande do Sul. Ele vai além, assimilando não só o italiano, como fez o primeiro, ou o alemão, como fez o segundo, mas também outros povos, outras etnias, hoje perfeitamente identificadas em torno de elementos de organização e valorização que já são propriamente paranaenses, exprimindo os anseios de toda uma comunidade de trabalho e ação, para a qual se voltam agora as atenções do mundo inteiro. Não há quesitos raciais no Paraná e o marginalismo, que pode se mostrar através de um ou outro caso isolado, nunca alcançou na região qualquer índice de gravidade¹⁵¹.

O discurso acima corrobora para que se perpetue o discurso de uma terra de “todas as raças” em que todos convivem harmoniosamente apesar das diferenças, uma terra onde

¹⁵⁰ O poeta e contista curitibano Dalton Trevisan, brinca com elementos que fixam uma identidade para Curitiba e para o Paraná. Busca retratar o lado negligenciado da cidade de Curitiba e desconstruir, em suas obras, esta imagem de “cidade sorriso”. TREVISAN, D. *Pão e sangue*. Rio de Janeiro: Record, 1988; TREVISAN, D. *Rita, Ritinha, Ritona*. Rio de Janeiro, Record, 2005.

¹⁵¹ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Paraná: Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. Op.cit.p.10.

não existe racismo, “marginalismo”. Este discurso perpetua relações de poder e ao mencionar a existência de “casos isolados” diminui, menospreza as diferenças e disputas.

Além disto, o boletim torna a cidade um belo atrativo, tanto turístico, quanto para população que anseia por melhores condições de vida. Na década de 1950, o presidente Getúlio Vargas incentivava industrialização e urbanização. De acordo com Eliseu Alves, Ph. D em Economia Agrícola, Geraldo da Silva e Souza, Doutor em Estatística e pesquisador da EMBRAPA, Renner Marra, economista e analista da Embrapa, “No período 1950–1960, [o êxodo rural] chegou a ser responsável por 17,4% do crescimento populacional das cidades (...)”¹⁵².” No texto *O Paraná cresce* é enfatizado o crescimento da cidade de Curitiba:

O Paraná cresce. Curitiba constrói sete casas por dia; sobre os pontos baixos de ontem alevantaram-se perspectivas de arranha-céus; vista de cima, a paisagem se diversifica, nas avenidas que se continuam em barro, nos novos edifícios que com o seu crescimento físico fazem parte de um quadro estatístico de progresso¹⁵³.

Mais uma vez o crescimento urbano e populacional da cidade de Curitiba é enfatizado e as diferenças sociais decorrentes, dentre outros fatores, deste crescimento populacional, são silenciadas.

O artigo *Panorama Econômico*, inicia da seguinte forma:

A trajetória da curva que representa a arrecadação do Estado do Paraná revela o seu vertiginoso desenvolvimento econômico. Em 1943, a curva na casa dos 140 milhões; transcorridos menos de um decênio, em 1951, atingiu o valor Cr\$ 1. 108.309.674,70!

As principais fontes de renda e de divisas do Estado são o café, a madeira e o mate. Os Estados Unidos, seguindo-se de países europeus e americanos, são os principais importadores do café¹⁵⁴.

Difunde-se uma ideia de “progresso” enquanto desenvolvimento econômico ligado ao cultivo agrícola. De acordo com o agrônomo e economista José Eli da Veiga, este “desenvolvimento econômico” trata do “resultado de mera modernização das elites¹⁵⁵”. No entanto, este boletim, bem como as demais fontes apresentadas neste capítulo, trata esta ideia de “progresso” como se refletisse em qualidade de vida para a população como um todo.

¹⁵² ALVES, E.; SOUZA, G. S.; MARRA, R. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. *Revista de Política Agrícola* Ano XX – No 2 – Abr./Maio/Jun. 2011.

¹⁵³ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Paraná: Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. Op.cit.p.41.

¹⁵⁴ Ibidem.p.35.

¹⁵⁵ VEIGA, José Ely da, *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI* / Rio de Janeiro: Garamond, 2008 3º ed.p.09.

As “divisas” do estado aparecem no trecho associadas ao café, madeira e mate. Em outros momentos, o boletim enfatiza o cultivo de café no norte do Estado e como ele se tornou atrativo e diversificou ainda mais a população: “Paulistas mineiros, baianos e nordestinos fixaram-se de preferência no nordeste, onde predomina o café. Gaúchos e catarinenses, ao sudoeste, onde se desenvolve a cultura de cereais, a do trigo inclusive¹⁵⁶”. Após este trecho nos é apresentada a seguinte tabela com o senso demográfico da população na época:

<i>Procedência</i>	<i>Pessoas presentes</i>	
	Números absolutos	% da população total
São Paulo	352.471	16,7
Minas Gerais	156.848	7,4
Sta. Catarina	63.162	3,0
R.G. do Sul	35.701	1,7
Bahia	18.764	0,9
Outros Estados	36.837	1,7
Estrangeiros	65.955	3,1
Brasileiros naturalizados	10.637	0,5
PARANÁ	<u>1.375.077</u>	<u>65,0</u>
Total	2.115.547	100,0 ¹⁵⁷

Estas “divisas” estavam para além de questões econômicas e de cultivo agrícola. Nas décadas de 1950 e 1960 chegavam ao Paraná pessoas de várias partes do país para povoar as regiões norte e oeste¹⁵⁸, principalmente de São Paulo e do Rio Grande do Sul. O historiador Elzio dos Reis Marson¹⁵⁹ afirma que estes migrantes acabavam mantendo maiores relações políticas e culturais com seus estados de origem do que com o Paraná. Por exemplo, no cenário político a população do norte do Paraná, paulista em grande parte, se importava mais com as eleições de São Paulo do que com as do Paraná¹⁶⁰. Neste sentido, grande parte da população do Paraná não havia nascido nele.

¹⁵⁶ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Paraná: Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. Op.cit.p.41.

¹⁵⁷ Ibidem. p. 41.

¹⁵⁸ GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel: Edunioeste. 2002. WACHOWICZ, Ruy C. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1995.

¹⁵⁹ MARSON, E.R. *No limiar do horizonte: manifestações e discursos divisionistas Norte/Sul e política Integracionista no Paraná (1920-1975)*. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Assis, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2005.

¹⁶⁰ “Essa acentuada ligação da região com o estado de São Paulo também é perceptível com relação aos pleitos eleitorais. No tocante às eleições municipais de 1953, o vereador Josué Jorge se pronunciou, numa reunião daquele órgão, dizendo que seus colegas vinham acompanhando e comentando as propagandas políticas da candidatura de Ademar de Barros, então candidato a prefeito da cidade de São Paulo, e os resultados do pleito eleitoral paulistano. Diante dessa atitude, o vereador classificou os vereadores de

Neste capítulo pudemos observar que os discursos presentes em revistas comemorativas oficiais do centenário de emancipação política do Paraná difundiam a ideia de um Paraná harmonioso, desenvolvido econômica, social e culturalmente. Um dos motivos elencados como causa deste desenvolvimento é a população vinda de outras localidades (re) ocupar o Paraná como podemos constatar no seguinte trecho: “O povoamento efetivo da nossa terra fez-se tardio pelas anteriores lutas sustentadas, mas eficiente pelo valor do elemento humano que nela se firmou depois¹⁶¹.” Nas análises acima, também pudemos notar a construção de uma identidade para os grupos que se fixavam no território paranaense, apresentados nestes veículos de imprensa oficial não como qualquer “elemento humano”, mas sim como “trabalhadores”, “ordeiros”, “valorosos”, sempre enfatizando os grupos de origem europeia. No capítulo seguinte procuraremos observar de que forma a obra *História do Paraná*, publicada em 1969 pela editora Grafipar, constrói representações coletivas para a população paranaense.

“venais”, “diferentes” e “consciosos” por falarem sobre assuntos políticos de outro estado. Igual apreciação ocorreu nas eleições de 1957, quando a Folha observou que muitos habitantes da região Norte tinham acompanhado a campanha dos candidatos à prefeitura da capital bandeirante e depois o pleito. Por sua vez, o jornal de João Milanez fez um protesto, quando redigiu que o norte paranaense deveria deixar de lado os problemas de São Paulo e pensar mais nos do Paraná”. MARSON, E.R. No limiar do horizonte: manifestações e discursos divisionistas Norte/Sul e política integracionista no Paraná (1920-1975). Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Assis, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2005.p. 77.

¹⁶¹ SANTOS, J. N. *Núcleos imigratórios e sistemas coloniais no Paraná*. 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, 1853-1953. Livraria Globo, Porto Alegre, RGS. Publicação sob o patrocínio da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. 1953.

CAPITULO II

Narrativas sobre a população paranaense na coletânea *História do Paraná* (1969)

Em 1969 foi publicada a coletânea *História do Paraná*, pela editora Grafipar, Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda¹⁶². Esta compilação contou com a organização do diretor editorial da Grafipar e professor de língua portuguesa Faissal El- Khatib e com a colaboração de vários intelectuais da época que se debruçaram sobre temas relacionados à História do Paraná: Ruy Wachowicz, Altiva Pilatti Balhana, Brasil Pinheiro Machado, Cecília Westphalen, Faris Michaele, Roselys Vellozo Roderjan, Aramis Millarch, dentre outros.

Trata-se de uma vasta obra dividida em quatro volumes. O primeiro abrange os seguintes temas: ocupação do estado, políticas de povoamento e imigração. No segundo volume são apresentados os fundamentos geológicos, elementos da vegetação e zoologia deste território. O terceiro volume aborda aspectos da chamada formação étnica, folclore, música e apresenta personalidades e intelectuais do estado. Por fim, o quarto volume traz um breve conjunto de informações acerca dos municípios do Paraná.

De maneira geral, podemos perceber que há uma concepção universalista de história presente nesta coletânea, pois visa abordar a história da formação do território paranaense em sua totalidade, desde seus aspectos geológicos até a constituição de sua população e de seu folclore. Aborda, ainda, “exemplos” de “bons” paranaenses, “personalidades” que, na concepção dos autores, fizeram algo de importante para deixar seu nome registrado na história do Paraná. Além disto, trata-se de legitimar institutos e universidades como espaços de saber, onde se estabelecem signos, códigos, valores à realidade. É o que Pierre Bourdieu¹⁶³ chama de Campo, onde ocorrem, também, disputas para se estabelecerem verdades.

A coletânea *História do Paraná* visava mais do que instruir e informar a população. Visava, além disto, legitimar um projeto de sociedade para o Paraná relacionado ao progresso e modernidade. Isto fica claro no seguinte trecho de seu prefácio, escrito por Bento Munhoz da Rocha Neto:

O paranaense, parece-me ser hoje, a gente mais preparada, em todo o Brasil, para o processo de desenvolvimento econômico. Aqui vive o exemplo de homens que se locomoveram, as vezes, de longes terras, para

¹⁶² EL-KHATIB, F. (org). *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.

¹⁶³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

criar desenvolvimento, acreditando nele e na possibilidade de que o desenvolvimento global a todos inclui, aos mais ricos e aos mais pobres, aos grandes e aos pequenos¹⁶⁴.

Ao longo dos volumes selecionados, constrói-se a imagem deste paranaense preparado para lidar com o desenvolvimento econômico e a modernidade. Veremos que alguns elementos físicos – cor de pele, cor dos olhos – morais – trabalho, propriedade – ou origem étnica, são apresentados como fatores que fazem da população do Paraná diferente e portanto, mais próspera, ou com mais chances de prosperar, do que as populações de outros estados brasileiros. No trecho acima fala-se em igualdade de oportunidades, como se todos chegassem ao Paraná com iguais condições de prosperar já que, segundo os autores da coletânea, tratava-se de uma terra rica, produtiva e vazia, a espera de braços trabalhadores. No entanto, ao realizar uma análise mais profunda dos próprios textos presentes na compilação, percebemos que o sucesso econômico é atribuído a alguns grupos e não a outros.

Dessa forma, com intuito de compreender discursos que constroem identificações para grupos de nacionais e estrangeiros que habitaram o território paranaense, selecionamos para esta análise alguns textos dos volumes I e III da primeira edição da referida obra. Antes de analisar tais narrativas, cabe apresentar brevemente algumas informações sobre a editora.

A editora Grafipar foi fundada na década de 1960 pelo Libanês Said Mohamad El-Khatib em conjunto com seus filhos Faruk El-Khatib e Faissal El-Khatib. Ainda nesta década, deram início ao projeto História do Paraná que reunia intelectuais com o intuito de elaborar uma espécie de enciclopédia sobre o assunto. Esta foi uma das mais significativas obras publicadas pela editora, que também traduzia livros e publicava quadrinhos brasileiros. Na década de 1970 chegou a ser um dos maiores expoentes fora do eixo Rio-São Paulo a publicar quadrinhos nacionais. A editora fechou as portas no ano de 1983¹⁶⁵.

História do Paraná teve duas edições, ambas no ano de 1969. A segunda edição contém um prefácio escrito pelo proprietário da editora, Said Mohamad El Katib, nele o empresário afirma haver uma preocupação com “a edição de obras inéditas e importantes

¹⁶⁴ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. 1969. História do Paraná. Grafipar, Curitiba. 1969. p. 23.

¹⁶⁵ MILLARCH, A. Said, o idealista que fazia livros. *Estado do Paraná*. Caderno ou Suplemento: Almanaque Coluna ou Seção: Tablóide. p. 3. Publicado em: 01/09/1988.

para a formação cultural dos brasileiros¹⁶⁶”. Além de *História do Paraná*, esta editora publicou, na década de 1960, outras duas coletâneas, a tradução de *A Civilização Árabe*, de Gustave Le Bohn e *Dicionário cultural da língua portuguesa*, com mais de cem mil verbetes. Para além da preocupação apresentada por Said El Khatib, pode-se tratar também de interesses financeiros. De acordo com o historiador Elzio Marson¹⁶⁷, tratava-se de uma aposta do mercado editorial, já que outras edições poderiam ser publicadas sob o argumento de divulgação da história. A segunda edição da coletânea foi revista e aumentada, mas no que se refere aos capítulos selecionados para nossa análise, não foram feitas alterações.

2.1 História do Paraná volume I: Percepções sobre progresso e modernidade

O primeiro volume de *História do Paraná* divide-se da seguinte forma: *Introdução; Paraná português; Paraná espanhol; Paraná tradicional; Paraná Moderno*. Resultado de uma co-autoria entre os historiadores Altiva Pilatti Balhana, Brasil Pinheiro Machado e Cecília Westphalen. Estes tópicos dividem a história do Paraná em três períodos, de acordo com os processos de ocupação deste território. Dentro de cada tópico há vários textos relacionados à política, à economia e à população do Paraná, em cada um destes períodos. Podemos notar, pela própria denominação atribuída aos capítulos, a oposição do par antigo ou tradicional e moderno, em que o primeiro significa passado, e o segundo o novo¹⁶⁸. No trecho abaixo os autores se expressam utilizando a oposição deste par com relação à produção econômica do Estado:

Na sua expansão, a sociedade paranaense foi ocupando regiões geográficas distintas, na sucessão das regiões geográficas, foram construídas economias sobre estas regiões, e a pública administração dela se ocupou, passando para o primeiro plano, uma região sobre a outra, conforme as possibilidades econômicas. Assim foi com os campos Gerais, com a sociedade tradicional fundada no latifúndio campeiro, depois no Paraná Moderno, com a comunidade do Norte do Paraná fundada na economia cafeeira, e com a comunidade do Sudoeste e Oeste paranaenses fundada na plantação de cereais e na criação de suínos, ambas com base no regime da pequena propriedade De modo que a administração, tanto do Império, como da república, como até os dias presentes, tem estado consoante com o progresso econômico, afinal com as suas atividades e vicissitudes econômicas¹⁶⁹.

¹⁶⁶ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op.cit.p.10.

¹⁶⁷ MARSON, E.R. op. cit. p. 23.

¹⁶⁸ LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.

¹⁶⁹ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op. cit. p. 35.

Os autores se baseiam nos sistemas econômicos vividos no Paraná para definir suas “fases”. Fica evidente a crença dos autores no “progresso” do Estado, associado aos “avanços” tecnológicos e na produção agrícola, bem como seu apoio ao governo nos diferentes períodos.

O texto introdutório intitulado *Da necessidade de divulgação da história paranaense* foi escrito por Bento Munhoz da Rocha Neto. Nele, o intelectual e ex governador do Estado elenca vários fatores em que justifica a necessidade de “divulgação intensiva¹⁷⁰” das pesquisas sobre História do Paraná. A primeira delas é dar visibilidade e enaltecer os grandes nomes que compunham a “gente de vanguarda¹⁷¹” a quem é atribuída a responsabilidade pelo desenvolvimento do Estado, como podemos observar no seguinte trecho:

Toda a atual expansão paranaense esteve antes na mente dos homens que tiveram as responsabilidades, tanto políticas quanto sociais e econômicas, em nosso Estado. Nada do que se tem feito deixou de ser previsto, numa quase intuição da gente de vanguarda, em nosso passado¹⁷².

Para Munhoz da Rocha, é necessário dar visibilidade aos intelectuais e políticos que “acreditaram¹⁷³” no potencial do Estado. Em seguida, justifica que o tardio “amadurecimento¹⁷⁴” do Paraná deve-se à falta de “condições nacionais” para tal. Cita como exemplo o nordeste paranaense, que começou a ser explorado, com plantio de café, em meados do século XIX, mas a falta de “entrosamento com os centros nacionais de comercialização” dificultou a entrada do Paraná na “onda cafeeira¹⁷⁵”. Segue ao longo de duas páginas justificando porque o “rush¹⁷⁶” da ocupação do norte do Paraná não começou antes, dentre um dos motivos elenca este:

O surto cafeeiro do Paraná só poderia atingir seu clímax, quando São Paulo, que possui a tradição de suas lavouras, tivesse esgotado as próprias reservas, como a província fluminense esgotara as suas e, em menor escala, o Estado de Minas¹⁷⁷.

Bento Munhoz da Rocha Neto procura elencar os motivos do tardio “amanhecer¹⁷⁸” deste Estado, que sob sua ótica foi impulsionado por fatores exteriores e

¹⁷⁰ Ibidem. p. 11.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Idem.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ Idem

¹⁷⁶ Ibidem.p.12

¹⁷⁷ Ibidem. p.13

¹⁷⁸ Ibidem.p.11

ligados à conjuntura nacional, independentemente dos esforços e da confiança dos “homens que conheciam o Paraná”. Em 1989 o IPARES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – publicou o livro *O Paraná Reinventado: política e governo*. Trata-se de um levantamento dos (re)arranjos, (re)composições e/ou (re)invenções da vida pública do Paraná. Nesta obra é divulgado o seguinte discurso de Bento Munhoz da Rocha Neto, datado de 1953, com relação à chegada dos migrantes de outras localidades do Brasil:

(...)Sinto no governo o reverso de nossa evolução trepidante e, mais ainda, os efeitos da rápida transformação de nosso estilo de atividade econômica. Testemunho o surgimento do desnível econômico, inédito até então no Paraná, terra clássica da pequena lavoura de subsistência, com a avalanche da onda cafeeira que traz riqueza mas é acompanhada também por multidões de desajustados e doentes. Percebe-se a miséria que acompanha o progresso¹⁷⁹.

Neste trecho Bento Munhoz da Rocha Neto considera um desafio lidar com a chamada “onda cafeeira”. Classifica como “desajustados e doentes” a população que vem em busca de trabalho na lavoura e que trariam “desnível econômico” para o Estado. Neste sentido a “rápida transformação” do “Paraná moderno” não é vista de forma tão positiva por Munhoz da Rocha Neto. A chegada das populações de outros estados da União é vista como um entrave ao “progresso”.

Dando continuidade ao prefácio do livro *História do Paraná*, Bento Munhoz da Rocha Neto apresenta tabelas do recenseamento do IBGE do final do século XIX e início do século XX, trata sobre o crescimento populacional recente e a chegada significativa de migrantes de outras regiões do Brasil, no Paraná. A partir disto, expõe mais um motivo que, para ele, faz desta publicação necessária: “A gente nova do Paraná precisa conhecer a história da terra que adotou, o passado que não passa, mas explica¹⁸⁰.” Podemos identificar aqui uma concepção de história, a chamada *História Magistra Vitae*, ou, História Mestra da Vida. Esta concepção, elaborada ainda na antiguidade, relaciona-se com a capacidade de instrução da História, de aprender com experiências passadas. Deste ponto de vista, a história é transformada em uma “moral” que visa construção de parâmetros a servirem de exemplos, que devem ser copiados ou melhorados pelas próximas gerações, projetando, assim, um “bom” futuro¹⁸¹. O historiador Reinhart

¹⁷⁹ IPARDES- Fundação Edison Vieira. *O Paraná Reinventado: política e governo*. Curitiba: 1989, p. 35.

¹⁸⁰ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op.cit.p.17

¹⁸¹ SILVA, D.B. História Magistra Vitae: a história exemplar pode ensinar? Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo e Flávia Florentino Varella (orgs.). *Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009.

Koselleck nos apresenta algumas ponderações a respeito das modificações sofridas por esta concepção de história ao longo dos séculos. De acordo com ele, o tempo é uma construção cultural de cada época, ou seja, cada geração estabelece relações entre o conhecido/experimentado com as expectativas de futuro¹⁸². Neste sentido, quebra-se com formulações gerais baseadas num *continuum histórico*.

Munhoz da Rocha Neto apoiava-se em concepções de trabalho, família e propriedade que estabeleciam moldes e visavam a construção de parâmetros e de uma “moral” para as futuras gerações. Inicia seu texto apresentando um panorama geral da história do Paraná desde o século XVI. Sobre o século XIX ressalta a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande do Sul que permitiu acesso à região de Itararé e Porto União da Vitória. Menciona, também, o marco da emancipação político administrativa, em 1853, que promoveu o Paraná ao status de província. Enaltece a paisagem do Paraná sempre marcando a diferença, de paisagem, clima e de modelo de produção ante ao restante do Brasil, como é possível notar no fragmento:

O paranaense, diante dos campos cobertos de neve, em Palmas, e Guarapuava, ou das grandes geadas em Curitiba, Castro ou Ponta Grossa, deveria achar estranho que o Brasil fosse tido como país tropical.

Sentiu-se necessariamente isolado, quase solitário, diante das atividades rurais características da civilização brasileira e que não eram as suas¹⁸³.

Munhoz da Rocha apresenta o Estado como diferente em relação as “características da civilização brasileira”, escolhe determinadas regiões, de clima frio, para representar o clima do Estado como um todo. Utiliza-se destas características climáticas para construir uma diferença com relação ao Brasil “tido como país tropical”. Ao falar de seu “isolamento”, “quase solitário”, deixa implícita a discussão da falta de “entrosamento” político e, principalmente, econômico com os grandes centros nacionais.

O próximo tema abordado pelo autor refere-se à imigração europeia que, segundo ele, “criou (...) no Paraná e nos três estados do Sul, a mancha loira do Brasil¹⁸⁴”. Faz uma alusão à “capacidade de assimilação” dos estrangeiros à cultura brasileira, mas o que recebe mais destaque é a chegada dos “nacionais de outras províncias¹⁸⁵” para ocupação das regiões oeste, sudoeste e norte do Paraná, intensificada nas décadas de 1950 e 1960.

¹⁸² KOSELLECK, R. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

¹⁸³ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op.cit.p.19

¹⁸⁴ Ibidem.p.20

¹⁸⁵ Idem.

Assim, faz a seguinte afirmação: “O rush do café e a lavoura de cana-de-açúcar na região quente do Estado, tornaram o Paraná mais moreno. Acentuou-se nossa diversidade (...)”¹⁸⁶. Dá sequência a essa ideia criando dois estereótipos de “homem paranaense”:

O homem dos planaltos frios habituou-se a conviver com a geada e até com a neve. Tem ciência de que se as geadas chegam no tempo próprio e muito intensas, os resultados são benéficos para a cultura do trigo como das frutas europeias, e que as pragas e parasitos serão menos destruidores.

Já para o homem do café a geada esporádica é o castigo temido, o castigo que pode destruir patrimônios, o castigo timidamente adivinhado mas não falado, nas noites de inverno, de céu limpo¹⁸⁷.

Denomina “homem dos planaltos” os que vivem na região fria, e “homem do café” aos que vivem na “região quente”, mas que estes últimos também correm o risco “esporádico” de quedas bruscas de temperatura. O frio é visto de forma positiva, pois auxilia na produção do trigo e de frutas europeias. Notamos que, sutilmente, se estabelece uma hierarquia entre o “homem do planalto” e o “homem do café”, em que o primeiro está em um patamar superior – como aquele que estaria mais habituado com o clima do Paraná. Já o segundo, corre risco de desaparecer castigado com o clima. Na sequência afirma que “o tempo se encarregará da criação de um estado de espírito que assimile, (...) a unidade paranaense”¹⁸⁸.

Os ítalo e teuto-gaúchos, do sudoeste e oeste, tendem a manter as características que o Paraná começou a adquirir no século XIX com a imigração europeia, principiando pelo aspecto somático. Com eles continua o Paraná a ser a mancha loira do Brasil em que se incluem Santa Catarina e Rio Grande do Sul¹⁸⁹.

Apesar de declarar que o Estado tornou-se “mais moreno”, Bento Munhoz da Rocha Neto assegura que as características “somáticas”, ou seja, corporais, da população manterão os traços europeus, isto é, majoritariamente brancos. Outro ponto que podemos observar, neste trecho e em outros momentos do texto, é a utilização da denominação “ítalo-gaúchos” e “teuto-gaúchos”. A hifenização destas identidades marca a distinção dos migrantes vindos do Rio Grande do Sul com relação aos de outras regiões brasileiras que tem a ascendência marcada como “luso-brasileira”. Como podemos observar no trecho:

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Ibidem.p.21.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Ibidem. p. 20.

Enquanto os brasileiros das regiões em que o português foi europeu quase exclusivo de nossa formação, aqui, pela convivência de outras culturas e etnias, convergência prolongada que, ainda hoje, continua, o paranaense mais do que muitos brasileiros tradicionais, teve e tem consciência bem fundada de que é luso-brasileiro; luso brasileiro pela cultura¹⁹⁰.

Com esta afirmação, Munhoz da Rocha Neto marca sua posição com relação à tese de Gilberto Freyre, que afirma que a formação da população brasileira “tradicional” descende de três troncos principais: Negros, índios e portugueses. O historiador André Voigt coloca em questão o conceito de “teuto-brasileiro”, denominação atribuída aos descendentes de alemães nascidos no Brasil, utilizado de forma abrangente em pesquisas acadêmicas a respeito. Um dos estudiosos investigados por Voigt é o antropólogo alemão Emílio Willems, professor da Universidade de São Paulo (USP) que realizou um estudo sobre as populações de origem alemã do Estado de Santa Catarina. Ao tratar sobre a caracterização dos “teuto-brasileiros” feita por este autor, Voigt afirma que “o antropólogo alemão acaba por separar a ideia de brasilidade de uma exclusividade lusa¹⁹¹”. Munhoz da Rocha segue nesta mesma direção, assim, distancia a formação da população do Paraná da considerada “tradicional” para o restante do Brasil, e, ao mesmo tempo, aproxima quando afirma que os paranaenses são “luso-brasileiros pela cultura” e não por características físicas.

Preparando-se para finalizar o texto, Munhoz da Rocha indica o que, para ele, é a principal característica do Paraná:

O pioneirismo caracteriza acima de tudo, o Paraná. No século XIX foram os europeus que o procuraram em grande escala. Neste século ainda, europeus, até agora em menor número, mas com projeto bem pensado, com organização, com planejamento. Nacionais de ascendência italiana e alemã, de duas ou três gerações de Brasil, originários do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, já integrados em características regionais, trazem uma contribuição de primeira ordem¹⁹².

Trata-se do “pioneirismo”, ou seja, iniciativa em “desbravar” o novo, como algo inerente aos imigrantes e migrantes estabelecidos neste território. De acordo com José Henrique Rollo Gonçalves, a “identidade pioneira” é uma “identidade atribuída” por agentes externos que envolve interesses políticos. O contexto mais amplo vivido no

¹⁹⁰ Ibidem. p. 19-20

¹⁹¹ VOIGT, A. F. *A invenção de teuto-brasileiro*. 2008. 204 f. Tese. (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

¹⁹² BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op.cit.p.22.

cenário político nas décadas de 1950 e 1960 era de Guerra fria. As disputas externas entre comunismo e capitalismo refletiam nas decisões e disputas em escalas nacional e regional. Gonçalves ao tratar da “Mística do pioneirismo”, explica que houve disputas entre projetos políticos para serem implantados na região norte do Paraná. Havia um grupo – socialistas e comunistas – que defendia que fosse feita uma reforma agrária na região e outro – liberais conservadores – que defendia um que fossem feitas concessões de terras a empresas estrangeiras que dividiriam os lotes e venderiam para a população, por eles chamados de “pioneiros”¹⁹³. Bento Munhoz da Rocha Neto alinhava-se ao pensamento conservador, dessa forma, dentro de seus discursos construía e atribuía a determinados “tipos humanos” o papel de “pioneiro”. Neste prefácio, o ex governador destaca os europeus e os migrantes descendentes de europeus, estes últimos como detentores de “contribuições de primeira ordem”. No trecho seguinte explicita melhor tais contribuições:

São migrantes qualificados sob o aspecto da educação e da economia. Não aventuram, nem são trabalhadores assalariados. São sempre proprietários de suas glebas, assim continuam e só assim compreendem seu deslocamento para o Paraná¹⁹⁴.

Acredita que estes migrantes tenham a educação “moral” voltada para o trabalho e desenvolvimento de uma lógica capitalista, tal qual a europeia, porém já adaptada, ou melhor, “integrados em características regionais”. É isto que, na concepção do autor, os qualifica como “proprietários” e não meros “trabalhadores assalariados”, ou aventureiros. Já os migrantes vindos para (re) ocupar o norte são classificados desta forma: “E, last but not least¹⁹⁵, a avalanche trazida pela onda cafeeira, com trabalhadores assalariados e uma elite de alta qualificação e largos recursos econômicos¹⁹⁶”. Fica implícito que os migrantes vindos de outras regiões que não do sul do país estão habilitados para o “trabalho assalariado” e não para serem proprietários. Desta forma, o texto naturaliza o discurso capitalista associado a uma comparação com a Europa e com os europeus, em que os apresentam como desenvolvidos, em detrimento de quem não tem origens europeias.

¹⁹³ GONÇALVES, J.H.R. A "Mística do Pioneirismo", antídoto contra o socialismo: Bento Munhoz da Rocha Neto, a reforma agrária e o norte do paraná dos anos 50 e 60. *Revista História Regional*, UEPG, VERÃO, 1997.

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M.Op.cit.p.22. Expressão da língua inglesa que significa “Por último, mas não menos importante”.

¹⁹⁶ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M.Op.cit.p.22.

Munhoz da Rocha Neto indica que no Paraná, devido a sua história, criar-se-á democracia e antitotalitarismo – pensamento relacionado às tendências políticas do período que pretendiam se desvincular de regimes como o nazismo ou o socialismo, como explica Rollo Gonçalves. No último parágrafo Rocha Neto demonstra, novamente, preocupação com a divulgação da história do Paraná:

Essas duas características devem honrar os novos paranaenses. Devem honrar aqueles que precisam conhecer a história regional da terra que escolheram e é deles por adoção e, por todos os títulos, é terra de seus filhos¹⁹⁷.

Para o autor, não é necessário ter nascido no Paraná para se sentir parte dele, mas “é preciso conhecer a história” para transmiti-la como legado as gerações futuras, novamente fica evidente a perspectiva de História como lição – *História Magistra Vitae*.

Cabe a esta discussão as observações do historiador Elzio dos Reis Marson¹⁹⁸. Ele constata que os migrantes que se estabeleciam nas regiões norte e oeste do Paraná, oriundos, principalmente, de São Paulo e do Rio Grande do Sul, acabavam mantendo maiores relações políticas e culturais com seus estados de origem do que com o novo. Por exemplo, no cenário político a população do norte do Paraná, paulista em grande parte, se importava mais com as eleições de São Paulo do que com as do Paraná¹⁹⁹.

Os discursos de Bento Munhoz da Rocha Neto a respeito do Paraná e de sua população podem ser relacionados aos do crítico literário Wilson Martins, presentes no livro *Um Brasil diferente (ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná)*. De maneira geral, esta obra traz um discurso sobre a constituição da população paranaense que a diferencia com relação à do restante do Brasil, pois seu povoamento teria ocorrido de forma “organizada” e sua população seria composta por maioria branca e europeia. Wilson Martins visa se opor a tese de Gilberto Freyre que apresenta a população brasileira

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ MARSON, E.R. op.cit. p. 25.

¹⁹⁹ “Essa acentuada ligação da região com o estado de São Paulo também é perceptível com relação aos pleitos eleitorais. No tocante às eleições municipais de 1953, o vereador Josué Jorge se pronunciou, numa reunião daquele órgão, dizendo que seus colegas vinham acompanhando e comentando as propagandas políticas da candidatura de Ademar de Barros, então candidato a prefeito da cidade de São Paulo, e os resultados do pleito eleitoral paulistano. Diante dessa atitude, o vereador classificou os vereadores de “venais”, “diferentes” e “consciosos” por falarem sobre assuntos políticos de outro estado. Igual apreciação ocorreu nas eleições de 1957, quando a Folha observou que muitos habitantes da região Norte tinham acompanhado a campanha dos candidatos à prefeitura da capital bandeirante e depois o pleito. Por sua vez, o jornal de João Milanez fez um protesto, quando redigiu que o norte paranaense deveria deixar de lado os problemas de São Paulo e pensar mais nos do Paraná”. MARSON, E.R. No limiar do horizonte: manifestações e discursos divisionistas Norte/Sul e política integracionista no Paraná (1920-1975). Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Assis, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. p. 77.

como resultante da mistura entre “o negro”, “o índio” e o “português”²⁰⁰. Nas palavras de Wilson Martins: “(...) E já que o nome do Sr. Gilberto Freire foi expressamente mencionado, gostaria de assinalar que o presente livro se deve sobretudo à sua influência e que, mesmo nos momentos em que discordo dos seus pontos de vista, é ainda a sua lição que aprendi (...)”²⁰¹. Se, por um lado, o autor se inspira na obra de Freyre, em termos metodológicos, na medida em que investiga a formação e “aculturação” dos grupos estrangeiros que ocuparam o Paraná, por outro, discorda da mesma, pois em sua concepção no Paraná a população indígena e negra representou uma “proporção insignificante” na constituição da população.

A primeira edição desta obra data de 1955, ano em que Bento Munhoz da Rocha Neto ainda governava o Estado do Paraná. Em seu mandato a questão da imigração foi considerada basilar para o desenvolvimento e progresso do estado. Além do estímulo às migrações internas, novamente dirigiu as atenções à imigração de colonos estrangeiros, em especial de alemães, holandeses, poloneses e italianos²⁰². Também em seu mandato houve as comemorações do I centenário, 1953, em que o Estado apoiou e promoveu festejos e as publicações das revistas analisadas no primeiro capítulo. De acordo com Marcio Oliveira, Wilson Martins teria participado de um grupo que prestava assessoria ao governador Munhoz da Rocha, o que explica, de certa forma, a proximidade da concepção dos dois com relação à “composição étnica” da população paranaense.

Voltando análise da nossa fonte, ao terminar o prefácio do ex governador, a primeira parte da obra dedicada ao *Paraná português* divide-se da seguinte forma: *Costa do Pau Brasil – Costa do ouro e prata; Procura de gentio e minas; Ouro em Paranaguá; Fixação e povoamento- Curitiba*. Nesta sessão, Altiva Balhana, Pinheiro Machado e Cecília Westphalen discutem a chegada dos portugueses ao Brasil, seus interesses econômicos e como sua expansão chegou ao Paraná, motivada pela busca de ouro e riquezas para exploração econômica. Neste recorte, a população nativa é apresentada da seguinte forma: “O índio foi, no sul do Brasil, o braço de trabalho sobre o qual foi possível a colonização e o estabelecimento das instituições de fundo português²⁰³”. Podemos notar

²⁰⁰ Este texto é semelhante aos escritos de von Martius apresentados acima, porém, retrata o Brasil como lugar de “convivência harmoniosa” e mistura pacífica entre estes grupos. *Casa grande e Senzala*, seria a obra que consagra o “mito da democracia racial” brasileira, em que o povo brasileiro é retratado como amistoso e os traços de racismo são silenciados. FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

²⁰¹ MARTINS, W. *Um Brasil Diferente*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989. p.5.

²⁰² *Ibidem*.p.103.

²⁰³ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. *op.cit*.p.26.

semelhanças entre o discurso a respeito dos portugueses apresentados nesta obra e os das revistas *Ilustração Brasileira* e *Álbum do 1º centenário de emancipação política do Paraná*, analisadas no primeiro capítulo desta dissertação, como, por exemplo, no trecho abaixo:

(...) está caracterizada a degeneração cultural do colonizador português, no sentido de uma “barbarização” do homem europeu quando não podia apoiar seus valores culturais sobre uma massa de escravos que lhe assegura-se as bases materiais da vida²⁰⁴.

O fragmento diz respeito à escravização dos índios por parte dos colonizadores portugueses. Em ambos os suportes – revistas e livro *História do Paraná* – os portugueses e “lusobrasileiros” são representados como “aventureiros” em busca de riquezas minerais e também, no caso acima, como portadores de certa “degeneração cultural”. Sutilmente, reforçam-se a fronteira já mencionada entre europeus de origem lusa e os de origem eslava, enaltecidos no prefácio de Bento Munhoz da Rocha Neto e mais adiante, em vários momentos, na coletânea.

A parte que corresponde ao *Paraná espanhol*, é composta por seis partes, são elas: *Procura de ouro e prata – Potosi; Caminhos rumo à bacia do Paraná; Espanhóis no ocidente; Reduções – organização e vida; Reduções – destruição; problemas da prata e do ocidente*. São apresentadas narrativas a respeito da organização dos jesuítas, a chegada dos bandeirantes e o extermínio dos índios, do lado espanhol do território, definido assim pelo tratado de Tordesilhas.

O *Paraná tradicional* é classificado pelos autores como “Paraná da mineração, pecuária, das indústrias extrativas e da agricultura de subsistência²⁰⁵”. Trata-se do período compreendido entre século XVII ao início do século XX. Esta parte da obra contém dezenove pequenos subcapítulos, que são os seguintes: *Organização da comunidade tradicional; Jesuíta; Câmaras municipais e Capitães e generais – Morgado do Mateus; expedições militares de conquista; expansão da sociedade campeira; Sociedade campeira – gênero de vida; emancipação político administrativa; situação da província ao tempo de emancipação; População do Paraná tradicional; Economia provincial; Erva- mate e madeira; Política provincial; desagregação da sociedade tradicional; imigração e colonização; política final do império e início da República; Revolução federalista; Guerrilhas do contestado – Questão do contestado; Política da 1ª República; Revolução de 1930 e a intervenção*. O tropeirismo, produção de erva mate, emancipação

²⁰⁴ Ibidem.p.27.

²⁰⁵ Ibidem.p.118.

política do território, organização de colônias agrícolas de imigrantes para produção de subsistência, as necessidades da nova província com relação a estrutura como estradas, escolas etc, são alguns dos assuntos abordados nos subcapítulos listados acima.

O trecho denominado pelos autores como *Paraná Moderno* contém os seguintes tópicos: *Norte do Paraná; sudoeste e oeste do Paraná; economia cafeeira; novos empreendimentos coloniais; problemas agrários; Industrialização; Desenvolvimento demográfico e urbano; Cultura Paranaense; integração das comunidades paranaenses*. Nele é abordado o período que compreende a década de 1950 e início da década de 1960. São apresentados os projetos de (re)ocupação das regiões mais interiores do Paraná (Oeste, sudoeste e norte), questões que envolvem os posseiros e a disputa pela terra, industrialização e urbanismo. Vemos novamente a oposição do par tradicional/moderno em que a modernidade relaciona-se à aceleração, a inovações tecnológicas e o tradicional é o lugar de permanência de um passado. Sobre esta oposição, Jacques Le Goff afirma:

O moderno adquiriu um ritmo de aceleração desenfreado. Deve ser cada vez mais moderno: daí um vertiginoso turbilhão de modernidade. Outro paradoxo, ou ambigüidade: o "moderno", à beira do abismo do presente, volta-se para o passado. Se, por um lado, recusa o antigo, tende a refugiar-se na história. Modernidade e moda retro caminham lado a lado. Este período, que se diz e quer totalmente novo, deixa-se obcecar pelo passado: memória, história²⁰⁶.

Esta concepção se repete nos três suportes analisados – revistas, obras historiográficas, entrevistas. O refúgio da modernidade como veremos no decorrer deste trabalho estão no folclore e na tradição, marcados como lugares de “sobrevivência” do passado que, dentro dos discursos, está sempre prestes a se esvaír no turbilhão acelerado das inovações.

Considerando que nosso foco os discursos de identificação étnica sobre a população paranaense, selecionamos para uma análise mais detida os subcapítulos *População do Paraná Tradicional, Imigração e colonização, novos empreendimentos coloniais*.

O primeiro texto selecionado caracteriza o contingente populacional estabelecido inicialmente no território em questão, como “diminuto e disperso”. Apresenta censos do século XVIII e XIX em que a população é dividida entre homens, mulheres e escravos, os últimos não especificados entre homens, mulheres, índios ou negros.

²⁰⁶ LE GOFF, J. op.cit.p.199.

Localidade	Homens	Mulheres	Escravos	Total
Villa de Paranaguá	859	920	1414	3193
Villa de Guaratuba	105	75	9	189
Villa de Curitiba	907	928	104	1939
Freguezia de S. Jozé	348	340	145	833
Freguezia de S. Antonio	230	230	40	500
Povoação do Yapó	487	486	–	973
Total	2936	2979	1712	7627 ²⁰⁷

Índios e negros são mencionados como parte da constituição da população, no entanto, os apresentam enquanto “força de trabalho²⁰⁸”. A respeito dos primeiros, são citados “choques culturais, conflitos e violência” na relação destes com os colonizadores, como no trecho a seguir:

Renovam-se os conflitos porque os índios, para defender suas terras e fugir do extermínio, imagens atacando os estabelecimentos mais avançados isolados dos Colonos. Reaparecem os caçadores de índios, os "bugreiros", homens de longa experiência no ofício, bem como a catequese, esta realizada, via de regra, componentes das ordens religiosas incumbidas da assistência espiritual dos contingentes imigrados²⁰⁹.

²⁰⁷ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op.cit.p.117.

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ Ibidem.p.121

Neste trecho naturaliza-se a relação de violência vivida no território, em que os índios, se não catequisados para entrar nos moldes europeus e tornarem-se “força de trabalho”, eram caçados e exterminados. No livro *As guerras dos índios Kaingang*, o historiador Lúcio Tadeu Mota rompe com esta perspectiva recorrente que retrata os índios como passivo e diminui/omite sua participação como sujeitos ativos na história paranaense. Trata sobre diversos embates dos Kaingang com os “brancos”, bem como sua persistência e determinação dos primeiros na defesa de sua organização social.

Na coletânea, a “presença” negra no Paraná foi mostrada como algo necessário à “sociedade escravocrata” e momentâneo, devido à evasão dos negros deste território, por conta das demandas de mão de obra em outras províncias, após leis anti tráfico. Este argumento foi sustentado por uma historiografia clássica relacionada à história do Paraná em obras de autores como Ruy Wachowcz, Romário Martins e, principalmente, Wilson Martins. Ao realizarem estudos sobre ao processo de construção de Curitiba enquanto “capital europeia”, Pedro Rodolfo Bodê de Moraes e Marcilene Garcia de Souza utilizam os estudos de Otávio Ianni para contrapor esta tese do “Brasil Diferente”:

Ianni sustenta que, comparado a outras regiões, a escravidão em Curitiba foi menor; no entanto, “[...] não deve ser compreendida como se nelas o regime escravo não tivesse assumido a mesma importância básica que em outras áreas [...] [pois] Em determinados casos, quando a economia não possibilita um amplo desenvolvimento da escravatura, como ocorre em Curitiba, verifica-se a despeito disso, uma acentuada elaboração do regime escravista” (IANNI, 1962, p. 09). Concluindo: “[...] a escravatura em Curitiba pode ser tomada como uma expressão local, com alguns caracteres singulares, da ordem escravocrata geral. [...] A escravatura em Curitiba é uma expressão completa do regime no Brasil”²¹⁰.

Esta rapidez com que os negros são citados na coletânea relacionava-se a uma vontade dos autores de desvincular o passado do estado da mácula da escravidão, e a vontade de mostrar o Paraná como a frente dos outros estados com relação a um pensamento voltado a nova ordem liberal da época, como podemos perceber no fragmento:

Na verdade, a mobilização da escravatura pela lavoura Paulista de café, desfalque rural brasileiro de mão-de-obra, de tal maneira que comprometeu todo o sistema de abastecimento de gêneros alimentícios, ocasionando a falta e a elevação dos preços dos mesmos. A vinda de “colonos morigerados e laboriosos” passou a ser considerada como

²¹⁰ MORAES, P. R. B.; SOUZA, M.G. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. Dossiê cidadania e violência. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, n.13 Nov. 1999.

único meio adequado para solucionar o problema da crise de escassez e carestia de produtos agrícolas.²¹¹

Os imigrantes europeus são apresentados como uma alternativa que solucionaria o problema de “escassez” de produtos agrícolas. Essa solução foi a organização das chamadas “colônias agrícolas”, agrupamentos de pequenas propriedades, formados por imigrantes e nacionais, geralmente, com o objetivo de produzir alimentos para subsistência. Este projeto espelhava-se nos moldes de propriedade e produção da Europa, contrariando a economia do restante do Brasil baseada na monocultura, latifúndio e exportação²¹².

Esta diferenciação referente ao projeto político da nova província imprimia-se também nos discursos sobre a população paranaense:

Assim, a tríade ética fundamental: índio, português e negro, vieram somar-se novos elementos étnicos, principalmente europeus, na composição do quadro demográfico do Paraná. Os contingentes de imigrantes, de origem e procedência heterogêneos, imprimiram à população paranaense sua principal característica, a grande variedade étnica, quando o quadro populacional Paranaense verdadeiro *mosaico étnico-cultural*, estão representados povos e culturas os mais diversos²¹³. (Grifo nosso).

Neste ponto da narrativa – fim do século XIX início do século XX – variedade étnica passa a ser considerada como maior característica da população paranaense. Negros e índios somem da narrativa, ao passo que os imigrantes passam a ser seu centro. Os autores também marcam a diferença da população que foge da “tríade” do brasileiro, considerado, tradicional. Esta concepção segue a mesma direção da já mencionada tese de Wilson Martins, em suas palavras:

Assim, ainda no domínio etnológico, o Paraná repete o exemplo de equilíbrio que vimos assinalando como sua característica fundamental. E se em certas regiões brasileiras o esquema da população pode ser o “triângulo retângulo” a que se referia o sr. Afonso Arinos de Melo Franco – tendo por hipotenusa o elemento português, o índio como lado mais curto e o negro como lado mais longo – aqui a figura geométrica seria, na mais simplificadora das hipóteses, um polígono irregular de sete lados, cujas faces, em extensão decrescente e de tamanho variável, representariam os elementos poloneses, ucraniano, alemão, italiano, os “pequenos grupos”, o índio e o negro, estes últimos em proporção praticamente insignificante²¹⁴.

²¹¹ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op.cit.p.128.

²¹² NADALIN, S. O. Paraná: Ocupação do Território, Populações e Migrações. Curitiba: SEED, 2001; BALHANA, A. P. *Política Imigratória do Paraná*. Revista Paraná Desenvolvimento, Curitiba, v. n.87, p.39-50, jan/abr., 1996.

²¹³ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op.cit.p.128.

²¹⁴ MARTINS, W. p.108.

Como afirmamos anteriormente, este livro traz um discurso que marca a identidade do Paraná por meio da alteridade com relação à chamada “composição étnica” do brasileiro, apresentada por Gilberto Freyre. Há, além disto, uma constante identificação do clima e das pessoas do Paraná com o clima e tipo humano da Europa, assinalando o “progresso” do estado e a descendência europeia da população como marcador de diferença com relação a outros estados brasileiros, que não receberam ou receberam uma menor quantidade de imigrantes europeus. Ser “europeu” está claramente associado a ser “trabalhador” e “morigerado”. Trata-se de uma concepção corrente entre os intelectuais paranaenses.

No item *imigração e colonização*, os autores discutem as políticas migratórias implantadas no Paraná a fim de atrair imigrantes europeus para a (re)ocupação da região, nos séculos XIX e XX. No início do texto se referem as “as migrações humanas²¹⁵” como um “fenômeno permanente e universal²¹⁶” e ao território da América como uma “terra de imigração” “desde os tempos pré-históricos²¹⁷”. Na forma como os autores constroem sua narrativa, índios e brancos são colocados no mesmo patamar em relação aos argumentos que legitimam sua presença na América. Deste ponto de vista, os colonizadores são tratados como conquistadores e não como invasores/exploradores de terras que não lhe pertenciam. Se adotada a teoria do estreito de Bering, a chegada dos índios à América ocorreu em circunstâncias completamente diferentes da chegada dos europeus que vieram com intuito de explorar riquezas, bem como dos imigrantes mais recentes que vieram em busca de melhores condições de vida em contextos de turbulência na Europa.

Os autores dão seguimento ao texto comentando que as administrações das nações americanas sempre tiveram preocupação com o preenchimento dos “vazios demográficos²¹⁸”. Dessa forma, criou-se a “tradição da “porta aberta” para os imigrantes de todas as procedências culturais²¹⁹”.

De acordo com Lúcio Tadeu Mota, a construção dessa ideia de “vazio demográfico” embasava-se em formulações acadêmicas - de várias áreas como a geografia, história, sociologia - que podemos encontrar também em manuais didáticos sobre a história do Paraná. Nas palavras de Mota: “Cria-se o vazio demográfico a ser

²¹⁵ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op.cit.p.156.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ Ibidem. p.157.

²¹⁹ Idem.

ocupado pela colonização pioneira. Vazio criado pela expulsão ou eliminação das populações indígenas que, desse modo, são colocadas à margem da história²²⁰”.

Este discurso acabou por considerar a “população autóctone como *povos sem história* e conseqüentemente com pouco ou nenhum patrimônio a preservar”²²¹. Isto resultou na produção de um silenciamento com relação aos grupos nativos que ocupavam a região antes da chegada de imigrantes e migrantes.

Balhana, Machado e Westphalen dão continuidade ao texto apresentando as ações governamentais e privadas promovidas entre o final do século XIX e início do século XX, em prol da *imigração e colonização* do Paraná. Os autores explicam que no Paraná, após o estabelecimento da província, tinha-se a intenção de introduzir no meio rural paranaense “elementos de renovação que iniciariam o processo de mudança nas suas estruturas agrárias”, que pretendiam basear na pequena propriedade e produção de alimentos para subsistência. Como já mencionamos acima, acreditava-se que os europeus seriam os mais qualificados para por este projeto em prática. Deste modo, foram realizados pesados investimentos, públicos e de iniciativa privada, que trouxeram e instalaram neste território colonos alemães, holandeses, italianos, ucranianos, poloneses, japoneses, entre outros²²².

Os autores fazem um levantamento das colônias agrícolas estabelecidas entre 1829 e 1911, bem como dos grupos de imigrantes, classificados como etnias, nelas instalados. Ao final do tópico apresentam os seguintes dados comparando a porcentagem de estrangeiros na população brasileira com a paranaense:

Anos	Brasil	Paraná
1872	3,9%	2,9%
1890	2,4%	2,1%
1900	6,2%	13,6%
1920	4,2%	9,2% ²²³

Os autores procuram mostrar que a quantidade de imigrantes no território paranaense se fez bastante significativa com relação a entrada de estrangeiros no Brasil

²²⁰ MOTA, L. T. *As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)*. Maringá: Eduem, 2009. p.25.

²²¹ KERSTEN, M. S. A. *Os Rituais do Tombamento e a escrita da História* Bens Tombados no Paraná entre 1938-1990. p. 18.

²²² De acordo com o historiador Sergio Nadalin, entre 1829 e 1911 instalaram-se no Estado 83.012 estrangeiros. NADALIN, S. O. *Paraná: Ocupação do Território, Populações e Migrações*. Curitiba: SEED, 2001.

²²³ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op. cit. p.184.

como um todo. Logo depois destes dados, é apresentada outra tabela que ordena os contingentes populacionais estabelecidos no Paraná conforme “etnia”. Este conjunto de dados, novamente, sinaliza a diferença deste estado como detentor de “grande variedade étnica”:

Contingentes imigrados para o Paraná	
Contingentes	%
Poloneses	49,2
Ucranianos	14,1
Alemães	13,3
Italianos	8,9
Russos	4,2
Franceses	2,5
Austríacos	1,5
Holandeses	1,2
Outros	5,1 ²²⁴

O parágrafo que encerra este tópico contém os seguintes dizeres: “A contribuição dos vários grupos populacionais imigrados criou o mosaico étnico-cultural sobre o qual se estão armando as novas estruturas demográficas do Paraná²²⁵.”

A palavra mosaico nos remete a imagem de várias peças coloridas que, lado a lado, formam uma imagem. Dessa forma, ao pensarmos sobre a expressão “mosaico étnico-cultural”, nos remetemos a várias etnias que agrupadas, lado a lado, formariam a imagem do Paraná. De acordo com a frase acima, “as novas estruturas demográficas” se formariam tendo por base este mosaico, o que distancia a ideia de mistura. Esta seria concretizada futuramente, o que formaria o “tipo paranaense”. Neste sentido, as fronteiras usadas para estabelecer as identidades de cada grupo são sempre mantidas dentro do discurso, ao passo que a mistura fica sempre relegada a um futuro distante.

Esta ideia é reforçada pelas imagens contidas no livro que apresentam trajés “típicos”, como nas imagens intituladas “colônia Carambeí - Holandesa”, “Colônia Santa Cruz – Russos Brancos”, ou nos artesanatos como os da imagem das pêsankas²²⁶ “Páscoa

²²⁴ Idem.

²²⁵ Idem.

²²⁶ Ovos de páscoa coloridos a mão, considerados de “tradição” ucraniana.

Ucraniana - Prudentópolis”. A identidade destes povos aparece essencializada em objetos e ritos.

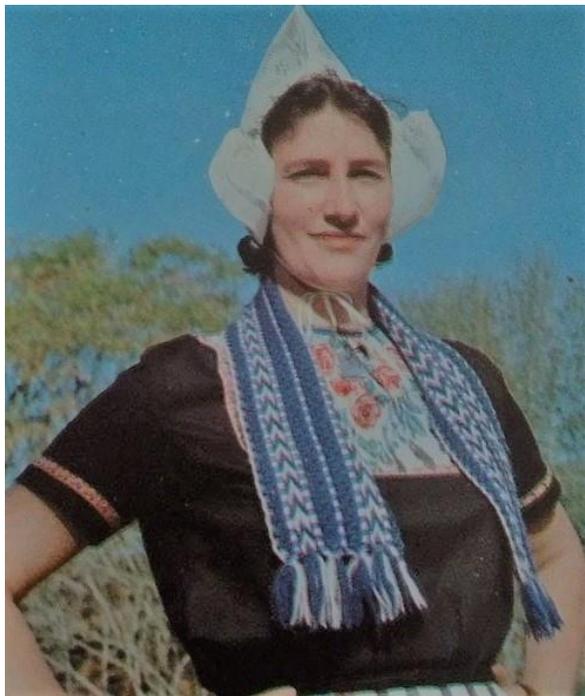


Figura 6: Colônia Carambeí – Holandesa
 Fonte: EL-KHATIB, F. (org). *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.

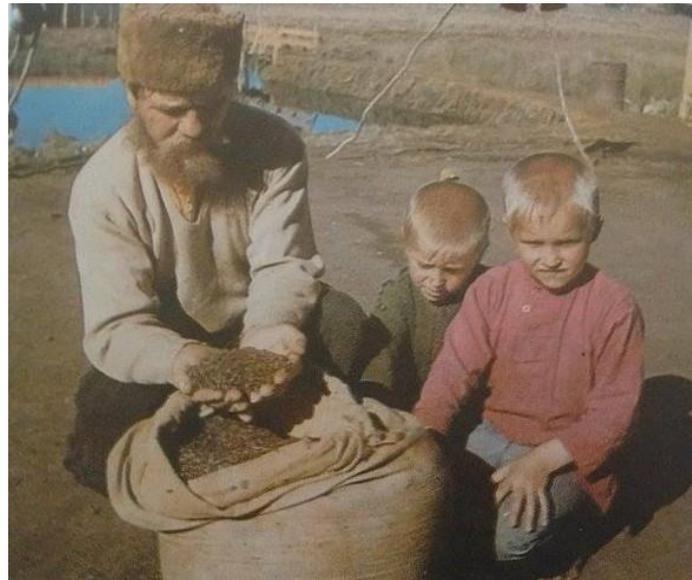


Figura 7: Colônia Santa Cruz – Russos Brancos
 Fonte: EL-KHATIB, F. (org). *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.



Figura 8: Páscoa Ucraniana - Prudentópolis
 Fonte: EL-KHATIB, F. (org). *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.

Na sessão do livro intitulada *Novos empreendimentos coloniais*, os autores tratam sobre os esforços e investimentos propostos para o povoamento das regiões norte, oeste e sudoeste do Paraná, ocorrida no período marcado por eles como *Paraná moderno*. O tópico menciona as correntes migratórias internas e a chegada de migrantes nacionais de várias regiões do Brasil no Paraná. No entanto, o enfoque principal deste tópico centra-se na instalação das colônias de imigrantes, estabelecidas no início da década de 1950. Dentre estas podemos citar: Witmarsum, Castrolanda e Entre Rios, colônias compostas por europeus. Todas elas são apresentadas como empreendimentos de sucesso, estimuladas pelo governo do Estado, porém, orientadas mais ativamente por organizações privadas e instituições internacionais de imigração.

Estas experiências de colonização recente, realizadas no Paraná, nas últimas três décadas comprovam evidências já indicadas na colonização realizada anteriormente, de que a integração étnico-cultural das comunidades de imigrantes tem estado condicionada ao seu maior ou menor entrosamento na estrutura econômica do contexto no qual estão inseridas²²⁷.

No trecho acima, aparece a ideia de “integração étnico-cultural”, que reforça a boa adaptação dos imigrantes ao território paranaense, bem como estabelece uma relação de dependência entre este ajustamento e a economia local. Desta forma, fica subentendido que em outras estruturas econômicas como latifúndio, por exemplo, talvez esta “integração” não ocorresse por completo. Além disto, este termo também silencia conflitos que estes imigrantes possam ter enfrentado entre os diferentes grupos e com os já estabelecidos no território.

Vale relembrar que as três colônias acima citadas foram estabelecidas no governo de Bento Munhoz da Rocha Neto, autor do prefácio desta coletânea, que retomou interesse no investimento em colonização estrangeira quando esteve na administração do Estado.

2.1 História do Paraná Volume III: Discursos sobre folclore e tradição

Além do volume I, selecionamos também o terceiro volume desta coletânea para discutir as formas de classificação da população paranaense. Este volume é sistematizado

²²⁷ BALHANA, A.P., MACHADO, B.P. & WESTPHALEN, C.M. op. cit. p. 229.

nos seguintes capítulos: *Presença do índio no Paraná, Formação étnica do Paraná, Folclore no Paraná, Aspectos da Música no Paraná, Breves Notas sobre a Imprensa do Paraná, Universidade Federal do Paraná e Perfis de personalidades Paranaenses.*

Os dois primeiros capítulos foram escritos pelo integrante da Academia Paranaense de Letras Faris Antônio S. Michaele, os dois seguintes são de autoria da professora catedrática de História da Música do Instituto de Educação do Paraná, Roselys Vellozo Roderjan. Os três capítulos finais foram redigidos, respectivamente, pela jornalista Rosy de Sá Cardoso, pelo professor de clínica oftalmológica da Universidade Federal do Paraná Leônidas Ferreira Filho e pelo Historiador Ruy Christovam Wachowicz.

No capítulo *Presença do índio no Paraná*, escrito por Faris A. Michaele, são apresentadas narrativas a respeito das populações indígenas que habitavam o território que viria a tornar-se Paraná. Primeiramente, é apresentada uma introdução que trata sobre a chegada dos povos indígenas na América e sobre sua presença no Brasil. Em seguida o texto segmenta-se em dezenove pequenos tópicos: *Quais as tribos que habitavam o Paraná?; Classificação das tribos paranaense; A cultura dos Tupis-Guaranis; Cultura Material; Cultura espiritual; Conhecimentos astronômicos dos tupis guaranis; Conhecimentos anatômicos, zoológicos e botânicos; Conhecimentos que os tupis guaranis tinham do poder curativo das plantas; Língua e Literatura; Literatura Tupi-Guarani; O índio brasileiro como trovador; Provérbios indígenas; O direito entre os Tupis-Guaranis; Elementos religiosos dos nossos índios; Costumes indígenas Tupis-Guaranis; A Herança Caingangue e não-tupi em geral; A Lenda do Fogo.* Já nos títulos podemos perceber que termos como “habitavam” e “herança” colocam os indígenas no passado, como se não houvesse mais espaço para eles no presente e futuro da história do estado.

Faris Antônio Michaele foi um importante intelectual da elite paranaense. Descendente de libaneses, nasceu em 1911 no interior de São Paulo e viveu, praticamente, toda sua vida na cidade de Ponta Grossa, no Paraná. Formou-se bacharel em Direito, contudo sempre atuou na área da educação, ministrou aulas no ensino básico entre os anos de 1937 e 1967. Lecionou, também, no ensino superior nos cursos de Letras e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa e na Faculdade de Direito. Além disso, dedicou-se a criação e direção de vários espaços culturais da cidade de Ponta

Grossa, como o Centro Cultural Euclides da Cunha²²⁸. Ao pesquisar a trajetória deste intelectual, o doutor em Educação Névio de Campos juntamente com a pedagoga Elise Marchese, baseados nos estudos de Francisco Moraes Paz sobre a modernidade, fazem a seguinte afirmação:

As cartas e periódicos que compõem o acervo de Faris Michaele demonstram o intercâmbio de ideias, elogios e críticas a respeito das problemáticas do mundo moderno. Em linhas gerais, é possível afirmar que Michaele entendia que “o desafio contemporâneo está em realizar a utopia na modernidade, tal como ela se apresenta a partir do século XIX. Isto é fazer da modernidade uma experiência baseada na ciência e na técnica, vivida a partir da Europa, não mais em ilhas ou terras distantes”²²⁹.

Com relação aos ideais de Michaele sobre a modernidade e a pedagogia moderna, Campos e Marchese acreditam que ele apostava no projeto moderno de educação que visava à moralização do povo, surgido em meados da década de 1920. Trata-se do Movimento Escola Nova, organizado por intelectuais da época preocupados com os rumos da educação.

Como afirmam Campos e Marchese: “(...) a trajetória de Faris Michaele está associada a uma camada social que acreditava em seu papel de organização e divulgação de visões de mundo que expressassem os valores da filosofia e da ciência modernas”²³⁰. Assim, em toda a trajetória de Faris Michaele, é possível perceber sua crença em modernidade e progresso, de acordo com a ciência e as técnicas desenvolvidas na Europa. Isto se reflete, na escrita dos capítulos a ele atribuídos na obra *História do Paraná*, em que podemos perceber estas influências.

Além disso, Michaele recebeu influência das principais obras sobre História do Paraná, publicadas ou republicadas nas décadas de 1950 e 1960. Trata-se de um período de grande efervescência para as produções intelectuais dessa área, o que se deve, principalmente, às comemorações do centenário de emancipação política deste estado realizadas em 1953, como afirma o historiador Alessandro Batistella:

Em 1953, ano das comemorações do centenário da emancipação do Paraná, o Paranismo ufanista viveu seu período de maior destaque, fazendo parte das comemorações oficiais. Sobretudo em Curitiba, foram fundados alguns monumentos, cuja influência do Paranismo é notória.

Também em 1953 – cinco anos após o falecimento de Romário Martins

²²⁸ CAMPOS, N.; MARCHESE, E. Faris Michaele: trajetória de um intelectual moderno. *Olhar de professor*. UEPG, Ponta Grossa, 2010. p. 185-199.

²²⁹ Idem. p. 197

²³⁰ Idem.

– a obra *História do Paraná* foi reeditada e adotada como “obra oficial da história paranaense” nas escolas do estado²³¹.

Neste sentido, esta influência dos autores paranistas pode ser observada na organização das sessões do capítulo *Formação etnia do Paraná*. Segue-se a lógica proposta por Romário Martins de que a população do Paraná se dividiria em dois grupos: “Os povoadores fundamentais” (indígenas, portugueses, espanhóis, negros e mestiços) e pelos “Colonos de várias etnias europeias²³².” Em suas palavras: “Conjuntamente com os descendentes dos povoadores fundamentais, essa Babel de todas as raças, irmanadas na mesma obra civilizatória, integrada no espírito novo, de cooperação e de fraternidade, com que marchamos para o futuro²³³”.

Em alguns momentos, o autor também converge com as ideias de Wilson Martins, que acreditava existir no Paraná um *Brasil Diferente*²³⁴, por haver, segundo ele, uma “preponderância racial” europeia. Michaele deixa clara a influência recebida destes e de outros estudiosos sobre o assunto ao listar as seguintes obras:

Neste particular, entre outros são de utilíssimo manuseio os livros: “*Introdução a Antropologia Brasileira*”, 2º vol., Artur Ramos; “*História do Paraná*”, “*Quantos somos e Quem somos*” etc., Romário Martins; “*Brazil People and institutions*” (hoje, existente em português), Lynn Smith; “*Le Brésil*”, Jacques Lambert; “*L’Immigration Brésil*”, Fernando Bastos D’ Ávila; “*Um Brasil Diferente*”, Wilson Martins; o referido “*Censo Demográfico*”, bem como, ainda, “*Die Deutschen in Parana*”, do Pastor Fugmann; “*Os italianos no Paraná*”, de Franco Cenni; “*Sírios e Libaneses*”, de Clark S. Knowlton; “*Aculturação Germânica no Sul do País*”, de Emilio Willems; “*Santa Catarina*”, de Oswaldo Cabral; “*Paraná Vivo*”, Temístocles Linhares; “*população Brasileira*”, de F.M. Salzano e N. Freire-Maia; “*O Japonês no Brasil*”, de Iroshi Saito; etc²³⁵.

Partindo para análise do texto em questão, Michaele afirma que houve no Paraná uma população indígena pré-cabralina, ou seja, anterior à chegada dos colonizadores, relativamente grande. Afirma que o “Elemento Ameríndio” participou da constituição da população brasileira, dessa forma, preocupa-se com sua “origem, identidade, traços culturais e até influências dos grupos nativos²³⁶.” No entanto, quem o informa sobre estes

²³¹BATISTELLA, A. O paranismo e a invenção da identidade paranaense. *Revista eletrônica História e Reflexão*. UFGD, vol. 6, n.11, 2012.

²³²MARTINS, R. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. p.350.

²³³ Ibidem. p. 352

²³⁴MARTINS, W. *Um Brasil Diferente*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

²³⁵CARDOSO, R.S; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C. *História do Paraná*. Vol. 3.Curitiba: Grafipar, 1969. P.106/107.

²³⁶ CARDOSO, R.S; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C. *História do Paraná*. Vol. 3.Curitiba: Grafipar, 1969. p.13.

dados são os relatos de viajantes como Cabeza de Vaca, Pero Lopez de Sousa, Ulrico Schmidt, entre outros. Toma por base este “olhar de fora”, sem questioná-lo, como “testemunho irrefutável²³⁷”. Neste sentido, os indígenas são retratados a partir de um contexto e de certas visões de mundo permeadas por relações de poder.

De maneira geral, trata-se de uma narrativa em que os indígenas são apresentados a partir do uso de clichês que cristalizam uma figura para os grupos que ocupavam o território paranaense. Isto pode ser percebido no seguinte trecho, referente ao item *cultura material*:

O processo de assar carne, que denominamos churrasco é também de origem indígena, mas comum em toda a América. É o barbacoa ou barbecoa (barbecue em inglês) dos países hispânicos, desta parte do mundo. A cozinha paranaense apresenta muitos pratos ecléticos de procedência nativa, como dissemos. É o caso da mixira (mixyra), do tacacá, do tucupí do asaí (bebida), etc. Não devemos esquecer que a erva mate e o guaraná são também de origem indígena. O mate é guarani e seu verdadeiro nome é KAÁ ou erva, chamando-se igualmente KONGÔI, donde CONGONHA em avañeê (avanheen) ou guarani²³⁸.

Neste trecho são descritos pratos culinários e bebidas como “contribuições indígenas” para a cozinha paranaense. Esta noção de “contribuição” cristaliza a identidade indígena, tornando-a fixa. Esta cristalização ocorre também com o termo *cultura*, tomado como natural e estático. Isto pode ser notado nos próprios subtítulos como, por exemplo, *A cultura dos Tupis-Guaranis; Cultura Material; Cultura espiritual; Costumes indígenas Tupis-Guaranis*. Michaele se apropria do conceito de “cultura” como algo estático, assim como nas revistas analisadas no primeiro capítulo e as entrevistas que serão analisadas no terceiro. Assim como nos ensina Denis Cuche²³⁹, entendemos que *cultura* é algo social e historicamente construída, portanto, não há como fixa-la em determinadas práticas que caracterizam determinados povos.

No seguinte trecho, referente ao subcapítulo Cultura Material, Michaele constrói uma narrativa carregada de estereótipos sobre as populações indígenas.

De um modo geral, então, pode-se dizer que, como o próprio Gilberto Freyre o reconhece, os antepassados indígenas, em parte, transmitiram aos brasileiros o hábito generalizado do banho, como também o gosto pelas pomadas, perfumes e pentes, vindos da mãe tupi-guarani, a bondosa e operosa cunhã, na verdade, o lado positivo da cultura, entre a gente das selvas²⁴⁰.

²³⁷Idem.

²³⁸ Ibidem.p.36.

²³⁹ CUCHE, D. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

²⁴⁰ CARDOSO, R.S.; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C. p.31.

Em geral, ao longo do texto, o autor toma cuidado para apresentar os hábitos indígenas de uma forma que não os inferiorize. No entanto, no trecho acima, ao utilizar a frase “o lado bom da cultura, entre a gente das selvas”, o autor faz uma avaliação moral – lado bom pressupõe a existência de um lado mau/negativo. Isto dá margem para que o leitor suponha que este “lado negativo” poderia ser a não aptidão para o trabalho, já que nada que relacione os índios ao trabalho é mencionado, a “contribuição” indígena apresentada no texto se restringe ao banho e ao uso de pomadas e plantas medicinais.

Ao escrever este texto, Michaelé tem a intenção de “preservar” a memória dos povos que participaram da formação do estado do Paraná. Tomado por este impulso, o autor apresenta a diversidade cultural como algo dado, fato “natural”, que deve ser respeitado, tolerado e preservado. No entanto, ao classificar os índios de seu presente como “aculturados²⁴¹” ou “civilizados²⁴²”, incorpora juízos de valor naturalizando o olhar e a forma de vida do colonizador, em detrimento da dos colonizados.

O capítulo seguinte, *Formação Étnica do Paraná*, também é de Faris Michaelé. Nele, faz um apanhado histórico sobre os vários “tipos” de pessoas, por ele classificadas como “elementos”, que participaram do povoamento do território paranaense e que, segundo sua visão, “contribuíram” na “formação e desenvolvimento” da população paranaense.

O capítulo organiza-se em seis sessões, são elas: *O elemento nativo ou Ameríndio*, *O elemento Português ou Lusitano*, *O elemento Africano*, *O elemento Castelhana*, *Outras Etnias Europeias e Asiáticas*. Este conjunto de narrativas constrói uma identidade para cada grupo citado, na medida em que busca delimitar as “contribuições” de cada um deles para a composição de um “tipo paranaense”²⁴³, o qual seria constituído da junção destas características positivas. Ao mesmo tempo reforça uma identidade para o estado do Paraná como sendo um “Mosaico de Etnias”, ao escrever uma história que harmonize a coexistência dos diferentes grupos no mesmo território.

O objetivo de Michaelé, neste capítulo, é “preservar” a memória sobre a participação de cada grupo, por ele classificado como “racial” ou “étnico”, na constituição da população paranaense:

Todos serão estudados em função dos números e em relação a sua maior ou menor interferência no processo histórico, acentuando, destarte, o

²⁴¹ Ibidem.p.33.

²⁴² Idem.

²⁴³STEIN, M. N. Imigração, Colônias Agrícolas e Etnicidade: uma análise sobre discursos de identificação no Paraná. *História: Debates e Tendências*. UPF, v. 14, n. 1, 2014.

crescimento demográfico, alterando, no conjunto da população, a distribuição étnica, com novos índices de fusibilidade, dispondo, enfim, as coisas de tal modo, que, no futuro “melting-pot”, já não se poderá dizer, ao certo se houve, adaptação, tão somente, ou real assimilação de sangue e de cultura, ou, ainda, miscigenação tão eficiente a ponto de só restar a memória, cada vez mais evanescente, das longínquas origens²⁴⁴.

O autor acreditar que a memória sobre os grupos de imigrantes cada vez mais se “desvanece”, quanto mais “melting-pot” a população se torna. As teorias do *melting-pot* defendiam que os estados-nação atingiriam uma homogeneidade racial conforme ocorresse a “assimilação” e a miscigenação de todos os povos neles residentes²⁴⁵. De acordo com de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, esta teoria foi sendo desmantelada mediante a observações empíricas que concluíam que os liames étnicos eram mantidos em grupos a muito instalados em um país²⁴⁶. Michaelle acreditava na vertente que afirma que a completa ‘assimilação’ um dia seria alcançada.

Michaelle parte da seguinte classificação dos “tipos humanos”: utiliza o termo “raças” para designar índios, negros e brancos, troncos do tradicional mito das três raças formadoras do povo brasileiro, e o termo “etnia” para classificar o que chama de “nações de povos”, ou seja, grupos com sentimento nacional.

De qualquer modo, porém, em relação a índios e negros, será sempre a condição biológica ou antropológica que irá ser levada em conta, ocorrendo o mesmo, naturalmente, no que se refere aos grupos mestiços. As *etnias*, repetimos, só se aplicam aos grupos nacionais ou de nação, de povos etc. Assim sendo, em antropologia, o nosso índio, o japonês e coreano, no caso fazem parte da raça ou tronco MONGOLÓIDE, muito embora, no caso do japonês e do coreano, haja, também, aplicações para o termo ETNIA²⁴⁷.

Um ponto interessante da escrita de Michaelle é que ele utiliza o conceito “raça” ciente das discussões do período em torno do uso deste termo. Explica que apesar destas discussões ele o adotará, pois acredita que apenas o termo “etnia” não dá conta de explicar as condições biológicas do ser humano, dessa forma, vincula o termo “etnia” a nacionalidade, procura se justificar da seguinte forma:

O assunto do presente capítulo é dos mais complexos e desanimadores. Dizemos dos mais complexos e desanimadores, não só pelo fato de estarmos sempre em deficiência de dados e informações, no que se

²⁴⁴ CARDOSO, R.S; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C.; Op.cit.p.76/77.

²⁴⁵ VOIGT, A. F. op. cit. p. 30.

²⁴⁶ POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. op. cit. p. 70.

²⁴⁷ CARDOSO, R.S; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C.; Op.cit.p.77.

refere ao assunto étnico ou racial (conforme a terminologia de cada país), como também por se tratar de conceitos e designações que se prestam as mais desencontradas interpretações semânticas. (...) Agora acrescente-se a isso a variabilidade e incerteza que sói acompanhar o vocabulário das ciências do homem, a começar pelas definições das próprias disciplinas, e teremos, então, uma ideia do quanto nos foge aos pés esse terreno das cogitações raciais, delimitações absolutas de elementos étnicos ou, mesmo, mudanças e transformações de status ou classificação do indivíduo dentro da sociedade²⁴⁸.

Assim, busca delimitar as contribuições de cada grupo presente na ocupação do Estado para a formação étnica do povo paranaense, ressaltando as qualidades de seu caráter, como se dependesse de um fator biológico. Podemos observar isto nos seguintes trechos:

“Elementos étnicos Alemães ou Germânicos”:

Diante disso, é difícil de não reconhecermos que os tipos antropológicos da Velha Germânia, unidos aos da Suíça e Áustria, aqui tenham contribuído um tanto, para a modificação de, ao menos, parte da população primitiva²⁴⁹.

“Elemento israelita ou judeu”:

O judeu, assim, queiramos ou não, guarda muita afinidade conosco, sendo elemento dos mais eficientes na produção e distribuição das riquezas, na criação e circulação das idéias e coisas do espírito geral, enfim, em tudo aquilo que é suscetível de tornar mais cômoda e tolerável a vida (...) ²⁵⁰.

“O Elemento da península itálica (etnia italiana)”:

O valoroso elemento itálico a tudo se dedica, destacando-se, galhardamente, nas artes, ciências e atividades político-administrativas, por igual. Hoje ao lado do agricultor mecanizado, do industrial atualizado e do técnico sempre pronto a impor seu *elevado teor de conhecimentos e experiência*, temos, numa inconfundível demonstração de carinho as coisas do Brasil e sua cultura, a presença estuante de vigor e talento, do pintor, do poeta, do prosador, do mestre e do homem de ciência. Destarte, como as demais etnias européias e asiáticas, a italiana também *contribuiu* com seu quinhão para o *aprimoramento da raça* e prosperidade geral da Pátria, que houve por bem adotar como segunda, nessa extraordinária fase de movimentação humana²⁵¹. (Grifo nosso).

²⁴⁸ Ibidem. p.73.

²⁴⁹ Ibidem. p.115.

²⁵⁰ Ibidem.p.134/135.

²⁵¹ Ibidem.p.121.

Caracteriza de forma positiva os imigrantes europeus e asiáticos, pois acredita que estes “contribuíram” para o “aperfeiçoamento da raça” da população brasileira. Declarações como estas criam estereótipos e constroem uma identidade rígida marcada pela diferença, para cada grupo apresentado pelo autor. São ressaltadas algumas características em detrimento de outras, dessa forma, cria-se uma ideia de que todos estes povos viveram em harmonia dentro do território paranaense. O autor marca as diferenças de forma a entendermos que apesar da “mistura” ser inevitável, tais características devem ser sempre lembradas.

Faris Michaele não exclui a participação de índios e negros na composição étnica paranaense, mas minimiza-a várias vezes no decorrer do capítulo, na medida em que reforça a ideia de que a população do Paraná se difere da do restante do Brasil.

Ora, é, tendo em vista todas essas dificuldades e malévolas distorções da mente humana, que nós iremos, na medida do possível, procurar delimitar a contribuição de cada grupo racial para a formação étnica paranaense, *comparável, grosso modo, à de todo Brasil, conquanto que aqui as preponderâncias tenham sido outras*²⁵². (Grifo nosso).

Esta “preponderância”, a que se refere o autor, seria a da pele clara. Este tipo de afirmação busca suavizar as marcas da história da escravidão e da presença indígena no Paraná. No seguinte trecho “*O elemento africano*” isto fica bem claro:

O escravo, primitivamente, o trabalhador braçal, em seguida, o bacharel, médico e outros profissionais liberais finalmente, o brasileiro das diferentes profissões da atual opulência da lavoura cafeeira, complementada por muitas outras atividades e fundo agrícola, têm todos, não há dúvida alguma, contribuindo intensamente para a grande transformação em nossa composição étnica, tendendo cada vez mais a diminuir o número aos chamados brancos puros, conquanto, paradoxalmente, a população paranaense esteja CLAREANDO²⁵³.

Dessa forma, Michaele enfatiza a noção de um Paraná diferente do restante do país, por não ter uma população com preponderância de índios e negros. Para ele, no Paraná a participação de negros e índios é suplantada pela ocupação do branco europeu e toma o caminho inverso de outras regiões do país. Ou seja, “clareia” e não “escurece”, seus tons de pele. Percebemos com as declarações de Michaele que ele acredita nas teorias da assimilação, bem como no “aperfeiçoamento das raças”, entendida aqui como “clareamento” e que o Paraná estaria à frente do restante do Brasil nos termos deste “aperfeiçoamento”.

²⁵² Ibidem.p.75.

²⁵³ Ibidem. p. 95.

Cabe indicar que o final do século XIX e início do século XX foi um período de expansão territorial – imperialismo – dos Estados Unidos e países da Europa sobre África e Ásia. As percepções racializadas desenvolvidas pela ciência da época eram guiadas por motivações políticas e relações de poder que visavam legitimar a superioridade de uma “raça” sobre outra e justificar a dominação imperialista²⁵⁴. Michaele conhecia estas discussões, tanto que deixa claro no início do texto os motivos que o levam a adotar o termo “raça. No subcapítulo *Elementos étnicos alemães ou germânicos (alemães, russos-alemães, austríacos, suíços etc.)*, novamente esta noção é reforçada:

Aqui no Paraná, o tipo louro (predominantemente, um misto nórdico e alpino, portanto), por toda a parte, pode ser visto: nas altas como nas baixas camadas, sem falarmos nas camadas médias, em que o branco em geral predomina²⁵⁵.

Esta insistência de Michaele em afirmar que a população paranaense tem “camadas” mais claras de tom de pele, pode ser encarada como uma tentativa de construir uma identidade cultural para o Paraná. Associar a imagem do Paraná ao povo “branco” de ascendência europeia significa associá-lo a imagem mais avançada de progresso e civilização do período. A predominância de uma mesma cor de pele, em sua narrativa, harmoniza as diferenças entre classes sociais.

Portanto, o capítulo *Formação Étnica do Paraná* contém um discurso que legitima uma visão estanque tanto do imigrante quanto dos povos nativos que habitavam o território paranaense. A imagem do indígena é associada ao selvagem e do imigrante é associada ao herói que trouxe desenvolvimento e progresso, denominado como “pioneiro”, nos textos analisados anteriormente.

Para Michaele que com a ‘mistura’ dos povos poderia levar ao esquecimento das especificidades de cada grupo que participou da *Formação étnica do Paraná*, ou de que se “perdesse a consciência racial”, como podemos notar no seguinte trecho: “Parece até que os antigos, em sua modéstia, muito se nos avantajavam, porque as distâncias socioculturais não eram ainda tão grandes, nem os tipos haviam perdido tanto a sua consciência racial”²⁵⁶. No entanto, sua obra colaborou para a construção de fronteiras discursivas tantas vezes repetidas na mídia, nos livros didáticos, festas, materiais

²⁵⁴ HOBBSAWN, E. J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

²⁵⁵ CARDOSO, R.S.; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C.; Op. cit. p. 114/115.

²⁵⁶ *Ibidem*. p.76.

comemorativos entre outros meios, que simplesmente passou-se a celebrar a diferença, sem problematizá-la.

O capítulo *Folclore no Paraná*, escrito por Roselys Vellozo Roderjan, é sistematizado da seguinte forma: *Introdução; O Folclore no Paraná, A literatura oral e a linguagem populares; A literatura escrita; O folclore musical; Outros Folguedos e Festas Populares; crendices e superstições; A coleta folclórica no Paraná.*

Roselys Vellozo Roderjan foi uma historiadora curitibana, filha de professores universitários. Especializou-se em História da Música e Folclore, lecionou durante grande parte da sua vida na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Além disso, possui grande número de publicações produções acadêmicas dedicadas ao folclore e a música paranaenses, dentre as principais está a coletânea História do Paraná, apresentada acima, na qual possui dois capítulos de sua autoria intitulados *Folclore no Paraná e Aspectos da Música no Paraná.*

Entre as décadas de 1960 e 1970, Roderjan vinculou-se a várias instituições que tinham intuito de preservação do patrimônio cultural a nível estadual e federal. Promovia discussões acerca do folclore, música e do “valor da tradição”. Dentre estas instituições podemos citar: Instituto de Educação do Paraná, Secretaria de Educação e Cultura do Paraná, Centro Paranaense Feminino de Folclore, Comissão Paranaense de Folclore, Comissão Nacional de Folclore, bem como da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro²⁵⁷.

Destas instituições em que Roderjan engajou-se em defesa e estabelecimento de um *folclore* para o Paraná, cabe destacar a Comissão Nacional de Folclore. Esta comissão foi criada em 1947, composta por diversas comissões regionais e constituída pelas elites intelectuais de alguns estados brasileiros. Fomentava a produção de materiais didáticos, produções acadêmicas, dentre outros que continham discursos de busca por uma identidade nacional. A Comissão Nacional de Folclore em conjunto com a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro vinculavam-se à FUNARTE – Fundação Nacional de Artes – ao MEC – Ministério da Educação e a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Tinham como objetivo mapear as manifestações culturais do país, realizar pesquisas sobre elas, com a finalidade de subsidiar investimentos e políticas públicas em

²⁵⁷ Informações extraídas do site <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=48> acessado em: 15/10/2015.

prol de sua defesa²⁵⁸. Utilizavam-se, para tanto, de um discurso de “Retórica da perda²⁵⁹”.

Todo projeto de preservação patrimonial resulta de exercício do poder, ainda que em muitos casos, a sua justificativa seja apresentada em nome do perigo de destruição ou de hipotéticos valores que todos devem acatar e reconhecer. Isso fica patente na construção de marcos patrimoniais corporificados no espaço e mantidos no tempo, perpetrada por movimentos sociais com diferentes orientações ideológicas. Tudo isso facilita a compreensão de que não basta querer democratizar o acesso ao patrimônio cultural consagrado como portador dos valores simbólicos da nacionalidade, é preciso ir mais longe. É preciso compreender junto com J.R.S. Gonçalves (1996), a retórica dos discursos sobre o processo de construção do patrimônio cultural, e por esse caminho, favorecer a construção de novos patrimônios, de novas possibilidades de apropriação cultural²⁶⁰.

Roselys Vellozo Roderjan seguia a tendência estabelecida por este projeto, possui uma vasta produção que em determinados momentos liga a história do Paraná a do restante do Brasil e, em outros, enaltece a suas diferenças em relação a este país. De maneira geral, em seus textos, o *Folclore* é apresentado como algo substancial, alguns hábitos são relacionados a grupos, classificados como etnias, fixando suas identidades e construindo uma representação para o Paraná como um “mosaico étnico”.

O antropólogo Luiz Rodolfo Vilhena se dedicou a análise da organização e atuação dos folcloristas no Brasil, por meio da Campanha de Defesa do Folclore – principal projeto de institucionalização dos estudos de folclore no Brasil. Ele apresenta como as concepções sobre folclore foram recebidas no Brasil, bem como todo o histórico das transformações na compreensão deste conceito. Segundo ele, o Movimento Folclórico Brasileiro foi uma ação mobilizadora de intelectuais que empreendiam iniciativas em prol da “salvaguarda, estudo e pesquisa do folclore nacional²⁶¹”. Inicialmente buscou-se tornar folclore um campo intelectual autônomo dentro das Ciências Sociais, não obtiveram sucesso, no entanto tornou-se um campo consolidado na criação de instituições, aproximando-se, desta forma, do Estado. Elizabeth Travassos resume bem o trabalho de Vilhena:

²⁵⁸ KÖHLER, E. A. *As práticas e os usos do “folclore” no Festival Folclórico e de Etnias do Paraná (1958-2013)*. 2014. 261 páginas. Dissertação (Mestrado em antropologia social) – UFPR.

²⁵⁹ GONÇALVES, J. R. S. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

²⁶⁰ CHAGAS, M. Cultura Patrimônio e memória. *Congresso internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus*. Imprensa oficial do Estado, São Paulo, 2002.

²⁶¹ VILHENA, L. R. *Projeto e Missão: O Movimento Folclórico Brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas. 1997.

A tese central de Vilhena sustenta que o sucesso do folclore como ação mobilizadora foi a outra face da moeda do seu fracasso como ciência. A explicação mais comum do fenômeno consiste em apontar a debilidade teórico-metodológica da pesquisa de folclore, produtora de ideologia, não de conhecimento. Para o autor ela é insuficiente na medida em que os folcloristas tinham muita coisa em comum com outros intelectuais de seu tempo: tomaram a formação da nação como problema básico dos estudos da cultura, apostaram em um modelo de institucionalização vinculado estreitamente ao Estado e elegeram temas de investigação que estiveram presentes, sob outro ângulo, nos trabalhos de sociologia e nos chamados estudos de comunidade²⁶².

Dessa forma, podemos perceber que por meio de investimento nas comissões citadas acima, pretendeu-se construir uma identidade nacional que dialogasse com as identidades regionais do Brasil, e que buscassem legitimar uma ideia do folclore como “alma do povo”. Nestes discursos, ao mesmo tempo em que se procura criar uma unidade para a nação, são marcadas as diferenças existentes em cada região. A partir dos nomes das sessões do capítulo *Folclore no Paraná*, podemos perceber a utilização do termo “popular” para designar práticas que a autora considera “inerentes” a população paranaense, que faz dela especial. Isso implica em uma concepção que naturaliza e torna estática as práticas culturais. Como já mencionamos anteriormente, partindo das reflexões de Jacques Le Goff, busca-se conforto no passado como resposta as rápidas transformações da modernidade. Esse Paraná do folclore é o do passado congelado, da permanência, é o tradicional, ligado às festividades, e não diretamente ao trabalho, ao desenvolvimento, ao progresso, associados ao presente e as projeções de futuro para o Estado.

Cabe a esta discussão, uma breve explicação acerca do conceito de *Cultura popular*, muitas vezes controverso²⁶³. Apresentaremos aqui alguns autores que procuraram aprofundar a discussão em torno deste conceito. Apesar de divergências teórico-metodológicas, os autores citados convergem na crítica aos folcloristas.

Segundo Peter Burke, a “cultura popular tradicional” ganhou atenção dos intelectuais no final do século XVIII e início do século XIX. Data deste período, na região

²⁶² VILHENA, L. R. *Projeto e Missão: O Movimento Folclórico Brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas. 1997. Resenha de: TRAVASSOS, E. *Mana*. vol.4 n.1. Rio de Janeiro, Apr. 1998.

²⁶³ ABREU, M.; SOIHET, R. *Ensino de história, Conceitos, temáticas e Metodologias*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra. 2003.

que viria a se tornar Alemanha, as primeiras grandes compilações de poemas, canções e de contos entre outras produções relacionadas aos hábitos do “povo”²⁶⁴.

Burke explica que estas coletâneas sobre os costumes do “povo” eram vistas pela elite como curiosidades, relíquias, e que “exprimiam a verdadeira natureza do povo”, cunhada por eles como folclore (“*folk*” = povo; “*lore*” = saber). Criou-se, assim, uma relação de oposição entre o que era “cultura da elite”, ligada às altas camadas da sociedade, e o que era “cultura popular”, relacionada as classes baixas. Nesse contexto - para um intelectual - ter conhecimento sobre folclore tornou-se uma questão de *status*. É o que Burke denomina “A descoberta do povo”. Além disso, a intenção dos intelectuais coletores de folclore daquele período, reconhecidos posteriormente como folcloristas, era buscar na “alma do povo” um sentimento de unidade para a nação.

Nas décadas de 1960 e 1970 na Europa, vários autores, incluindo Peter Burke citado acima, passam a questionar esta concepção de cultura popular como “Alma do Povo”²⁶⁵. No Brasil, as discussões neste sentido também avançavam, dentre os trabalhos que fazem crítica ao termo folclore, já na década de 1970, podemos citar o de Florestan Fernandes²⁶⁶. No entanto, isto não significa que as características anteriormente definidas não tenham persistido na produção intelectual. Notaremos que o fragmento do livro *História do Paraná* volume III, atribuído a Roselys Roderjan, atende a primeira concepção de folclore apresentada acima. Naturaliza-se a expressão *Folclore* como algo “puro” que representa a “alma do povo”. Na *Introdução* de seu capítulo Roderjan define *Folclore* da seguinte forma:

Ao tratarmos do fato folclórico diremos que ele se encontra nas origens dos nossos hábitos, tradições e técnicas, ou seja, em nossa cultura material e espiritual.

(...) A erudição e a informação científica, não conseguem apagar em nós essa herança tradicional que trazemos da infância, parte realmente importante da nossa formação. Essa herança social condiciona a sociedade da qual fazemos parte, situando-se entre as forças integrantes que levam ao ideal comum, aos padrões e expectativas de comportamento, aos direitos e deveres, resultantes do contacto entre indivíduos de um mesmo grupo social. As tradições, de certa forma, nos

²⁶⁴ BURKE, P. *Cultura popular na idade moderna (1500 – 1800)*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.p.19.

²⁶⁵ Dos quais podemos citar Mikhail Bakhtin, Natalie Zamon Davis, Edward Thompson, além de Peter Burke. BAKHTIN, M. *Cultura popular na idade média e renascimento*. São Paulo. Hucitec, 1993; THOMPSON, E. P. *Folclore, antropologia e História Social. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: UNICAMP, 2001; DAVIS, N. Z. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da fonte moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

²⁶⁶ FERNANDES, F. *Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo*. S.P.: Anhembi, 1961; 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1979.

uniformizam, tornando semelhantes nossas reações e julgamentos no decorrer da existência²⁶⁷.

O trecho encara a tradição e folclore como “herança social”, transmitida de geração em geração, como se não sofressem alterações ao longo do tempo. Além disso, esta “herança social” é tratada como algo que estabelece o “bom comportamento” dos indivíduos localizados neste território. Deste trecho, também podemos perceber outra característica. As diferenças e conflitos existentes no território são apagadas ou silenciadas. Diferenças de classe, culturais, religiosas, dentre outras, são apagadas ao dizer-se que “As tradições, de certa forma, nos uniformizam, tornando semelhantes nossas reações e julgamentos no decorrer da existência”. O termo “tradição” é aplicado diversas vezes nesta obra como algo estático, surgido num passado longínquo e impreciso, transmitido ao longo das gerações. Entretanto, de acordo com historiador Eric Hobsbawm, muitas vezes, tais práticas são recentes e/ou inventadas²⁶⁸ criam uma impressão de continuidade com relação ao passado.

No subtítulo *Folclore no Paraná*, Roderjan afirma que o Paraná recebeu “contribuições de várias culturas”. No entanto, a influência portuguesa é ressaltada, pois segundo ela, faz-se presente principalmente na “literatura oral e escrita, a linguagem popular, às festas religiosas de fundo cristão e outros atos coletivos”. Roderjan afirma ainda que:

A imigração estrangeira não destruiu essa herança de Portugal. Antes adaptar-se a ela e tende a ser absorvida por ela. Na sua essência, as tradições, costumes, linguajar, comidas, que são encontradas entre as famílias tradicionais e no interior do Paraná, são tipicamente lusos. Temos até certo zelo em conservar esses hábitos e nos afastarmos de costumes dos grupos étnicos aqui estabelecidos, principalmente se eles não pertencem a povos latinos²⁶⁹.

Há uma preferência pelos hábitos portugueses, tantas vezes destacado, de forma a transparecer que a ocupação portuguesa teria ocorrido uniformemente em todo o território brasileiro. A tradição portuguesa é colocada como majoritária no Paraná, onde a imigração lusa, de acordo com a historiadora Altiava Balhana foi numericamente

²⁶⁷ CARDOSO, R.S; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C.; Op. cit. p. 147.

²⁶⁸ HOBBSAWM, E. & RANGER, T. *A invenção das tradições*; tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

²⁶⁹ CARDOSO, R.S; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R. C. op. cit. P. 148.

pequena²⁷⁰. Ao passo que a influência lusa é ressaltada, a indígena é indicada como remota, sobre a “comunidade paranaense” Roderjan afirma:

Nas crenças, superstições, nos ritos religiosos, somam-se várias influências, é certo, notadamente, as do negro africano. Nas técnicas e artesanato, pelo seu caráter mais dinâmico, há contribuições de diferentes culturas *alienígenas* e mais remotamente do próprio indígena brasileiro. A sabedoria popular também segue este esquema²⁷¹. (Grifo nosso).

Roderjan reconhece o artesanato e a cultura popular enquanto dinâmicos. No entanto, contraditoriamente, tem uma concepção de que os costumes e tradições permanecem apesar da “erudição e a informação científica”.

Grupos de diferentes origens são classificadas como “alienígenas”, termo pejorativo, como afirma Giralda Seyferth em seus estudos sobre imigração:

Entre 1937 e 1945 uma parcela significativa da população brasileira sofreu interferências na vida cotidiana produzidas por uma “campanha de nacionalização” que visava ao caldeamento de todos os alienígenas em nome da unidade nacional. A categoria “alienígena” — preponderante no jargão oficial — englobava imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como “não-assimilados”, portadores de culturas incompatíveis com os princípios da brasilidade²⁷².

Possivelmente, o uso desta palavra esteja associado à adesão da autora às teorias de assimilação, explicadas acima. Ao longo do texto, Roderjan afirma com pesar que em outros estados brasileiros, a presença de várias etnias no Paraná é julgada erroneamente, como se afetasse a brasilidade de uma forma negativa. Veja o trecho:

Recentemente, visitantes de outros Estados brasileiros, em encontro literário em Curitiba, referiram-se a presença das etnias como um fator que nos causaria tristeza, pois um Paraná cheio de estrangeiros imigrantes, estaria comprometido até em seus sentimentos de brasilidade²⁷³.

Talvez a utilização da palavra “alienígena” ocorra devido à autora considerar a participação portuguesa mais relacionada ao sentimento de “brasilidade”, devido ao contexto de busca por elementos em comum para a construção de uma identidade nacional unívoca. Ao mesmo tempo em que Roderjan busca uma ligação entre a história da nação

²⁷⁰ BALHANA, A. P.; PINHEIRO MACHADO, B.; WESTPHALEN, C. op. cit.

²⁷¹ CARDOSO, R.S; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C. op. cit. P. 148.

²⁷² SEYFERTH, G. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana* vol.3 n.1 Rio de Janeiro Apr. 1997. p. 95.

²⁷³ CARDOSO, R.S; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C. op. cit. P. 148.

e do Estado do Paraná, ela ressalta a diferença do Paraná com relação aos outros Estados, como podemos observar no seguinte trecho do fragmento *Folclore Musical*:

As canções de roda ou cirandas são variantes daquelas cantadas em todo o Brasil apresentando por vezes variações de letra, melodia, andamento ou ritmo, o que as torna bem *diferenciadas* das cirandas de outros Estados²⁷⁴. (Grifo nosso)

Além destas *diferenciações* ressaltadas no trecho acima, a autora destaca as canções e danças do *fandango* como principal característica regional que evidencia o Paraná. Roderjan transita entre as questões identidade regional e a identidade nacional, dessa forma, mantém ao mesmo tempo a imagem de um Paraná “civilizado” que caminha para o “progresso”, e que mesmo tão “diferente” com relação à “formação” da população, ainda, têm elementos em comum com o restante da nação.

As narrativas sobre cada um dos grupos de migrantes e imigrantes presentes nos volumes I e III da obra *História do Paraná* remetem a um passado comum, que dá embasamento para a construção de suas identidades culturais, garantindo sua manutenção e continuidade, bem como acaba por fixar uma identidade para o Paraná como um lugar de convivência harmoniosa entre todos os grupos. A crença dos autores em teorias de assimilação, faz com que suas narrativas se construam projetando para o futuro a formação de um “tipo paranaense”.

Tanto nas revistas analisadas no primeiro capítulo quanto na coletânea *História do Paraná*, a população paranaense é caracterizada, não como fruto da mistura de vários povos – sempre projetada para o futuro – mas pela diferença entre eles. Diferença que se insiste manter mesmo decorridos mais de cem anos do início da (re)ocupação do estado. No próximo capítulo abordaremos como postulações relacionadas a folclore, etnia, cultura, desenvolvidos nas fontes do primeiro e do segundo capítulo são expressadas, ou melhor, apropriadas criativamente de forma fluida, por dançarinos de grupos folclóricos entrevistados no ano de 2015.

²⁷⁴ Ibidem. p. 154.

CAPÍTULO III

***Identities in movement*²⁷⁵: Uma análise de narrativas de integrantes de grupos folclóricos do Paraná**

Conforme vimos nos capítulos anteriores, há uma série de discursos que visam fixar uma identidade para o Paraná e para sua população. Pudemos observar construções narrativas presentes na obra *História do Paraná* e nas publicações dos materiais comemorativos do I Centenário de Emancipação do Paraná. Neste capítulo analisaremos entrevistas com integrantes de grupos folclóricos paranaenses vinculados à AINTEPAR – Associação Interétnica do Paraná. Temos o intuito de observar os deslocamentos, aproximações e distanciamentos entre a construção narrativa dos entrevistados e as narrativas construídas pela historiografia e pelo Estado nas revistas oficiais, a respeito da constituição da população paranaense.

A Associação Interétnica do Paraná (AINTEPAR) foi criada em 1974 com a finalidade de organizar o Festival Folclórico e de Etnias no Paraná, realizado todo ano desde 1959, na cidade de Curitiba, apoiado pelo governo do Estado e pela Secretária de Cultura. Trata-se de uma associação que reúne, atualmente, dezoito grupos folclóricos de dança da cidade de Curitiba que representam as etnias povoadoras do Estado. No site da associação seus objetivos são definidos na seguinte frase: “A AINTEPAR tem o compromisso com a autenticidade e a essência do folclore, mantendo as tradições com o elevado nível de qualidade dos grupos²⁷⁶”. A palavra “essência” contribui para a interpretação de que Folclore e Tradição são elementos estáticos que sobrevivem através dos tempos e das gerações. Mais adiante, neste capítulo, discutiremos estas noções estanques atribuídas a estes conceitos.

Segundo o antropólogo social Eumar Köhler, o governo do Paraná deu apoio à institucionalização do festival, no ano de 1959. Porém, aos poucos o governo se distanciava cada vez mais da organização do festival, deixando a cargo da “sociedade civil”. Em virtude deste afastamento do governo, houve a necessidade de se criar outra forma de organização para o festival. Assim, foi criada a AINTEPAR, constituída por

²⁷⁵ Termo utilizado por Zygmunt Bauman para se referir a identidades construídas no “mundo líquido moderno”: “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam.” BAUMANN, Z. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2005. p.33.

²⁷⁶ Disponível em: <http://www.aintepar.com.br/curiosidades> acessado em 15 de fevereiro de 2017.

várias associações de mutua ajuda de cunho étnico. Köhler nos apresenta a seguinte citação do estatuto da AINTEPAR de 2012, que versa sobre a função desta associação:

Os grupos folclóricos surgiram no Paraná pela necessidade que os imigrantes e seus descendentes tinham de resgatar a cultura de seu país de origem. Através da preservação dos costumes pelas gerações mais novas, os grupos folclóricos do Paraná [...] transmitem a cultura de seu povo, incentivando também à valorização de seu folclore²⁷⁷.

Visando compreender como os participantes dos grupos atuam, se articulam e agem em prol destes objetivos, realizamos sete entrevistas com participantes de quatro grupos folclóricos associados à AINTEPAR. Entramos em contato com a direção de cada grupo via e-mail e marcamos com os grupos que nos deram retorno. Dessa forma, a escolha dos grupos e das pessoas entrevistadas dependeu da disponibilidade e da vontade de contribuir de cada um. A maioria das entrevistas foi realizada no intervalo dos ensaios de dança dos grupos folclóricos. Com o grupo Português Alma Lusa, conseguimos entrevistar o Sr. Carlos Miranda. Com o Grupo folclórico Germânico Alte Heimat conseguimos cinco entrevistas, Sra. Juliana Kloss, Sra. Odisséia Baltasar, Sra. Edite Hort, Sr. Carlos Ervino Hass. Com o grupo folclórico italiano Anima Dantis, conseguimos conversar com a coordenadora, Sra. Lícia Fritoli, que também é dançarina do grupo folclórico germânico Alte Heimat. Com o Grupo Folclórico Germânico Original Einigkeit Tanzgruppe, conseguimos conversar com apenas um participante o Sr. Carlos Eduardo Nadolny, que compõe a coordenação do grupo.

Para análise das entrevistas, nos pautamos nas considerações de Alessandro Portelli²⁷⁸ e Verena Alberti que realizaram amplos estudos sobre os significados da produção de fontes orais e sua importância para o ofício do historiador. De acordo com Alberti:

Uma das principais riquezas da história oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas.

(...) Em linhas gerais essa combinação significa o seguinte: entender como pessoas e grupos experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas²⁷⁹.

²⁷⁷ AINTEPAR apud KÖHLER, E. *As práticas e os usos do "folclore" no Festival Folclórico e de Etnias do Paraná (1958-2013)*. Curitiba, UFPR, 2014. Dissertação de mestrado. p.2.

²⁷⁸ PORTELLI, A. op.cit.p.31.

²⁷⁹ ALBERTI, V. Fontes Oraís. História dentro da História. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p.155-202. p.165.

Dessa maneira, buscamos investigar por meio de quais marcos cristalizados nos discursos sobre o “Paraná de todas as etnias²⁸⁰” – abordados nos capítulos anteriores – os entrevistados desenvolvem significações para si, para o grupo do qual fazem parte e para sua atuação na AINTEPAR. Além disso, visamos entender como, a partir destes marcos, é desenvolvido o sentimento de pertencimento aos grupos folclóricos e ao Estado do Paraná.

Incorporamos a nossa percepção os conceitos de *Memória Comunicativa* e *Memória Cultural* desenvolvidos pelos pesquisadores alemães Aleida e Jan Assmann. Estes dois conceitos surgiram do desmembramento do conceito de “memória coletiva” cunhado por Maurice Halbwachs²⁸¹. Para Aleida e Jan Assman, “memória cultural” consiste em uma instancia da memória referente às “lembranças objetivadas e institucionalizadas, que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo das gerações”, ligada a objetos, textos, ritos etc. Já a *Memória comunicativa* “contém memórias que se referem ao “passado recente”²⁸²”, elas não são institucionalizadas e estão relacionadas à comunicação do cotidiano, “São as memórias que um indivíduo compartilha com seus contemporâneos”.

3.1 “Todo mundo é do folclore”: memórias e identidades construídas em narrativas orais de integrantes de grupos folclóricos do Paraná

Nesta sessão do texto analisaremos as histórias de vida de dançarinos dos grupos folclóricos Alte Heimat, Alma Lusa e Anima Dantis. Como já mencionamos anteriormente, as entrevistas foram feitas com as pessoas dos grupos que se colocaram à disposição. Não houve intencionalidade de direcionar as entrevistas a grupos específicos. Entramos em contato com os grupos por email²⁸³, apenas alguns grupos responderam, dessa forma, marcamos entrevista com os que nos deram retorno. Todos foram informados sobre a formação da entrevistadora e que a pesquisa se relacionava a história da imigração no Paraná.

²⁸⁰ SANTOS, R.C.R. op. cit. p. 31.

²⁸¹ De acordo com este autor a memória é construída coletiva e socialmente. HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 1990.

²⁸² ASSMAN, J. Memória comunicativa e memória cultural. *História Oral*, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan./jun. 2016.

²⁸³ Os e-mails dos coordenadores dos grupos estão todos disponíveis no site da Aintepar: <http://www.aintepar.com.br/grupos>.

Para nortear esta pesquisa, partimos das seguintes indagações: como os integrantes de grupos folclóricos, em uma situação de entrevista, constroem determinadas narrativas identitárias para a população do Paraná? Como os integrantes de grupos folclóricos ao narrarem suas histórias, produzem significados para suas performances como membros de grupos folclóricos que pretendem “preservar” determinadas “culturas”? Em que medida seus relatos se aproximam ou se distanciam dos discursos presentes nas outras fontes analisadas? Que memórias e identidades são construídas por meio das narrativas orais dos diferentes participantes de grupos folclóricos?

As entrevistas aconteceram da seguinte maneira, num primeiro momento os entrevistados narravam suas histórias de vida. Em seguida, a entrevistadora fazia algumas perguntas, relacionadas as questões acima indicadas.

Iniciaremos a análise com as entrevistas dos três atuais diretores dos grupos Alte Heimat, Anima Dantis e Alma Lusa. Os três têm entre 35 e 46 anos e narram suas histórias com uma estrutura muito semelhante. Todos abordam suas trajetórias dentro dos grupos de dança de Curitiba, todos participaram de mais de um grupo, contam sobre sua transição de um para outro.

A entrevista da coordenadora e dançarina do Grupo Folclórico Germânico Alte Heimat, Sra. Juliana Kloss Weber, durou 19 minutos e foi realizada no horário do ensaio do grupo. Ela começa sua narrativa explicando sua ascendência:

Bom, vou falar um pouquinho da minha história de vida. Os meus avós maternos eles têm descendência polonesa e italiana e os meus avós paternos, também, a avó tem descendência polonesa e o avô tem descendência²⁸⁴ alemã. Então, no início quando eu era criança ainda, o meu vô, meu avô paterno cantava num coral da igreja polonesa. Nisso, através de um convite dele de alguns primos de segundo grau que dançavam no grupo polonês me convidaram a participar, inicialmente, da etnia polonesa²⁸⁵.

Juliana menciona a origem dos avós – poloneses e alemães – e conta que devido a isto recebeu incentivo em sua casa para participar dos grupos de dança. Os avós são marcados como referência das memórias de sua família. A socióloga Myrian M. Lins de Barros, em suas reflexões acerca de *Memória e Família*, faz a seguinte consideração:

A importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo

²⁸⁴ É comum no Paraná a confusão entre os termos ascendência (diz respeito a origem) e descendência (diz respeito a prole), em que o segundo é empregado com o significado do primeiro.

²⁸⁵ WEBER, J. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 19 de maio de 2015.

tempo, o objeto de recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas²⁸⁶.

A família aparece como ponto chave da narrativa de Juliana ao longo de toda sua entrevista, como poderemos perceber abaixo. É possível notar, também, que a entrevistada entende *etnia* como nacionalidade, assim como nas revistas oficiais analisadas no primeiro capítulo. A narrativa segue tendo como fio condutor a trajetória de participação da entrevistada nos grupos folclóricos. Conta que ainda criança participou primeiro do grupo polonês, mas não se adaptou muito bem, pois na época este grupo “acabava não dando uma atenção tão dedicada ao infantil, então isso acabou desanimando um pouquinho²⁸⁷”. Em seguida foi convidada a participar do grupo germânico:

Ai com isso, um colega do meu pai, do trabalho, dançava no grupo alemão, no germânico, que na verdade, na época era Grupo Folclórico Germânico do Clube Rio Branco. Então depois de um tempo só, ele passou a se chamar Alte Heimat²⁸⁸. E ai, por convite dele, eu acabei indo conhecer o infantil do, do grupo alemão e como eu também tinha o lado da descendência alemã através do meu avô paterno, que daí ele incentivou bastante, eu acabei indo participar, enfim, comecei a frequentar os ensaios do infantil do grupo alemão²⁸⁹.

Juliana segue sua narrativa contando que o envolvimento com o grupo germânico ocorreu, inicialmente, devido a um convite de um amigo da família. Como se tratava, também, de laços de sua origem, Juliana decidiu participar. Conta que desde muito nova, por conta de sua altura e de se destacar na dança, já passou a integrar a categoria adulto e a se envolver com a organização do grupo. Mais adiante ela enfatizou novamente a influência recebida dentro de casa para fazer parte do grupo germânico:

Então os meus pais, através da descendência deles também sempre incentivaram muito, a minha mãe acaba sendo mais de origem polonesa e meu pai de origem alemã, tanto que o Kloss [sobrenome da entrevistada] é de origem alemã. Então, desde sempre eles sempre incentivaram essa questão de participar do grupo, e assim, tava no grupo, tava segura[risos]²⁹⁰.

²⁸⁶ BARROS, M. M. L. de. *Memória e família*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 29 - 42. p. 33.

²⁸⁷ WEBER, J. op. cit. p. 01.

²⁸⁸ O grupo Folclórico Germânico Alte Heimat foi fundado em 10 de abril de 1964 por Helmut Abeck, Isa Marchmann e Ingborg Ulrich. Por um tempo o grupo ensaiou na Instituição que hoje é o Instituto Goethe, e em 1966 filiou-se ao Clube Rio Branco, passando a se chamar Grupo Folclórico do Clube Rio Branco. Passou a se chamar Alte Heimat (“velha pátria”), em 1991. Informações retiradas do site do grupo. Disponível em: <<http://www.altheimat.com.br/wp/historia-do-grupo-folclorico-germanico-alte-heimat/>> Acessado em: 15 de fevereiro de 2017.

²⁸⁹ WEBER, J. op. cit. p. 01

²⁹⁰ Idem.

Juliana narra também a relação dos pais com as respectivas ascendências e com a participação dela no folclore. Conta que seus pais também tinham relação com “algumas coisas da tradição alemã” e que, portanto, incentivavam muito para que Juliana participasse do grupo de dança.

Então assim, sempre o pessoal do grupo era a referência em casa, em si, eles incentivavam muito, por já saber a tradição alemã, por viver, às vezes, algumas coisas da tradição alemã, então, por exemplo, no Natal o calendário do advento, ou mesmo a questão da comida típica, né²⁹¹.

Outro motivo, apresentado por Juliana, que reforçava o incentivo a participação no grupo folclórico é que o grupo acabou se tornando, para sua família, uma referência de segurança e boas companhias. Esta busca por segurança é abordada por Bauman em sua obra *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*:

Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros (...) ²⁹².

No entanto, estas comunidades não são mais permanentes e para toda a vida na modernidade líquida. A busca por ela é constante e legítima, mas não se trata de um lugar permanente, representar uma identidade – como a étnica, no caso dos estudos apresentados neste capítulo – cria a ilusão de que fazer parte de determinada comunidade independeu da escolha do indivíduo. Porém, veremos no decorrer da análise das entrevistas, que fazer parte de uma comunidade trata-se mais da “busca por soluções biográficas para contradições sistêmicas²⁹³” do que de um fato natural, predeterminado.

Podemos notar que Juliana constrói, ao longo de sua narrativa, significados para sua participação no grupo folclórico. O primeiro fator apresentado é a origem dos dois lados de sua família. Em seguida, o incentivo dos pais, por conta de ser um lugar seguro e porque eles tinham contato com “coisas da cultura alemã” e incentivavam a preservação destes costumes. Podemos notar que, assim como na obra *História do Paraná* e nas revistas analisadas nos capítulos anteriores, Juliana utiliza o termo “tradição” como algo estático que parece ter perdurado ao longo do tempo e através das gerações²⁹⁴. Mais

²⁹¹ Ibidem.p.02.

²⁹² BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003. p. 07.

²⁹³ Ibidem. p. 129.

²⁹⁴ HOBSBAWM, E. & RANGER, T. op. cit. p.35.

adiante, Juliana marca a importância das narrativas que escutava de seu avô e como isto influenciou na participação do grupo folclórico germânico:

E assim, eu infelizmente convivi pouco com o meu vô, porque quando eu tinha seis anos ele veio a falecer. Mas sempre ele contava algumas coisas, coisas que depois eu dançando no grupo acabava lembrando, coisas da tradição, enfim. Ele nunca visitou a Alemanha, mas ele contava coisas da Alemanha, contava até, na verdade dos bisavôs dele que tinham vindo de lá, então a minha descendência em si é um pouquinho longe. Não é direta vamos dizer assim. Mas ai, vindo ai no grupo e conhecendo as tradições ou mesmo, canções que a gente dança, eram coisas que ele falava e que era da época dele de ouvir em casa, de criança, então com isso ele acabava, assim, quando a gente falava "ah, vou no folclore", pra ele era o máximo. Quando a gente comentava e ele tinha vontade de dançar, mas infelizmente ele não chegou a ver, efetivamente, eu participando do alemão²⁹⁵.

Vemos que Juliana procura dar destaque ao papel da família, principalmente ao seu avô, pois ela acredita que ele teria tido contato mais direto com a cultura alemã. Temos aqui uma evidência de memória comunicativa, pois a forma como Juliana constrói o seu sentimento de pertencimento ao grupo alemão envolve as histórias que seu avô contava a respeito da Alemanha.

Ainda no trecho acima, Juliana revela que seu avô não nasceu efetivamente na Alemanha e nem visitou o país, mas teve contato com as histórias do país através de seus bisavôs que vieram de lá. Mais uma vez trata-se de memórias transmitidas por meio da comunicação entre contemporâneos. Podemos pressupor que as reminiscências que o avô de Juliana teve acesso foram as memórias de uma Alemanha do final do século XIX e início do século XX. São estas memórias que Juliana ouvia de seu avô e, mais tarde, reconheceu nas danças folclóricas que desempenha no Grupo Folclórico Germânico Alte Heimat. O avô de Juliana é da quarta geração de sua família que se encontra no Brasil. Suas reminiscências a respeito da Alemanha são desprovidas de qualquer relação social real com este país. De acordo com de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, os grupos étnicos transformam-se em grupos culturais simbólicos quando esvaziado de quaisquer distinções sociais mais elaboradas, funcionam por meio de marcas identitárias que "aumentam a consciência e a significação da etnicidade²⁹⁶".

Outro ponto que podemos observar no trecho é quando Juliana comenta sobre a satisfação do avô ao saber que ela participava do grupo folclórico. É interessante notar que a entrevistada utiliza a expressão “vou no folclore”, referindo-se a folclore como

²⁹⁵ WEBER, J. op. cit. p. 02.

²⁹⁶ POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. op. cit. p.71.

lugar. Isto nos remete as, já mencionadas, reflexões de Pierre Nora sobre o conceito de *lugar de memória*. Desta perspectiva, o grupo folclórico de dança constitui um lugar que visa fugir ao esquecimento de um determinado passado. Loiva Felix, em uma reflexão a respeito dos Lugares de Memória, com base em Nora, avalia a criação e manutenção de “tradições”:

O autor (Nora), no entanto, constata uma transformação no mundo moderno: pela aceleração da história, cada vez mais o cotidiano afasta-se das vivências da tradição, a memória deixa de ser encontrada no próprio tecido social e passa a necessitar de lugares especiais para ser guardada, preservada em seus laços de continuidade. São os lugares de memória encarregados de desempenhar este papel de manutenção dos liames sociais, de fugir à ameaça do esquecimento²⁹⁷.

Sob esta perspectiva podemos considerar tanto a realização do Festival Folclórico e de Etnias no Paraná quanto a publicação da revista a seu respeito como lugares de memória, pois se encarregam de manter “liames sociais”.

Em outro momento da entrevista Juliana fala da curiosidade despertada com relação às tradições, tanto nas vivências do cotidiano de sua casa como no grupo.

Então, em casa a gente viveu algumas coisas tanto da tradição polonesa como da alemã e assim, a questão de conviver no grupo te faz estudar mais sobre isso, ver as coisas do país, ver as coisas antigas. Então a gente tem muitos detalhes que hoje você fala " puxa será que era assim mesmo?" Por exemplo, o laço do avental de um dos nossos trajés, é ao contrário de nossa aliança no Brasil, por exemplo, se você é casada, em geral você usa a aliança na mão esquerda, então, nesse caso, o laço do avental é o lado direito e isso indica que você é casada e se você é solteira, você amarra do lado esquerdo. Então tem toda uma tradição que com eles contando, mesmo meus pais, meus tios, enfim, você acaba resgatando isso e com o pessoal do grupo também contando e colocando, as pessoas mais antigas, você acaba querendo cada vez conhecer mais, a gente tem essa curiosidade²⁹⁸.

Juliana atribui grande importância aos relatos ouvidos em casa e no grupo, a respeito das tradições. Coloca-os como sendo um dos motivos que desperta nela a curiosidade de estudar a respeito das tradições do grupo do qual participa. Atribui importância para o grupo, no sentido de que “resgata” e “preserva” as tradições. De acordo com o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses, o “resgate” da memória seria retirar integralmente a memória do passado e isso não é possível porque a elaboração da memória ocorre no presente, para responder a questões do presente²⁹⁹.

²⁹⁷ FÉLIX, L. O. *Memória e História: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Edupf, 1998, p. 53.

²⁹⁸ WEBER, J. op. cit. p. 02.

²⁹⁹ DE MENESES, U. T. B. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9-23, 1992.

A entrevistada segue sua narrativa voltando para sua trajetória dentro do grupo Alte Heimat:

Ai desde sempre eu participo do grupo, eu entrei no grupo em noventa, então esse ano eu fiz 25 anos de grupo, já passei por várias funções dentro do grupo, então a categoria master quando surgiu em 92, é, eu... meus pais foram uns dos primeiros a se inscrever e participar na categoria e eu sempre vinha junto com eles e da mesma forma que eles vinham me assistir antes eu vinha nos ensaios. E ai em 93, 94 eu já comecei a ajudar na coordenação da categoria master. Então eu já passei pela coordenação, já cuidei dos trajes, ai teve um tempo que eu fiquei só como dançarina, mas ai voltei de novo para os trajes e agora eu assumi a presidência. Então desde a minha, digamos, infância até agora eu sempre participei do folclore mais do folclore alemão pelo tempo, enfim³⁰⁰.

No trecho acima, a entrevistada trata das diversas funções que desempenhou no grupo folclórico germânico. Ela produz significados para a sua performance enquanto integrante deste grupo, que se esforça para mate-lo ao longo dos 25 anos de sua trajetória. Juliana conclui o primeiro momento da entrevista da seguinte forma:

Meu marido eu conheci no grupo, casei dentro do grupo, hoje ele não tá dançando, mas ele sempre dançou, até porque hoje essa coisa de joelho essas coisas ele já não pode tanto, né, mas ele, nós sempre participamos. Nos conhecemos, morávamos perto e nunca tínhamos nos visto, ai com grupo a gente acabou se conhecendo, enfim, hoje participamos de muitas coisas alemãs, festas, ele falou que ele só não vem ensaiar mas de resto ele participa [risos]³⁰¹.

Juliana enfatiza a importância do grupo enquanto espaço de sociabilidade que resulta da e na formação de relações de parentesco e amizade com outros integrantes. Para ela foi graças à participação neste grupo que conheceu seu marido e constituiu sua família.

Juliana sintetiza a história da sua vida de forma a construir um significado para a sua participação no grupo folclórico germânico Alte Heimat. Quando questionada, já na segunda etapa da entrevista, sobre a importância de participar de um grupo folclórico responde:

Pra mim é tudo, na verdade, né, [risos] embora eu tenho outra formação em termos profissionais, mas assim, eu acho que você voltar na cultura dos seus antepassados, viver aquilo, usar um traje típico da época, usar um traje de festa, usar adereços e trajes de diversas regiões, representar aquele país é, assim, te traz uma alegria interior, né. Então você vem aqui, é claro, tem que prestar atenção nas coreografias, tem as coisas dos ensaios, as apresentações, mas é algo que você vem, você relaxa, você curte. Então assim, pra mim é um ponto importante na vida, então assim, tenho muito orgulho de dizer que participo. Às vezes as pessoas ficam " ah, mas puxa, folclore o que que é folclore?", estamos numa

³⁰⁰ WEBER, J. op. cit. p. 02.

³⁰¹ Idem.

cidade grande que a gente concorre com shopping, cinema, " Ai, cê vai no folclore? no sábado à tarde?", né, então as pessoas não entendem muito bem as vezes, mas pra mim traz algo bom pra vida, traz aquela sensação de alegria de você passar alguma coisa para alguém. Então sempre que chega alguém novo você ensinar, você falar da tradição, isso é uma recompensa assim que não tem³⁰².

Juliana descreve os encontros do grupo como espaço de lazer, descontração, saudável e gratificante para seus participantes. Para ela, as pessoas costumam julgar o folclore como desinteressante, por ser antigo e concorrer com shoppings, cinemas e o que há de mais moderno. Para Juliana as pessoas não entendem a “sensação de alegria de você passar alguma coisa para alguém”, por isso acabam julgando a participação no grupo folclórico desta maneira. A “alegria interior” em “representar” outro país é utilizada como marcador de diferença, pois os “outros” ou os “de fora”, não entendem este sentimento, conforme a fala de Juliana. Podemos perceber, também, que a entrevistada frisa concepções de modernidade/aceleração/ inovações tecnológicas³⁰³ – representados por shopping, cinema – e a permanência de um passado, o da tradição, do folclore. Utiliza-se do espaço de lazer para marcar esta diferença entre tradicional e moderno. As tradições são narradas por Juliana como algo longínquo, fixo, naturalizado em objetos, danças, trajes, alimentação e que deve ser transmitido para as próximas gerações, tal qual podemos observar nas revistas comemorativas do I Centenário de Emancipação do Paraná, analisadas no primeiro capítulo.

Outro ponto enfatizado por Juliana no trecho acima é o fato de ter formação acadêmica não relacionada com as questões do folclore. Em outro momento afirma: “Eu sou química, sou bacharel e licenciada em química. Não tem muito a ver, né? [risos]³⁰⁴”. A fala indica que sua formação está ligada a modernidade, à tecnologia e que seu lazer é voltado às tradições, ao passado. Discursos semelhantes podem ser observados nas revistas analisadas no primeiro capítulo, bem como nos livros do segundo. Para ela, apesar de ter outra formação, participar do folclore lhe traz “alegria interior”, trata-se de uma atividade voluntária feita por prazer, sem remuneração alguma.

A segunda entrevista a ser analisada aqui é com a Sra. Licia Jany Fritoli, coordenadora do Grupo Folclórico Italiano Anima Dantis e, também, dançarina do Grupo

³⁰² Ibidem.p.03.

³⁰³ SCHORSKE, C. E. *Pensando com a História: Indagações na Passagem para o Modernismo*. São Paulo. Cia das Letras, 2000.

³⁰⁴ WEBER, J. op. cit. p. 03.

Folclórico Germânico Alte Heimat. Esta entrevista foi realizada com mais tempo, fora do horário de ensaios, teve uma duração de 54 minutos.

Raiane: (...) eu vou pedir pra você contar a história da sua vida.

Lícia: Ah, então são mais grupos [risos]. Então, meu pai e minha mãe se conheceram no Rio Branco, chamava-se Rio Branco antes de ser Alte Heimat. Daí casaram, namoraram e quando eu tinha cinco anos eles voltaram para o folclore só que não tinha grupo infantil no alemão, daí a gente ficou no ucraniano que chamava-se folclore ucraniano de Curitiba, agora é o Barvinock³⁰⁵.

Aqui, já podemos destacar a primeira aproximação entre as entrevistas de Lícia e de Juliana. Ambas têm como eixo principal de suas narrativas a sua trajetória de participação nos grupos folclóricos da cidade de Curitiba. Lícia conta que seus pais já faziam parte de um grupo folclórico e quando ela atingiu idade suficiente, já foi inserida neste meio.

Então é o Barvinock, e... os ensaios eram aos sábados os dois coincidiam [ensaio do grupo folclórico alemão Rio Branco e ensaio do grupo folclore Ucraniano de Curitiba, atual Barvinock], era um atrás do outro, o Barvinock é numa quadra o Rio Branco era na mesma quadra só que do outro lado. Então a gente ficava no ucraniano, o papai e a mamãe iam pro ensaio, depois a nossa professora do ucraniano levava a gente lá, e daí a gente vinha embora³⁰⁶.

A participação de Lícia no grupo ucraniano tinha como principal motivador comodidade dos horários e do local dos ensaios e não a linhagem de sua família, pelo menos, nada sobre isto é mencionado até então. Lícia segue sua narrativa contando que participou do grupo ucraniano até completar 12 anos de idade: “Daí nós ficamos um tempo sem participar de folclore, nem o papai, nem a mamãe, nem eu³⁰⁷”. Após este período afastada, Lícia conta como, já em sua adolescência, se envolveu com o grupo folclórico português Alma Lusa³⁰⁸:

Uma vez no colégio, um dos meus melhores amigos me convidou para assistir o Festival Folclórico achando que eu não conhecia, que eu não sabia o que era, ele tava dançando no português, no Alma Lusa na época. Eu falei que sabia, que conhecia, que queria ir ver e daí no mesmo dia que tinha apresentação do Alma Lusa, tinha uma outra festa

³⁰⁵ FRITOLY, L. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 30 de setembro de 2015. “O Folclore Ucraniano Barvinok foi fundado em 1938, com o advento do 1º Festival folclórico e de Etnias do Paraná. Desde suas origens funciona como Departamento da União Agrícola Instrutiva e Clube Ucraniano-Brasileiro, entidades de caráter cultural e beneficente, que congregam membros da colônia ucraniana de Curitiba”. Texto disponível em: <http://www.ucranianos.com.br/roteiros_turisticos_museu.htm> acessado em: 15 de fevereiro de 2017.

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ Idem.

³⁰⁸ O grupo folclórico Alma lusa foi fundado em 15 de agosto de 1959 pela Sociedade Portuguesa 1º de Dezembro, seus ensaios acontecem na sede da sociedade desde então. Informações disponíveis em: <<http://www.sociedadeportuguesa.com.br/>> Acessado em: 15 de fevereiro de 2017.

e eu não fui e ele fez uma aposta comigo, ficou muito bravo porque eu não fui assistir, falou que se eu não fosse no ensaio com ele, ele nunca mais falava comigo. Ai eu fui no ensaio do Alma Lusa, mais para agradar ele do que para qualquer outro motivo, e me convidaram pra dançar, naquele mesmo ensaio e eu nunca mais saí, fiquei 12 anos. Ele ficou seis meses [risos]. Ai depois desse tempo, eu fui para os Estados Unidos, fui fazer um curso lá. E quando eu voltei, toda minha turma do folclore tinha saído, não era mais a minha galera do Alma Lusa. Fiquei só seis meses e nesses seis meses foi uma reviravolta total no grupo, isso é comum nos grupos folclóricos³⁰⁹.

Podemos observar que o que levou Lícia a participar do segundo grupo de dança foram suas relações de amizade. Novamente, Lícia não menciona suas relações de parentesco e desta vez, diferentemente da primeira e pela forma com que ela conta, tratou-se de um envolvimento mais pessoal, sem a participação direta de seus pais. Em seguida, Lícia narra como se deu seu afastamento deste grupo folclórico. Ela passou um tempo fora do Brasil e quando voltou, toda a configuração do grupo havia mudado. Isto nos remete as reflexões de Norbert Elias acerca das relações de interdependência entre grupos. Para este sociólogo “indivíduo” e “sociedades” estão em constante mudança. Não se trata, portanto, de entidades estanques.

A rede de interdependência entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexos do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações³¹⁰.

A entrevistada entendia a si mesma como parte do grupo Alma Lusa com determinada configuração. Quando ela se afasta do grupo e volta depois de um tempo não vê mais sentido em dele participar, já que tal grupo não era mais composto pelas mesmas pessoas. Na sequência, Lícia narra o contato com o terceiro grupo folclórico:

Ai eu conheci na faculdade meu marido e ele me convidou pra ir assistir ensaio do Dante Alighieri, que era o grupo que ele dançava. E eu nunca tinha imaginado, nunca tinha passado pela minha cabeça sair do Alma Lusa, pra mim eu ia ficar no Alma Lusa para sempre. Daí eu fui no ensaio do Dante Alighieri³¹¹, achei a turma muito diferente, tudo

³⁰⁹ FRITOLY, L. *op.cit.*p.01.

³¹⁰ ELIAS, N. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.p.249.

³¹¹ “O Grupo Folclórico Italiano ANIMA DANTIS foi fundado no dia 17 de outubro de 1963, por Ernani Zetola, na cidade de São José dos Pinhais. Em 26 de outubro 1966 transferiu-se para Curitiba, para a sociedade Garibaldi, passando a chamar-se Grupo Folclórico Italiano Giuseppe Garibaldi. Em maio de 1971 o grupo filiou-se ao Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri, onde permaneceu até junho de 1999 e mais uma vez adotou outro nome: Grupo Folclórico Italiano Dante Alighieri. No dia 28 de julho de 1999

diferente, não era nada a ver com o que eu tava acostumada, mas gostei de ficar lá por causa dele. Daí a gente ficou dois anos – não isso foi 90... é — nós ficamos uns dois anos no grupo e ele foi para Itália. Ai eu não quis mais ficar no grupo, porque ele não tava lá³¹².

Novamente, a participação de Lícia em grupo folclórico, desta vez o italiano, não ocorre por meio de uma vinculação “étnica”, mas de decisões tomadas a partir de relações de amizade e amorosas. A participação de seu companheiro era o que a motivava a acompanhá-lo aos ensaios do Grupo folclórico Italiano Dante Alighieri, quando ele se afastou ela não quis mais ficar no grupo. Neste caso, não havia uma identificação com o grupo como um todo, mas uma ligação afetiva com o seu companheiro, em específico.

Na sequência, Lícia conta que no período que seu marido esteve na Itália ela foi convidada para ajudar a formar e ensaiar o Grupo Folclórico Italiano Anima, na cidade de Guarapuava. Quando seu marido retornou, ela narra: “Depois nós ficamos cinco anos, depois ele voltou da Itália trouxe uma porção de materiais novos e tal, e a gente ensaiava o grupo lá em Guarapuava e não participava de nenhum aqui³¹³”.

Após este período sem participar de nenhum grupo da cidade de Curitiba, Lícia conta que retornou ao grupo folclórico português Alma Lusa. Neste momento da entrevista seu marido não foi mencionado, o que nos leva a crer que neste período ela tenha participado sozinha do referido grupo. Então ela narra que houve uma reviravolta no grupo folclórico italiano Dante Alighieri “saiu uma porção de gente³¹⁴”, e com isto ela e seu marido foram convidados pelo coordenador deste grupo para assumir os ensaios e em suas palavras: “o que eu fazia em Guarapuava, fazer no Dante Alighieri³¹⁵”. Narra que desde então participou do grupo folclórico italiano:

Isso foi em 96 e desde 96 eu não saí mais do grupo, estou agora a quase 20 anos na coordenação do grupo. O grupo saiu do Dante Alighieri, mudou de nome, agora é Anima Dantis, mas é a mesma — é a continuação — daquele grupo que tinha lá no Dante Alighieri³¹⁶.

Notamos que toda a história narrada por Lícia gira em torno de sua trajetória como dançarina, ensaiadora e coordenadora de grupos folclóricos. Lícia encerra o primeiro momento da entrevista da seguinte forma:

o grupo tornou-se autônomo e passou a se chamar Grupo Folclórico Italiano Anima Dantis (em latim, Alma de Dante). Em 2002 passou a integrar a Diretoria Cultural do Círculo Militar do Paraná, onde tem, atualmente, sua sede de ensaios” informações retiradas no Site do grupo disponível em: <<https://animadantis.wordpress.com/historico/>>Acessado em: 15 de fevereiro de 2017.

³¹² FRITOLY, L. op.cit.p.02

³¹³ Idem.

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ Idem.

³¹⁶ Idem.

E o ano passado, como o Alte Heimat ia fazer 50 anos, eu decidi participar pela história do grupo, né!? pela minha história, porque eu existo por causa do folclore, por causa do Alte Heimat e, também, para levar a mamãe, porque lá é longe, né, então eu levo ela e participo do Master [categoria] lá agora. Basicamente é isso. Bem resumido [risos]³¹⁷.

Ao afirmar “eu existo por causa do folclore”, Lícia utiliza o folclore – não uma “etnia” específica – para balizar uma construção de unidade para seu “eu”, o folclore é usado como marcador identitário. Sobre este caráter de unidade construído em narrativas autobiográficas a historiadora Verena Alberti afirma:

A autobiografia é *principalmente* uma narrativa (récit), com perspectiva retrospectiva e cujo assunto tratado é a vida individual; e implica *necessariamente* a identidade entre autor, narrador e personagem. (...) escreverá sobre sua vida aquilo que lhe é permitido, seja em função de sua memória, de sua posição social, ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento³¹⁸.

Neste sentido, cabe lembrar que a entrevistada foi informada sobre a formação da entrevistadora e sobre o tema da pesquisa, portanto, constrói sua narrativa em função, entre outros fatores, destas informações. Lícia é coordenadora do grupo italiano e mais recentemente envolveu-se com o grupo germânico para celebrar os cinquenta anos do grupo e porque seus pais se conheceram neste grupo. Verificamos aqui o sentimento de gratidão de Lícia com relação a participação no folclore, que mais uma vez aparece como marcando sua identidade. Ao longo de toda sua narrativa busca dar sentido a participação nos grupos folclóricos pelos quais passou. Percebemos que os motivos por ela apresentados, neste primeiro momento, não se relacionam com a linhagem de sua família. Percebido isto, foi feita a seguinte pergunta:

Raiane: E o envolvimento de vocês, então, não tem muito essa questão étnica?

Lícia: Tem, meu avô é da Itália, então a minha mãe dançava no italiano. Meu pai dançava no ucraniano, se encontraram no alemão por acaso, porque meu pai foi buscar a irmã dele, acho que a minha mãe contou essa história... e minha mãe foi buscar a melhor amiga dela. Saíram do ensaio, a mãe do italiano, o pai do ucraniano e se encontraram lá no alemão. Então, as raízes alemãs são do lado do meu pai. Meu pai é filho de ucranianos com alemães. Minha mãe é filha de italianos com portugueses. Então eu participei dos quatro [risos]³¹⁹.

³¹⁷ Idem.

³¹⁸ ALBERTI, V. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito. IN: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, volume 4, número 7, 1991.p.75-76.

³¹⁹ FRITOLY, L. op.cit.p.03.

Lícia afirma que seu envolvimento com os grupos folclóricos de caráter étnico tem a ver com a ascendência de seus pais e mais uma vez reitera que os dois se encontraram devido à participação no folclore. Novamente o que ganha destaque não é uma etnia específica, mas o “folclore” como um todo. No final de sua fala, Lícia apresenta uma importante informação. As pessoas não se casam somente com pessoas da mesma etnia. Então, como constituir o mosaico? Parece que os elementos diferentes estão permanentemente se fundindo concomitantemente, mas as diferenças são reconstruídas e mantidas dentro de discursos como os presentes na coletânea *História do Paraná*, nas revistas analisadas no primeiro capítulo, nos grupos folclóricos e nos festivais. Antes de partirmos para a análise da próxima entrevista, há, ainda, uma questão dirigida a Lícia que merece atenção:

Raiane: Qual é sua identificação étnica mais forte?

Lícia: Agora o italiano, né, porque eu tô a mais tempo no italiano, meus filhos falam italiano, meu marido é professor de italiano na Universidade Federal do Paraná, nós fomos pra Itália, moramos lá sete meses. Então a identificação mais forte é a italiana, mas assim, de coração, eu gosto tanto do português quanto do italiano, do alemão, do ucraniano... eu gosto dos quatro, assim.... agora mais para assistir, para dançar mesmo acho que eu vou continuar no italiano, enquanto eu tiver perna [risos] e no alemão o quanto conseguir, também³²⁰.

O trecho acima nos remete as reflexões do sociólogo Stuart Hall, já mencionadas neste trabalho. A entrevistada constrói em seu discurso a "existência de um 'eu' inevitavelmente performativo"³²¹, ou seja, sua identificação com determinados grupos não é estanque, fixa, mas se mostra fluida ao longo de toda a entrevista – e que nesse fragmento é sintetizada no uso do “agora” (“agora o italiano”). Essa identificação com relação ao grupo italiano é explicada não somente a partir de uma decisão subjetiva, puramente pessoal, mas pelo fato de ter maior contato com as características da dança folclórica italiana e ter morado neste país. Neste caso, identificação étnica é mais subjetiva e dinâmica do que algo estático, herdado de seus antepassados. Para Hall, estas identidades estão ligadas com uma nova compreensão de tempo e espaço gerada pela globalização. Nela as fronteiras culturais socialmente diferenciadoras estão cada vez mais frágeis, torna-se cada vez mais difícil totalizar ou generalizar identidades. Nesta mesma toada estão as considerações do também sociólogo de Zygmunt Bauman. Para este autor, na fluidez das relações sociais da atualidade – do que ele nomeia como *mundo líquido*

³²⁰ Idem.

³²¹ HALL, S. Quem precisa da identidade? In: *Identidade de Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 103.

moderno – definições identitárias rígidas e inegociáveis “simplesmente não funcionam³²²”. No fragmento da entrevista exposto acima, a postura referente as várias identidades assumidas por uma pessoa ao longo de sua vida ficam evidentes, esta é uma característica presente nas três primeiras entrevistas apresentadas neste capítulo.

Assim como Juliana, em dado momento da entrevista, Lícia enfatiza o envolvimento de sua família com o folclore:

Lícia: É... meu marido continua dançando, meus filhos também dançam...

Raiane: A família toda?

Lícia: É, da nossa família, a minha irmã mais nova dançou no Alte Heimat, muito tempo, mais de 10 anos, e a do meio que é a mais — que nunca assim, quis muito saber de folclore — ficou seis meses no Alma Lusa, para não dizer que nunca participou de nada ela ficou meio ano no Alma Lusa, mas nunca foi a praia dela, ela gostava mais de esportes, de jogar basquete, essas coisas e era quase sempre no horário do ensaio. Então, foi a única que nunca se envolveu, porque papai dançou até ...um tempão e continua dançando, agora eu, meus filhos meu marido a madrinha dos meus filhos, dos dois, os dois padrinhos e duas madrinhas, todo mundo é do folclore³²³.

A participação em atividades folclóricas está no centro da narrativa que Lícia constrói sobre si. Ela se vê como resultado do envolvimento dos seus pais com estas atividades, bem como, enfatiza a participação de seus filhos e marido. Menciona que apenas sua irmã mais nova não sentiu muita afinidade com as atividades relacionadas ao folclore. O fato de tratar-se de um espaço que constitui e é constituído de relações de parentesco e amizade com outros integrantes fortalece o sentimento de pertencimento a um grupo. Ao mencionar a irmã que seguiu outro caminho que não o folclore, podemos perceber que a participação em grupos de dança não acontece naturalmente, devido a fatores genéticos/biológicos, mas sim porque as pessoas agem a partir de outros interesses, desejos, vontades, etc. Neste sentido, podemos observar que a noção de que as etnias presentes no território paranaense estão estáticas em seus espacinhos do “mosaico” deve ser problematizada na medida em que as pessoas vão se misturando, diluindo suas identidades. Além disso, podemos notar que nem “todos são do folclore”, como Lícia afirma em outro momento, já que sua irmã teve vontade de praticar outra forma de exercício que não a dança. Ainda sobre a sua família, Lícia faz a seguinte declaração:

É tanta coisa para falar, meu Deus do céu, assim, é muita história gente... Eu tenho 46 anos, eu tô no folclore desde os 5 [risos]. Então são 41 anos de história e toda a minha história também com o meu marido, né, que a gente se conheceu na faculdade ele sabia que eu era de folclore

³²² BAUMANN, Z. op.cit.p.33.

³²³ FRITOLY, L. op.cit.p.03.

quando, a gente ficou junto, mas eu não sabia que ele era, porque ele me reconheceu, ele sabia que eu era do Alma Lusa, mas eu não sabia que ele era do italiano Dante Alighieri, então tem toda a história também disso. Das minhas duas filhas, eles dançaram, eles foram estudar no Madre Anatólia, que é uma história ligada a comunidade ucraniana, então eles dançaram folclore ucraniano na escola, que é uma coisa muito legal, faz parte do currículo da escola, eles têm aula de educação física e de dança ucraniana, que é muito legal, até a quarta série todo mundo participa e da quarta série para frente quem quer num horário alternativo. E é a Anne, a minha filha mais velha apaixonada pelo folclore ucraniano também, meu piá adora folclore japonês³²⁴, por causa do Taiko, dos tambores, eles vão em todas as apresentações do Guaíra, não perdem uma noite, eu também não, então é um estilo de vida já, não é mais nem hobbie [risos].

Na nossa família, folclore é estilo de vida, para alguns é hobbie, é uma coisa que você faz só no final de semana, pra mim não é só final de semana é a vida inteira. Pena que a gente só não recebe nada, né, porque podia viver disso né [risos]³²⁵.

Neste trecho, a entrevistada ressalta a dedicação e envolvimento de sua família, mas principalmente a sua, às atividades dos grupos folclóricos, independentemente da “etnia” ao qual o grupo celebra. Ela narra sua vida como uma história linear e coerente, seleciona certos acontecimentos que considera significativos e estabelece conexões entre eles. A esta característica totalizante presente nas narrativas de “si”, Pierre Bourdieu denomina “ilusão biográfica”, em suas palavras:

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, [...] uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. [...] Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurda quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes relações³²⁶.

Ao longo de sua vida, Lícia se envolveu com vários grupos folclóricos que celebram etnias. Ao declarar “Na nossa família, folclore é estilo de vida, não é mais nem hobbie”, ou “porque eu existo por causa do folclore”, ou ao afirmar que “toda” sua história aconteceu devido ao folclore, busca no folclore um elemento unificador de sua identidade.

³²⁴ “O Nikkei Curitiba nasceu com o nome de Tomonokai (Clube de Amigos), em 11 de agosto de 1946. Passou por várias fusões e transformações até tornar-se a atual Sociedade Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba – Nikkei Curitiba”, onde funcionam os ensaios do grupo folclórico. Informações disponíveis em: <<http://nippobrasilia.com.br/entidades/entidades-br/sociedade-cultural-e-beneficente-nipo-brasileira-de-curitiba/>> acessado em: 15 de fevereiro de 2017.

³²⁵ FRITOLY, L. op.cit.p.03.

³²⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.183-191.p.183.

Assim como Juliana, Lícia exerce outra profissão, contudo as danças folclóricas são uma atividade que lhe dão prazer. Ela afirma:

De profissão eu sou professora de inglês, a maioria das pessoas que participam e coordenam grupos folclóricos tem outra profissão, porque este trabalho é cem por cento voluntário, né, a gente não recebe nenhum centavo, pelo contrário a gente gasta bastante, é bastante investimento, de tempo e também financeiro³²⁷.

Devido a sua trajetória de participação em grupos folclore, Lícia considera-se uma folclorista, ao percebermos isto lançamos a pergunta: “Você realizou, então, estudos sobre o folclore?”, obtivemos a seguinte resposta:

Sim, sim, sim, eu dei aula de arte e cultura popular brasileira na Unibrasil³²⁸, para turma de turismo, por três anos. Então cada vez que eu tinha essa matéria, eu procurava trazer coisas diferentes, para que elas conhecessem também, literatura de cordel, a histórias dos bois de Boi Bumbá, de Bumba meu Boi, a diferença entre eles, a Catira do Mato Grosso, sabe, coisas diferentes que eles não conhecessem e até o folclore do Paraná também... Então, porque a gente pensa assim, folclore, que que você vai lembrar? Rio de Janeiro com o Samba, Bahia com Axé, Pernambuco com o frevo e o Rio Grande do sul com o as coisas do Fado — e as coisas que lembram também Portugal. E daí, quando eu trazia coisas diferentes as meninas ficavam maravilhadas com coisas que elas não conheciam, eu também aprendi muito, foi muito bom essa experiência porque acabei me apaixonando pelo folclore do Brasil de uma forma geral e descobri – justamente por isso — *que eu sei que aqui no sul é difícil você achar uma coisa genuinamente brasileira*. A história é muito curta para isso. A gente pensa na Itália, eles têm uma cultura de milhares de anos, né, dois mil anos e coisa... A gente tava numa cidade medieval, onde a gente morou, ela é parte medieval, parte moderna, ela tem a parte alta e a parte baixa, tipo Salvador, inclusive com elevador... Então, na parte alta é a parte medieval da cidade, não entra carro, as ruas são todas ainda mantidas com pedras, as casas são muito antigas e a parte baixa é a parte moderna, daí tem shopping, tem supermercado, tem as lojas mais modernas, ruas asfaltadas onde circula todo mundo, é uma cidade comum. Mas a parte mais alta é a parte medieval. E muitas cidades na Itália ainda tem essa preservação, eles levam isso muito a sério lá e essas cidades tem histórias antiguíssimas, né, e de uma cidadinha pra outra você vê diferença, muita diferença. Imagina aqui que nós temos 300 e poucos anos é muito pouco tempo³²⁹. (Grifo nosso).

A partir desta fala podemos constatar a aproximação da concepção de “cultura popular” de Lícia com a dos folcloristas ligados às comissões nacionais e regionais de folclore, mencionados no segundo capítulo deste trabalho³³⁰. Liga folclore a determinados

³²⁷ FRITOLY, L. op.cit.p.03.

³²⁸ Centro Universitário Autônomo do Brasil – UniBrasil, localizado em Curitiba.

³²⁹ Idem.

³³⁰ Ver discussão sobre folclore na página 85 deste trabalho.

objetos, trajes e festas como se estes fossem estáticos e puros. Na entrevista com Juliana Kloss os shoppings e inovações tecnológicas são colocados numa relação muito semelhante a que Lícia traz em sua narrativa. Para Lícia, assim como a cidade da Itália, no Paraná é o folclore que produz a diferenciação em relação às outras cidades do Brasil.

No trecho grifado, percebemos também que Lícia marca a diferença da região com relação aos outros Estados brasileiros. Afirma que no sul é difícil encontrar algo “genuinamente brasileiro”. A colonização estrangeira no Paraná constitui, no discurso de Lícia, um marcador de diferença com relação ao restante do Brasil, assim como no discurso de Bento Munhoz da Rocha Neto e na obra *História do Paraná*, analisados anteriormente neste trabalho. Esta é a forma com que Lícia negocia com os vários discursos divulgados a respeito da população do Paraná, os quais ela estudou e tem contato no seu cotidiano de participação em grupos folclóricos.

Lícia faz uma avaliação do passado do Paraná e do Brasil, comparativamente a história da Itália. Em sua percepção, o estado tem pouco tempo de história para desenvolver suas próprias “tradições”. Dessa forma, preserva tradições de outros países que “contribuíram” para seu povoamento. Esta percepção relaciona-se a desenvolvida por instituições que buscavam a “essência” da identidade nacional, como os IHGB/IHGPR, mencionado no primeiro capítulo deste trabalho. Podemos, afirmar que há traços de uma *memória cultural* no discurso desta entrevistada.

Ao perceber este tipo de aproximação entre os discursos dos vários suportes analisados nesta dissertação, notamos que há uma determinada memória selecionada para ser lembrada com relação ao Paraná e sua população. Tal memória é social e historicamente construída dentro de discursos, isto é, a chamada *Memória Coletiva – Memória cultura e Memória comunicativa*.

Estes traços podem ser observados também na entrevista do Sr. Carlos Miranda, diretor e ensaiador do Grupo Folclórico Português Alma Lusa. Sua entrevista inicia assim:

Bom, meu nome é Carlos Miranda, tenho 35 anos e atualmente sou diretor do grupo folclórico aqui na sociedade portuguesa. Minha história de vida é como todo brasileiro trabalhador e estudante. Hum, eu sou administrador, trabalho a doze anos na mesma empresa, empresa do ramo alimentício e trabalho com a área tributária. Não tem nenhuma ligação com a minha atividade folclórica. Minha iniciação na cultura, na área folclórica se deu no grupo italiano na época o grupo Dante Alighieri, foi um convite da minha irmã que tinha começado a dançar já a um tempo. Aí eu fui lá, conheci, achei interessante o lugar, o grupo, as pessoas e comecei a participar. A minha participação nesse grupo não tinha nenhuma ligação com o meu histórico familiar, com as raízes

da minha família. Simplesmente eu gostei do grupo, gostei do envolvimento³³¹.

O início da narrativa de Miranda é construído com base na associação de sua história de vida à de determinados membros da nação brasileira: homens, jovens, trabalhadores e estudantes. Após uma breve apresentação, indica sua função no grupo folclórico e conta sobre sua trajetória nos grupos folclóricos curitibanos, assim como o ocorre nas duas entrevistas analisadas acima. Assim como Lícia e Juliana, Miranda afirma que sua profissão nada tem a ver com as atividades que desempenha no grupo folclórico. Narra que seu primeiro contato com a área do folclore foi ao participar do grupo italiano, a convite de sua irmã e faz questão de afirmar que “não tinha nenhuma ligação” com seu histórico familiar, ele simplesmente gostou. Diferente das outras duas entrevistadas, o folclore para Miranda é algo vivenciado externamente a família. Em seguida, conta de seu afastamento do grupo de folclore italiano e de sua aproximação com o grupo de folclore português:

Permaneci atuante nesse grupo por cerca de três anos e depois de começar a conhecer algumas coisas, verificar o funcionamento de alguns grupos, eu decidi sair desse grupo por não concordar com algumas coisas lá dentro e fiquei algum tempo afastado da cultura, do folclore. E em 2001 eu fui assistir todos os grupos que são filiados a AINTEPAR no festival de folclore no Guaíra. E fui decidido a assistir os grupos e encontrar um que eu me identificasse na apresentação e que eu pudesse, colaborar. Dentre as apresentações que eu vi do folclore português Alma Lusa e o que me encantou na época foi o fato de ser música ao vivo na apresentação. Eu não saberia dizer na época se era uma apresentação exclusiva no Guaíra que era ao vivo, eu não sabia, não conhecia. Então, eu desci no palco depois da apresentação falar com o diretor e aí expliquei a minha intenção e fui convidado a vir num ensaio aqui [Sociedade Portuguesa] no domingo seguinte. Eu vim, conheci as pessoas, conheci o grupo, eu e mais alguns outros amigos que também foram assistir e desde então eu entrei no grupo e participo até hoje³³².

Assim como Lícia Fritoli, Miranda teve contato com grupos folclóricos representantes de outras “etnias”, por meio do Festival Folclórico e de Etnias do Paraná. Ele menciona, de forma resumida, que deixou o grupo italiano devido a discordância com “algumas coisas” relacionadas ao seu funcionamento, silencia os motivos. Atribui o mesmo significado aos conceitos de cultura e folclore, apresentados como passado estático. Em seguida conta que foi ao festival decidido a avaliar e escolher algum dos

³³¹ MIRANDA, C. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 18 de maio de 2015.

³³² Idem.

grupos, com o qual se identificasse, para frequentar os ensaios. Este esforço empreendido por Miranda nos leva a pensar as relações de identidade e performance dos sujeitos na sociedade atual. A doutora em linguística Adriana Carvalho Lopes, baseada nas discussões de Stuart Hall, faz a seguinte afirmação:

A identidade é uma representação que, por sua vez, não é um reflexo da realidade, mas uma forma de ação – uma performance. A identidade é um processo contínuo de redefinir-se, de inventar e reinventar dialogicamente sua própria história na linguagem. Portanto, a identidade só nos é revelada como algo a ser criado linguisticamente e discursivamente, e não descoberto; como alvo de um esforço, de um objetivo; Como coisa que ainda precisa ser significada e construída entre as alternativas possíveis³³³.

Neste sentido, a busca de Carlos Miranda por uma identificação, uma afinidade para participar do grupo de dança caracteriza esta performatividade do sujeito na *modernidade líquida*, de criar sua identidade. Isso foi possível perceber também na entrevista de Lícia Fritoli, que participou de vários grupos ao longo de sua vida, atualmente dança em dois e busca, em sua narração, artifícios que criam identificações com um grupo ou com o outro que a permite transitar dentre as identidades, como podemos verificar na frase: “Então a identificação mais forte é a italiana, mas assim, de coração, eu gosto tanto do português quanto do italiano, do alemão, do ucraniano”. Podemos entender, com esta reflexão, que as identidades estão em constante movimento.

Miranda segue contando sobre sua trajetória no grupo Alma Lusa: “E aqui no grupo eu fui me envolvendo com outras atividades, fui aprendendo a tocar instrumentos, fui aprendendo a cultura, fui ganhando mais conhecimento até o ponto que fui convidado para ser ensaiador e isso foi em 2008³³⁴”. Demonstra orgulho sobre o conhecimento que adquiriu dentro do grupo português, demonstra que tal conhecimento lhe conferiu o respeito necessário para que fosse convidado para ser ensaiador do grupo. Novamente “cultura” é representado como conhecimento sobre o passado. Finaliza o primeiro momento de sua narrativa contando como foi convidado a ser diretor do grupo:

Ai depois no mandato do presidente seguinte [da Sociedade Portuguesa 1º de Dezembro] que foi o do senhor Amilton que já é falecido, ele me convidou para ser o diretor do grupo folclórico. Desde então eu venho atuando com estas funções agrupadas a de ensaiador e diretor do grupo. Esse é o meu histórico dentro do grupo folclórico³³⁵.

³³³ LOPES, A.C. Pragmática engajada: performances de resistência no funk carioca. In: DO NASCIMENTO SILVA, D.; MARTINS, D. M.; DE ALENCAR, C. N. *Nova pragmática: Modos de fazer*. Cortez Editora, 2016.

³³⁴ MIRANDA, C.op.cit.p.02.

³³⁵ Idem.

Mais uma vez temos o histórico no grupo folclórico como enredo central da história de vida do entrevistado. Carlos Miranda considera que adquiriu suas funções dentro do grupo devido ao seu esforço pessoal, galgando pouco a pouco seu espaço até atingir uma posição de destaque para sua performance. Ao ser questionado sobre como surgiu o interesse em participar dos grupos folclóricos, ele responde:

Bom, a primeira coisa que me veio na cabeça quando eu conheci um grupo, que foi o italiano na época, era o envolvimento com mais pessoas, é o fato de todos estarem trabalhando por um mesmo, uma mesma causa, o fato da causa ser interessante também, a cultura, a propagação da cultura que já, a muito tempo já é esquecido em muitos lugares e esses grupos trabalham para perpetuar isso. Então tanto no italiano quando eu entrei e no Alma Lusa quando eu decidi participar de um outro grupo, foi esse motivo que norteou a minha entrada. O fato das pessoas estarem envolvidas, trabalhando juntas para manter uma causa viva³³⁶.

O entrevistado indica como primeiro motivo para buscar e tentar fazer parte de um grupo, criar laços de amizade e conhecer novas pessoas. Outro motivo elencado por ele foi que, em seu entendimento, o grupo folclórico gira em torno da manutenção, propagação de uma cultura, de manter uma “causa viva”, para que seja transmitida adiante. Essa fala se aproxima de discursos institucionais de preservação, que costumam usar de uma “retórica da perda”. Assim como as duas entrevistas apresentadas acima, Carlos entende “cultura” de um modo estático, essencializado em trajes, objetos etc. Muitas vezes seu significado é equivalente ao atribuído a palavra “tradição”.

O sociólogo e antropólogo Denis Cuche, ao investigar a gênese social da palavra e da ideia de cultura, em seu livro *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, discute que a “herança semântica” das palavras “cria certa dependência em relação ao passado em seus usos contemporâneos, pois as palavras são constituídas de história e contribuem para que se perpetue determinado tipo de história. “Cultivo”, “mentalidade”, “instrução” e “tradição” são alguns dos termos indicados por Cuche, cujos usos semânticos já se equivaleram ao da palavra “cultura”. De acordo com ele: "a noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos³³⁷". Neste sentido, o levantamento

³³⁶ Idem.

³³⁷ CUCHE, D. op.cit.p.09.

feito por Cuche nos ajuda a desnaturalizar o termo cultura, pois os próprios usos do conceito sofrem transformações culturalmente construídas.

Cuche nos explica que a palavra cultura já esteve ligada as noções de “progresso” e “civilização”, que de uma perspectiva etnocêntrica alguns povos estariam mais “avançados”, que outros³³⁸. Desta forma, o entendimento dos entrevistados com relação ao termo cultura relaciona-se a este histórico naturalizante.

Antes de analisarmos alguns aspectos presentes nas entrevistas de integrantes mais velhos dos grupos folclóricos, analisaremos alguns aspectos mais técnicos como escolha e desenvolvimento de trajes, canções, coreografias presentes nas entrevistas com os diretores dos grupos Alma Lusa, Alte Heimat, Anima Dantis e Original Einigkeit Tanzgruppe. Trata-se de trechos das respostas de Carlos Miranda, Juliana Kloss, Lícia Fritoli e Carlos Nadolny, que fazem parte, respectivamente, dos grupos citados acima.

Iniciaremos propondo uma reflexão acerca dos nomes dos grupos. O nome do grupo folclórico português, Alma Lusa, nos remete à substância autônoma que traz essência a vida, ou seja, trata-se da essência do português, fixada e materializada em determinadas práticas, como danças, trajes e canções. Anima Dantis, segue o mesmo sentido, significando Alma de Dante em latim, fazendo referência a Date Alighieri, considerado maior poeta da língua italiana. Já o Alte Heimat, em português significa ‘Antiga Pátria’, que indica a Alemanha, mas também nos remete à região de onde seus antepassados vieram, congelando-a no tempo. Com relação ao grupo folclórico germânico Original Einigkeit Tanzgruppe, sua tradução para o português seria ‘grupo de dança unidade original’. Segundo Carlos Nadolny, coordenador deste grupo, ele teria este nome porque “Então são grupos de dança originais da união, né? Tá? Então a gente só dança danças originais. A gente não cria nada. A gente copia de como era originalmente”. Veremos que a preocupação com a autenticidade das danças e trajes é recorrente com todos os grupos e isto faz destas respostas muito semelhantes. Sobre as coreografias do Original Einigkeit, Sr.Nadolny, dançarino do grupo a cerca de 25 anos e atual vice coordenador, afirma:

Daí tem escolas que ensinam a dançar. Tem a de Gramado, a Casa da Juventude de Gramado, que promove cursos de dança, então vem professores da Alemanha. O (nome do professor de dança), eles conheceram ele no curso de Gramado. Fizeram amizade com ele no grupo de Gramado. E ele veio para ensinar. Então...ensinam as danças, se tu pesquisar a Casa da Juventude de Gramado, tá lá, eles vendem as... assim, tu se filia, o grupo folclórico se filia à casa da Juventude, aí pode

³³⁸ Ibidem.p.22.

mandar os integrantes para participar dos cursos. Então eles ensinam as músicas lá. E pra pesquisa também, a gente pesquisa também. O Marcos (atual presidente do grupo) vai sempre para Alemanha. Então ele vê uma dança diferente, pega lá e “puf”. Se não lembrar, pega o nome da música e tal, vai atrás da música e depois a gente começa a tirar a dança, né, “como é que é? A é assim e tal”. Vai até que a gente aprende e começa a passar pro grupo, né? E tem livros também do folclore. Tem um livro que ensina a dançar. Tem uma anotação que foi criada especificamente para isso, tá? Por exemplo, é ...o sapateado, um braço levantado aqui e tal, ele ensina como é que faz, tá, e tem lá³³⁹ ...

Sr. Nadolny descreve os esforços do grupo para ser o mais “original” possível, isto é, para representar fielmente o que acreditam ser a “cultura” tradicional alemã. Para ele a “cultura” esta essencializada em canções, trajes, etc. Esta percepção é reforçada ao haverem livros e uma instituição – “Casa da Juventude de Gramado” – que define o que é “original”. Juliana Kloss, presidente do Grupo Alte Heimat, menciona a mesma instituição em sua entrevista:

Ai anualmente, o departamento de danças folclóricas alemãs, fica em Gramado no Rio Grande do Sul e ai todo janeiro, tem cursos de danças em geral vem professores alemães e é uma semana para danças do grupo adulto e uma semana para danças infantis, e ai eles ensinam as novas coreografias trazem o material, lá, a dinâmica é bem interessante, porque vários coordenadores participam, dividem pequenos grupos e esses grupos traduzem a dança do alemão para o português, montam a dança, ai tem esse professor da Alemanha que corrige, para ver se montou certo e na sequência, depois no final do curso, todo mundo coloca os trajes e faz um vídeo, uma filmagem das danças que foram estudadas e apresentadas naquele curso. Porque assim, a tradição alemã, em termos de dança, ela vem descrita certinho, então, você tem que fazer uma roda, você tem que girar no sentido horário, oito passos, sabe, ela é toda sistemática, né, diferente, as vezes, da cultura, por exemplo, polonesa, ucraniana que você tem que usar aqueles passos mas você pode montar uma coreografia, com aqueles passos, você pode fazer semicírculo, você pode fazer fila, não na alemã, não, é certinho. Então roda é roda, você gira oito para um lado, gira oito para o outro, bate uma palma, então é tudo descrito bem certinho. E nesses cursos, geralmente, a gente faz uma atualização, né, aprende coisas novas. É ... esse ano especificamente teve outro curso em Blumenau, em que vieram, também, três professores diferentes da Alemanha para esse curso, então em geral, o nosso acervo de danças vem daí, desses cursos em si, que a gente participa a muito tempo, desde que... 89, 87, 89, por ai. E antes disso, os antigos coordenadores também, iam para a Alemanha, iam, filmavam, traziam né. Tem algumas coisas que a gente dança até hoje, que eram de cinquenta anos atrás, então a gente não tem

³³⁹ NADOLNY, C. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 21 de maio de 2015. Transcrição de Luana Milani Pradela.

uma descrição, não sabe se é certo, se é errado, mas o tanto de tempo que a gente dança já acabou ficando histórico [risos]³⁴⁰.

Tanto Juliana quanto Sr. Nadolny mencionam que no curso do departamento de danças folclóricas da Casa da Juventude de Gramado é feita uma descrição das danças que são copiadas pelos grupos curitibanos. Isto nos remete as reflexões do sociólogo Pierre Bourdieu, de acordo com ele as palavras têm o poder de “produzir ou reforçar simbolicamente a tendência sistemática para privilegiar certos aspectos do real e ignorar outros³⁴¹”. Neste sentido, ao descrever algo também se prescreve determinado sistema simbólico. Bourdieu também propõe pensarmos não apenas no que é falado mas em quem fala e no *capital cultural* de quem as fala³⁴². Neste sentido é necessária uma instituição com pessoas autorizadas a definir o que é “tradição alemã” “original” e “autêntica”, perpetuando um sistema simbólico. Quando questionada sobre quais músicas são utilizadas nas apresentações do grupo folclórico Alte Heimat, Juliana Kloss responde:

Em que sentido? das regiões, de...? Porque assim, como a gente tem trajes de várias regiões da Alemanha, a gente tem traje do sul, tem traje do norte, tem traje do centro da Alemanha, tem suíços, tem os austríacos. Então a gente procura colocar as danças de acordo com a região e o traje, porque assim, mesma coisa de eu colocar alguém dançando dança gaúcha vestida de frevo [risos], então não é certo, tem toda uma cultura por trás, então a gente quando monta as danças, verifica essa questão das danças, em geral a gente vai colocar de acordo "ah, é uma dança do sul, vamos usar o traje do sul ", salvo em algumas situações que você não tem como trocar de traje, então beleza, nós estamos com o traje do sul e vamos apresentar uma dança do norte, então isso é sempre muito, claramente exposto ao público, que embora a gente esteja com traje do sul, nós vamos apresentar uma dança do norte. Mas em geral a gente procura sempre encaixar dentro da região e daquela, daquele traje específico³⁴³.

Notamos que Juliana atribui grande importância a questão da autenticidade da performance das danças, trajes e canções. Afirma que os trajes e danças são feitos de acordo com a tradição de cada região correspondente da Alemanha e enfatiza que se, por acaso, for feito de outra forma, isto é exposto ao público. Ao estudar o processo de constituição da *Oktoberfest* e de outras festas ditas típicas de tradição alemã em Santa Catarina, a historiadora Maria Bernardete Ramos Flores afirma:

Confecção de trajes, danças, músicas, etc, são aprendidas na Confederação da Cultura Alemã no Brasil, com sede em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, ou em Gramado, na Casa da Juventude, onde

³⁴⁰ WEBER, J. op. cit. p. 04-05.

³⁴¹ BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008. p. 125

³⁴² Idem.

³⁴³ WEBER, J. op. cit. p. 04-05.

funciona o Departamento de Dança Folclórica da Federação. Ou vai-se a Alemanha, para trazer de lá adereços, ideias, bandas, danças, etc. Um secretário do turismo informou que antes da Oktoberfest, ninguém dançava valsa e marcha nos bailes. Depois da Oktoberfest as polkas, marchas e valsas, são comuns. Criou-se um mercado de trabalho para as bandas e novas bandas surgiram.

Logo, ao invés do conceito de folclore do século XIX, para designar uma cultura de museu, uma cultura do passado, como algo extinto, hoje há um novo folclorismo que é ativo e se exerce³⁴⁴.

O caráter vivo do folclorismo pode ser observado quando Juliana afirma “mas o tanto de tempo que a gente dança já acabou ficando histórico”. A constante redefinição e/ou reafirmação do “típico” em cursos anuais também se faz uma evidência de que o “folclorismo é ativo e se exerce”, se ressignifica com base em questões do presente.

O caráter vivo do folclore pode ser observado também na entrevista de Lícia Fritoli. Quando questionada sobre os modelos em que são inspirados os trajes do Anima Dantis, ela nos conta que no início da década de 1990, quando montou o grupo de folclore italiano em Guarapuava, utilizavam como modelos cartões postais e materiais impressos. Quando seu marido foi morar na Itália, mandava fitas VHS dos grupos folclóricos de lá, dessa forma era feito contato com novas coreografias, músicas e trajes. Atualmente, segundo Lícia, este acesso é facilitado por meio da internet, tudo pode ser localizado no *youtube*. Após narrar a história resumida acima, Lícia afirma sobre as coreografias:

Raiane: E a coreografia? Também são inspiradas nos vídeos?

Lícia: A maioria são, as vezes a gente dá uma adaptada a gente deixa com a nossa cara, porque independente da gente tentar fazer igual, cada grupo tem sua identidade. Se você assistir o italo-brasileiro [outro grupo folclórico italiano, também ligado a AINTEPAR] dançando a mesma coreografia que o Anima Dantis faz, você vai perceber que tem diferenças, porque o ensaiador coloca o seu jeitinho, né, uma virada de mão diferente, é ...um jeito de mexer a perna diferente, então, tem a característica do grupo. Alguns grupos imitam cem por cento o que a gente faz ... tem vários grupos que tem fitas do Anima Dantis e a gente enxerga coreografia que foi tirada idêntica, não mudaram um centímetro, talvez por insegurança, por não saber se pode ou não pode, são coisas que quando a gente modifica a gente tenta modificar dentro do que pode naquela região [da Itália]³⁴⁵.

Mesmo com a preocupação com a dita originalidade e autenticidade das coreografias, “cada grupo tem sua identidade” o seu “jeitinho”. A afirmação acima mostra o caráter fluído do Folclore, que se pretende retrato exato do passado, mas passa por ressignificações de acordo com as necessidades do presente.

³⁴⁴ FLORES, M. B. R. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Letras Contemporâneas, 1997.p.35.

³⁴⁵ FRITOLI, L. op.cit.p.01.

Ações como o a realização do Festival Folclórico e de Etnias do Paraná, bem como a publicação da revista e livros como os analisados nos capítulos anteriores, formam um conjunto que contribui para a construção do que o historiador Eric Hobsbawm classificou como “tradição inventada”. Maria Bernardete Ramos Flores sintetiza este conceito criado por Hobsbawm da seguinte forma:

Inventar tradições significa criar rituais e regras que busquem traçar uma continuidade com o passado, criando uma memória que funciona como um estoque de lembranças. Nem tudo o que a “tradição inventada” abarca é realmente passado; várias de suas manifestações são recentes, mas surgem para as pessoas como algo há muito existente³⁴⁶.

Quando Lícia afirma que “Alguns grupos imitam cem por cento o que a gente faz”, isto mostra que o próprio grupo folclórico italiano Anima Dantis tornou-se uma referência de performance de cultura espetáculo. Isto mostra a capacidade das chamadas “tradições” se inventarem/reinventarem, ou seja, não se trata, necessariamente, de perpetuar um passado distante.

Veremos as mesmas preocupações com a autenticidade das danças e trajes e também nas respostas de Sr. Carlos Miranda:

Raiane: É você, no caso, que faz a coreografia?

Carlos: Não, a gente não inventa coreografia aqui no grupo folclórico. A gente recebe contato dos grupos de lá de Portugal, eles têm a função de fazer a recolha essa recolha é feita com conversas, pesquisas com pessoas que viveram na época. Nosso folclore aqui no grupo Alma Lusa, ele representa o final do século XIX e o começo do século XX. As recolhas que os grupos portugueses fizeram desse material é de mais ou menos 1930, 1940. Então, muito dessas pessoas que eles entrevistaram eram vivas nessas épocas e conseguiram passar para esses investigadores os seus relatos, lembranças das cantigas, de como era o trajar e os grupos portugueses tiveram o trabalho de juntar todo esse material, estabelecer um critério de pesquisa, uma metodologia, classificar isso e depois disso recolhido começar a realizar novamente esses costumes nas datas atuais, nesse caso, na época de 1930, 1940. O nosso trabalho, aqui no Brasil, é pegar esse material que esses grupos recolheram, divulgar e copiar *ipsis litteris* aqui no Brasil. Então a gente entra em contato com os grupos, entende a coreografia, entende a música, pede a letra, verifica os trajes que eles usam e realiza aqui no Brasil a mesma coisa. E com isso a gente cria alguns laços de amizade com alguns grupos portugueses, porque eles sabem da nossa existência aqui no Brasil, autorizam que a gente faça esse trabalho aqui copiando o material deles, que eles fizeram o trabalho de recolha. Então, aqui no Brasil o papel do Alma Lusa é de representar o trabalho que já foi feito, que já foi criado, que já foi levantado por alguém numa época passada,

³⁴⁶ FLORES, M. B. R. op.cit.p.35.

nunca é de alterar esse folclore ou de criar algo novo, porque o folclore a gente não cria a gente perpetua ele em direção a nova geração³⁴⁷.

Sr. Carlos entende o trabalho do grupo folclórico como um trabalho de preservação, de continuidade com relação ao passado. Esta percepção está muito relacionada aos discursos divulgados pelas instituições folclóricas brasileiras explicadas no capítulo anterior deste texto. Além de estabelecer relação com o passado, o entrevistado projeta um futuro em que o constante trabalho de rememoração faz com que se perpetue o folclore, para que dessa forma não caia no esquecimento. Este *horizonte de expectativas*³⁴⁸ relaciona-se com o universo de sentidos conhecido e experimentado por Carlos dentro do grupo folclórico português e ao longo sua vida.

Neste capítulo, pudemos observar uma inquietação recorrente com relação a “preservação” de “cultura” e de “tradição”. Há sempre uma busca obsessiva pelo objeto de uma perda que seria irreparável³⁴⁹. As tradições são sempre utilizadas para estabelecer uma continuidade com um passado longínquo, há sempre um medo de perde-la e um anseio pelo seu “resgate”. José Reginaldo Gonçalves, ao estudar o estabelecimento de bens patrimoniais no Brasil, denomina os discursos com este caráter de “Retórica da perda³⁵⁰”. Esta retórica é utilizada, também na criação de *lugares de memória* – como grupos de dança, festivais, revistas comemorativas, entre outros. Como nos ensina Pierre Nora, “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos³⁵¹”. Neste sentido, o que é revivido e ritualizado são fragmentos de uma memória selecionada por determinados indivíduos que com ela se identificam e para ela criam lugares onde subsiste uma consciência comemorativa.

Agora, passaremos a análise de mais três entrevistas realizadas com integrantes dos grupos folclóricos Alte Heimat. Eles têm entre 56 e 69 anos e o fato de serem de outra geração e, atualmente, menos envolvidos com a direção dos grupos, nos permite alguns apontamentos.

Começaremos com a entrevista de Dona Odisséia Baltasar de 69 anos de idade. Ela é mãe de Lícia Fritoli, também entrevistada para este trabalho e dança no grupo folclórico Germânico Alte Heimat desde o ano de 1966:

³⁴⁷ MIRANDA, C. op. cit. p. 03.

³⁴⁸ KOSELLECK, R. op.cit.p.22

³⁴⁹ GONÇALVES, J. R. S. Os limites do patrimônio. *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, p. 239-246, 2007.

³⁵⁰ GONÇALVES, J. R. S. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

³⁵¹ NORA, P. op. cit. p. 12-13.

A minha história é assim: A minha vida, parte dela, pertence pro grupo, porque eu conheci meu marido há 48 anos atrás e nos casamos. Então eu sou o primeiro par de dança de todos os grupos folclóricos que casou e ainda está casado. Daí, eu tenho três filhas, as três filhas são de grupos folclóricos também. E eu adoro dançar, casei com meu marido que é descendente de alemão, então eu falo que assim: eu tenho sangue italiano e o coração alemão³⁵².

Ao resumir a história de sua vida, Dona Odisséia cria um forte sentimento de pertencimento ao grupo folclórico Germânico. Podemos perceber em sua última frase que, assim como nas outras entrevistas abordadas acima, Dona Odisseia transita dentre as identidades “étnicas” e cria, em seu discurso, suas próprias identificações. Esclarece que quem tem origem alemã é seu marido, sua ascendência é italiana, mas por outros fatores como acompanhar seu marido e gostar de dançar, acabou criando mais afinidade com o grupo germânico.

Sua família é “referência fundamental para a reconstrução do passado³⁵³”, considera que grandes realizações de sua vida como conhecer seu marido, casar e ter filhos só foram possíveis graças ao seu envolvimento com o grupo. Orgulha-se de seu casamento duradouro e enfatiza que suas três filhas também fazem parte de grupos folclóricos. Ao ser questionada sobre qual a importância de participar de um grupo folclórico, a entrevistada nos dá a seguinte resposta: “olha, eu falo sempre assim: a parte principal é a família, como aqui também é uma família e eu adoro ter família, então eu tenho duas a minha e a do folclore”. A família é colocada como ponto central de seu enredo. Em seguida fazemos a seguinte pergunta: “a senhora lê sobre a história do grupo alemão no Paraná, sobre a imigração? Dona Odisséia responde:

Olha, para te falar bem a verdade, eu participo de tudo o que é de folclore, sempre participei. Eu sou uma das fundadoras a AINTEPAR, que é a Associação Inter étnica do Paraná, meu marido foi o primeiro tesoureiro e eu a primeira secretária e nós que fundamos a AINTEPAR. Então a gente sempre participou de tudo o que se refere aos grupos folclóricos, em geral, sempre³⁵⁴!

Dona Odisséia considera-se parte da história mais recente do Paraná. Conta que ela e seu marido sempre foram envolvidos não só com o grupo do qual participavam, mas com os grupos folclóricos em geral. Dessa forma, produz significados para sua performance e de sua família na história do folclore no Paraná e da AINTEPAR. Dona

³⁵² BALTASAR, O. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 19 de maio de 2015.

³⁵³ BARROS, M. M. L.op.cit.p.33.

³⁵⁴ BALTASAR, O.op.cit.p.02.

Odisseia segue narrando a história da fundação da AINTEPAR, a história do Festival e de seu engajamento, sempre junto a seu esposo.

Também, assim oh, na verdade a organização do festival não começou com a AINTEPAR, começou bem antes de existir a AINTEPAR. Já existia o festival quando foi fundada a AINTEPAR, depois que veio a AINTEPAR, que continuou na organização, mas já existia. Na realidade era o governo do Paraná que fazia os festivais, principalmente o Ney Braga. O Ney Braga foi o principal governador que deu maior apoio para o folclore, tanto que teve um ano que o nosso grupo, o Alte Heimat, participou da troca da bandeira em Brasília e nós estávamos lá com Ney Braga, foi bem importante. Outra coisa importante que eu quero te falar, é que nós participamos da vinda do João Paulo, o Papa, é. E nós dançamos para o Papa. Foi muito emocionante porque foi um dos poucos grupos que ele se emocionou ao ponto de chorar quando viu nosso grupo dançando, porque ele era descendente também de alemães³⁵⁵.

Participar do Grupo folclórico proporcionou a Dona Odisséia a presença em momentos marcantes como viagens e o encontro com o Papa João Paulo II em sua visita ao Brasil. Isto fortalece sua relação emocional com o grupo e nos leva a refletir que muito além da relação sanguínea, momentos como estes também tem um papel importante na construção do sentimento de pertencimento a um grupo.

Em seguida passa a narrar a história do grupo folclórico germânico Alte Heimat. No decorrer desta narração cita alguns nomes que considera fundamentais na história do grupo, tais como Isa Markman e Helmut Abeck.

Assim oh, a dona Isa Markman era professora de alemão no colégio Martinos e ai foi pedido no [clube] Concórdia para que ela organizasse um grupo de dança para participar da Festa do Chopp, não tinha grupo alemão. Então a dona Isa convidou alguns estudantes do colégio Martinos e a dona Ine era funcionária do consulado alemão. O Seu Abeck, ele era um alemão muito dedicado, mas muito dedicado mesmo, ele sempre tinha aquela ideia de fazer com que os grupos participassem mais com danças para imitar o grupo de Munique, que ele tinha visto no baile do Chopp lá, a Oktoberfest. Daí, o que que aconteceu, a dona Isa convidou pessoas, jovens, tudo jovens, eu por exemplo, tinha dezessete anos e meu marido tava no exército. A irmã dele que era do grupo. A irmã dele estudava no colégio Martinos e entrou no grupo através da dona Isa. E daí, foi feito a festa do Chopp no Concórdia, no Clube Concórdia. Foi assim que começou o nosso grupo, no dia 10 de Abril de 1964 a dona Isa inaugurou o salão do Concórdia apresentando pela primeira vez o nosso grupo. Não tinha nome, sabe, era grupo folclórico alemão, porque era o primeiro aqui de Curitiba e durante muito tempo ficou sendo a dona Isa a professor de dança, ela que nos ensinava. O seu Abeck era o diretor do grupo e a dona Ine era nosso contato principal com o consulado alemão e com o suíço. Daí, então, nós tivemos a ideia de fazer com que o grupo representasse a Suíça e a Áustria, não só a Alemanha. Tanto que foi mudado o emblema que nós

³⁵⁵ Idem.

tínhamos, era só uma águia, agora se você ver ela é dividida, metade alemão e metade suíça, por causa disso.

[...] O seu Abeck, como ele era diretor, digamos assim, ele que divulgava nosso grupo e conseguia as apresentações para nós, tivemos muitas apresentações, sabe, eu fui dançar no Canecão, do Rio de Janeiro, tive o privilégio de passar quinze dias dançando nas regiões alemãs da Argentina... Nosso grupo viajou muito, muito mesmo, principalmente na época que o seu Abeck que cuidava dessa parte, sabe, e nós fazíamos muitas apresentações, porque o seu Abeck sempre conseguia muitas apresentações. Teve um ano, vou te contar, teve um ano que no mês de junho nós não ficamos nenhum sábado e nenhum domingo sem apresentação. A gente dançou todos, todos os finais de semana e cada vez e um lugar diferente, sabe, saíamos cedinho para viajar. Ele [Sr. Abeck] dizia assim: nós temos horário para sair, para voltar não [Risos].

[...]A história da dona Isa, assim ... infelizmente, depois dela ter sido uma pessoa tão importante, tão querida, infelizmente ela esqueceu quem ela era porque ela morreu com mal de Alzheimer, com 106 anos, sabe. E durante muito tempo, os primeiros componentes, inclusive meu marido e eu, fazíamos uma reunião no dia do aniversário dela que era dia 15 de novembro, então como era feriado mesmo, eu fazia questão de convidar todos os antigos componentes e a gente se encontrava na casa da dona Isa. Sabe, ela mora no Bom Retiro – morava, né, [Se emocionou]. E ela faleceu, tá fazendo...(4s) seis meses, mais ou menos, meio ano só³⁵⁶.

Podemos notar uma profunda admiração de Dona Odisséia pelos fundadores do grupo em que participa. Novamente ela cita as viagens feitas com o grupo. Laços de amizade e espaços de sociabilidade do grupo fizeram parte da construção de pertencimento da entrevistada ao grupo Alte Heimat.

Na entrevista com Sr. Carlos Haas, também do grupo folclórico germânico Alte Haimat, podemos perceber fronteiras identitárias construídas no discurso. Ele tem 56 anos de idade e participa deste grupo há 20 anos:

O meu avô, ele era do Norte da Alemanha, no caso, lá perto da cidade de Hamelin que eles falaram ali, do flautista mágico³⁵⁷. E o meu pai já é do... Hannoversch Münden, no caso, e... é uma cidade assim, só que super famosa, sabe, é onde o Fulda e o Elba se juntam e fazem o rio Reno, no caso. Então até tem muitas poesias sobre isso, que os alemães são muito poéticos e tudo e tal, sabe. Aí o pai, tipo assim, depois da guerra, né, ele era quieto, tudo mais e tal. Ficou preso lá, teve que...os aliados fizeram ele desmontar as minas, e tudo mais e tal, estourou uma mina no pé dele e tal e... ele pegou o navio para cá, transportando tudo quanto é alemão de lá, e veio pro Brasil, veio mais pra Lontras, no caso, aí...passeando e tal, virou caixeiro viajante. Antigamente existia, o tal

³⁵⁶ Idem.

³⁵⁷ O Flautista de Hamelin é um conto folclórico, reescrito pela primeira vez pelos Irmãos Grimm em 1284, na Alemanha. ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Contos dos irmãos Grimm*. Rocco, 2005.

do caixeiro viajante, que visitava os botecos do interior. Dali, no caso, ele conheceu a minha mãe³⁵⁸.

Antes de iniciarmos a gravação, Sr. Haas cotou que seu avô lutou na Primeira Guerra Mundial e seu pai na Segunda, ambos pela Alemanha. Começa sua história informando em qual região da Alemanha seu avô viveu, em seguida, faz o mesmo com relação ao seu pai. Associa as duas cidades a histórias do folclore alemão, como o Flautista de Hamelin, e a poesia. Em seguida, conta da vinda de seus pais para Curitiba e da participação de seu pai na fundação da Sociedade Beneficente Clube Rio Branco, que visava dar ajuda financeira aos alemães que participaram da Guerra. Em seguida afirma:

O alemão até hoje é muito solidário, e tal. E daí ajudavam no caso, e daí ele foi um dos fundadores. Lá na sociedade Rio Branco, é que foi fundado o grupo folclórico Alte Heimat. Eu, quando era pequeno, participava até de lá, entende? Mas não era um grupo que nem agora, por exemplo, com trajes e tudo. Cada um ia como queria e tudo, aí depois, por falta, vamos supor, de coral e tudo mais, e tinha muitos alemães lá, que no caso eram coralista e tudo, foi fundada a sociedade Harmonia, ali no coisa. A sociedade harmonia, inclusive eu ajudei a construir. Construir que eu digo é pegar no pesado³⁵⁹.

Haas significa sua performance como participante ativo na constituição do grupo folclórico e do coral alemão. Remete a sua infância e comenta sobre como atualmente o grupo é mais elaborado com relação aos trajes. Isto nos faz refletir sobre como houve uma tendência para uma manutenção ou acentuação da identidade étnica germânica, nas gerações posteriores a dos próprios imigrantes³⁶⁰. Outro ponto que podemos notar é como, ao longo de toda sua narrativa, Sr. Haas marca uma identidade para “o alemão”, em frases como: “O alemão até hoje é muito solidário”, ou, “os alemães são muito poéticos e tudo”. Ao afirmar o que “o alemão” é, faz uma distinção entre os que fazem parte deste grupo e os que não fazem. Em determinado trecho da entrevista Sr. Haas afirma:

Minha mulher também, por sorte ela tem, vamos supor assim, 70% de alemão com suíço, e 30% de italiano, no caso. Então, é europeia também, né, (risos). Ela tem...a minha filha mora na Irlanda, no caso, mas mora lá porque a gente tem a cidadania europeia, no caso, é super fácil, no caso nosso, né. Você tem passaporte europeu, e vai para onde você quiser, não é que nem o passaporte brasileiro, que o pessoal olha assim (risos)³⁶¹.

³⁵⁸ HASS, C. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 19 de maio de 2015. Transcrita por Luana Milani Pradela.

³⁵⁹ Idem.

³⁶⁰ POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. op. cit. p.71.

³⁶¹ HASS, C.op.cit.p.01.

Neste trecho, fica mais evidente as fronteiras identitárias construídas na narrativa de Sr. Haas. Ele transita entre várias identidades para definir a de sua esposa. Considera uma sorte ela ser “europeia”. Marca uma distinção entre europeus e brasileiros ao falar das vantagens de ter um passaporte Europeu e de como as pessoas olham diferente para quem tem passaporte brasileiro.

Eu tenho um museu, inclusive, lá em casa, pequenininho e tal, lógico, né, mas de coisas, por exemplo, da guerra, do meu avô, do meu pai, é... coisas que eu trouxe da Alemanha. Já fiz dez viagens pAra Alemanha. Conheço a Alemanha de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Entende? Tenho poucos parentes lá ainda, mais parentes de primos do meu pai, entende³⁶²?

Aqui, devemos chamar atenção para a vontade de Sr. Haas em reavivar a memória relacionada a participação do avô e do pai nas duas grandes guerras. No primeiro trecho da entrevista Sr. Haas afirma: “o pai, tipo assim, depois da guerra ele era quieto”. Podemos identificar traços da chamada “lei de Hansen” (daquilo que o filho quer esquecer, o neto quer se lembrar) a respeito da revitalização da identidade étnica na terceira geração de imigrantes. No caso de Sr. Haas tudo que seu pai procurava esquecer a respeito da guerra, ele busca reavivar construindo um “lugar de memória” e salientando sua consciência étnica.

Ao final da entrevista, ao falar sobre a Alemanha e o folclore alemão, Sr. Haas exprime uma preocupação: “Eles preservam as tradições. Aqui não preservam. Entende? E lá eles preservam, né? Então o folclore é um jeito de preservar as tradições, tá? E tá difícil de botar gente nova no folclore. Só os “veio” que ainda seguram aí (risos)³⁶³”. O folclore é visto como lugar dos velhos e pelo qual os jovens não têm mais interesse. Novamente ressalta-se a ideia de preservar tradições, como algo fixo e na eminência de se esgotar³⁶⁴. Esta noção se faz presente, também, na entrevista com Sra. Edite Hort. Assim como em algumas das entrevistas acima, Dona Edite inicia a narrativa de sua história de vida informando sua ascendência: “Eu sou descendente de alemães, né? A quarta geração de alemães. Sou filha de brasileiros, no caso, Carlos Hort e Elza Hort. Nasci em Porto União, Santa Catarina. Mas eu vivo em Curitiba desde o tempo de criança. Eu vim para Curitiba em 1962³⁶⁵”. O fio condutor da narrativa de dona Edite é o contato

³⁶² Idem.

³⁶³ Idem.

³⁶⁴ DE MENESES, U. T. B. op. cit. p.10.

³⁶⁵ HORT, E. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 19 de maio de 2015. Transcrição de Luana Milani Pradela.

com a chamada “tradição alemã”. Ela fala dos costumes de sua casa, de sua infância e em seguida conta do seu contato com o grupo Alte Heimat:

E como eu sempre gostei da parte da tradição alemã, eu sempre procurei participar de grupos, participei de coral aqui em Curitiba, do coral Harmonia, que só canta em alemão e também, na mesma época, eu entrei no grupo folclórico. Eu entrei no grupo folclórico do Alte Heimat em 1992, quando foi formado o grupo do master e desde aquela época eu estou participando. Fazem agora 23 anos que eu estou participando do grupo. Admiro muito, gosto muito da tradição alemã, porquê aqui sempre me leva pro lado da minha família e onde eu sempre convivi com a minha família. Há pessoas dentro da minha família que vieram da Alemanha, que participaram das duas guerras, da Primeira e Segunda Guerra Mundial, e através dessas pessoas eu consegui aprender muita coisa sobre a cultura alemã³⁶⁶.

Novamente podemos observar que noções como “tradição”, “cultura” são entendidos como algo fixo e estático. O mesmo pudemos perceber na obra *História do Paraná* e nos periódicos analisados nos capítulos anteriores. Além disso, tanto na fala de dona Edite quanto na de senhor Hass, a Alemanha tem sua identidade e “cultura” fixados a partir das duas guerras mundiais.

Aqui, cabem algumas considerações sobre estas cinco entrevistas. A estrutura das entrevistas de Sr. Haas e de Dona Edite se assemelham, pois os dois remetem muito a infância. O grupo para eles é o reencontro com este passado vivido em seus lares na época de criança. Já o enredo da entrevista de Dona Odisseia Baltasar, se volta mais para a sua performance dentro do grupo Alte Heimat e da Associação Interétnica do Paraná. As três primeiras envolvem integrantes mais jovens dos grupos, diretores dos grupos Alte Heimat, Anima Dantis e Alma Lusa. Nela podemos perceber claramente a semelhança no fio condutor das histórias de vida, que focam na trajetória dos três dentro dos grupos folclóricos curitibanos e posteriormente dentro do grupo a que participam atualmente.

Nas revistas analisadas no primeiro capítulo e na obra analisada no segundo, o processo de (re)ocupação do Paraná por estrangeiros é exaltada e colocada como marcador de diferença nos processos de identificação da população paranaense. Esta é representada como um mosaico constituído por várias etnias – em maioria europeus eslavos – que contribuem com elementos para a “evolução” da população. Já as entrevistas indicam uma perspectiva mais dinâmica desses processos de identificação. As

³⁶⁶ Idem.

identidades não são rígidas e inegociáveis como se pretendem nos dois primeiros suportes analisados, mas sim encontram-se em constante movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se ouvir alguém dizer: “quando eu era católico” ou “antes de eu me tornar protestante (ou ateu)”; “quando eu era de esquerda” ou “antes que eu me tornasse de direita”; “quando eu era cidadão de tal Estado” ou “antes de eu me tornar cidadão de tal Estado” “quando eu era bancário” ou “antes de me tornar advogado” – contudo jamais se haverá quem diga “quando eu era bretão (ou valão, ou acadiano, ou tusti)” nem “antes de me tornar corso (ou flamengo, ou judeu, ou hutu)”³⁶⁷.

Então a identificação mais forte é a italiana, mas assim, de coração, eu gosto tanto do português quanto do italiano, do alemão, do ucraniano... eu gosto dos quatro, assim... agora mais para assistir, para dançar mesmo acho que eu vou continuar no italiano, enquanto eu tiver perna [risos] e no alemão o quanto conseguir, também³⁶⁸.

A primeira afirmação é apresentada no prefácio do livro *Teorias da etnicidade* de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, escrito por Jean William Lapierre. Para ele, diferente do que ocorre com outras identificações como religiosa, política, profissional, não é possível identificar movimento nas identidades étnicas. Nas revistas e no livro *História do Paraná*, analisados nos primeiros capítulos, é dessa forma que as identidades são pensadas, encaixadas em moldes estanques.

No entanto, a afirmação da entrevistada Lícia Fritoli nos faz refletir sobre esta suposta imobilidade. Tanto ela, quanto outras pessoas que nos cederam entrevista como Juliana Kloss, Carlos Miranda, Odisseia Baltasar, transitam entre as identidades étnicas. Zygmunt Bauman ao se referir a identidades construídas no “mundo líquido moderno”, afirma: “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam³⁶⁹.”

A problemática central deste trabalho centrou-se no discurso que pretende fixar uma identidade para o Paraná como “Mosaico Étnico Cultural”, “Terra de todas as gentes”. Este discurso apresenta a população paranaense como constituída por etnias europeias eslavas – alemães, italianos, ucranianos, poloneses, holandeses, dentre outros – com algumas menções aos asiáticos. Os grupos citados são apresentados como constituidores/formadores da população tanto física quanto moralmente.

As fontes selecionadas constroem uma imagem do Paraná como um mosaico constituído de várias pecinhas, estas pecinhas são as chamadas “etnias formadoras” da

³⁶⁷ POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. op. cit. p.13.

³⁶⁸ FRITOLI, L. op. cit. p.03.

³⁶⁹ BAUMANN, Z. op. cit. p.33.

população paranaense. Mesmo passado muito tempo da (re) ocupação do estado, as chamadas etnias permanecem cada uma em seu espacinho, a sua mistura que resultaria no “tipo paranaense” sempre é projetada para o futuro e a imagem do “mosaico étnico” é fixada na memória das pessoas. A partir desta concepção emergem no senso comum afirmações como “O Paraná é um Brasil Diferente”, “no Paraná as pessoas são brancas e civilizadas”, ou até “no Paraná não houve escravidão”. Trata-se de um discurso que celebra a diferença de uma forma excludente, silencia o dissenso, silencia, por exemplo, os conflitos vivenciados pelas populações negras e indígenas até hoje neste território.

Com o objetivo de entender o que este discurso significa para as pessoas que habitam o Paraná atualmente, analisamos três suportes – revistas, livros e entrevistas – em três contextos diferentes – 1953, 1969 e 2015 – para perceber deslocamentos e permanências deste discurso sobre o Paraná de todas as etnias. Desta forma, este trabalho foi dividido da seguinte maneira: no primeiro capítulo analisamos quatro revistas publicadas em 1953, em razão do I centenário de emancipação política do Paraná. Nelas, as pessoas que chegaram para habitar o Paraná no final do século XIX, início do século XX e na década de 1950, são classificadas como “ordeiras”, “hospitaleiras”, “trabalhadoras”, “acolhedoras”. Os imigrantes são apresentados como detentores de uma essência moral que seria transmitida para as próximas gerações.

No segundo capítulo discutimos sobre dois dos quatro volumes da coletânea *História do Paraná*, publicada no ano de 1969. Esta publicação foi produzida por um grupo de intelectuais ligados a Universidade Federal do Paraná e a Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Ao longo da análise, percebemos que são estabelecidas relações entre modernidade, progresso, folclore e tradição. Trata-se da busca por estabelecer um passado a ser lembrado e da projeção de um futuro para o Estado. A população de origem europeia é apresentada como a que trouxe contribuições à civilização, à modernidade, desta forma, tais valores devem ser lembrados e mantidos. Enquanto índios e negros são apresentados como “presentes” na história, mas não com grandes “contribuições”, ou seja, devem ser apenas recordados, como algo que existiu e acabou.

Enfim, para o terceiro capítulo realizamos entrevistas com integrantes de grupos folclóricos de dança da cidade de Curitiba, associados à AINTEPAR – Associação Interétnica do Paraná – no ano de 2015. Por meio destas entrevistas, buscamos perceber como estas pessoas, inseridas neste espaço de preservação da tradição e do folclore dos imigrantes, constroem narrativas sobre a sua vida. Em que momentos se aproximam ou se distanciam dos discursos presentes nas outras fontes analisadas. As revistas e os livros

crystalizam identificações para a população paranaense. Nas entrevistas ocorre o mesmo em alguns momentos. No entanto, a percepção dos entrevistados sobre suas identidades étnicas é muito particular. Narram suas histórias de vida conforme sua trajetória nos grupos folclóricos da cidade de Curitiba. Em determinados momentos se afirmam como alemães, em outros como italianos, como no caso de Dona Odisséia. Dessa forma, podemos notar uma fluidez e uma dificuldade em se fixar em uma identidade unívoca.

Os três suportes analisados neste trabalho – revistas, livros, entrevistas – constroem uma identidade que se pretende unívoca e fixa, mas que é fluida. Noções como cultura, folclore, tradição, Paraná tradicional/moderno, passado/presente, expectativas de futuro, permeiam as discussões dos três capítulos e a partir deles são criadas classificações para as pessoas que viveram ou vivem no Estado do Paraná.

O historiador Jeffrey Lesser, ao estudar a formação das identidades nacionais brasileiras, problematiza as chamadas identidades hifenizadas e como os imigrantes e seus descendentes negociam suas múltiplas identidades. Ele afirma existir no Brasil uma crença de que os imigrantes vieram aperfeiçoar a identidade nacional e de que seus descendentes herdaram componentes que continuam a aperfeiçoar a nação. Dessa forma, segundo este autor, os descendentes de imigrantes não costumam identificar-se com identidades hifenizadas – nipo-brasileiros, ítalo-brasileiros, etc – “preferem focar a pátria de seus antepassados e chamá-los (e ser chamados) de “japoneses” ou “italianos””.

Os brasileiros costumam dizer que vivem no “país do futuro”. Eles estão sugerindo que a identidade nacional do país está se tornando melhor. A imigração foi um dos principais componentes dessa mudança, e, portanto, a experiência do movimento imigratório não terminou com a chegada física dos estrangeiros. Imigração dizia, e diz, respeito à criação de um Brasil futuro melhor³⁷⁰.

Algo que chama atenção é que há elementos em comum em quase todas as entrevistas. Das nove entrevistas realizadas, em oito os entrevistados começam suas narrativas contando sobre sua ascendência, confirmando as reflexões de Lesser. As análises das revistas e da obra *História do Paraná* nos ajudam a entender como o sentimento de pertencimento e as concepções sobre determinados conceitos, por parte dos entrevistados, são construídas social e historicamente. Há, nos contextos dos três suportes analisados (1953, 1969, 2015), um claro diálogo e a permanência de um discurso que coloca os europeus como modelo e instala no Paraná um projeto de sociedade que

³⁷⁰ LESSER, J. Um Brasil Melhor. *História, ciência e saúde-Manguinhos*. vol.21 no.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2014.

colabora para se constituir fronteiras que são usadas para estabelecer uma identidade para sua população.

As entrevistas, no entanto, nos trazem, além de permanências, uma *bricolage* de memórias institucionais – presente em discursos como os da produção bibliográfica de *História do Paraná*, ou discursos comemorativos como os do I centenário de emancipação política do Paraná – que aqui chamamos de *memória cultural* e de memórias que são fruto da comunicação e da vivência, experiência dos entrevistados com outras gerações, que chamamos *memória comunicativa*.

Observamos uma busca por “âncoras *sociais*” que naturalizem uma identidade para a população paranaense. De acordo com Zygmunt Bauman, a questão da identidade só é debatida no momento em que o “pertencimento” sai da zona de conforto.

Quando a identidade perde as âncoras *sociais* que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso³⁷¹.

A necessidade de se reafirmar o discurso que apresenta o Paraná como “terra das etnias” em contextos diferentes denota a fragilidade da identidade como algo estanque. Assim, é necessário constantemente lembrar do que se é selecionado para ser lembrado e esquecer características que não legitimam as relações de poder já postas. Assim, nos três suportes analisados, utilizam-se os significantes *folclore* e *tradição* como marcadores de identidade para a população do Paraná. No entanto, esta identidade unívoca existe apenas nos discursos oficiais e nos espaços dos grupos folclóricos e festivais.

Na introdução, compartilhei com os leitores meus estranhamentos em relação aos discursos identitários que ouvia/ via antes de ingressar na graduação, perguntas como “você é de origem?” “De que etnia descende sua família?” eram frequentemente repetidas. Estes discursos presente no cotidiano das pessoas que habitam o Paraná são produzidos em determinados contextos históricos, por determinados atores que objetivam produzir uma visão de mundo, no caso, da população paranaense. As fontes analisadas (revistas, livros, entrevistas), ao mesmo tempo em que fixam, repetem essa imagem do estado e de sua população, também permitem perceber, especialmente no caso das entrevistas, o caráter dinâmico dessas identidades.

³⁷¹BAUMANN, Z. op. cit. p.30.

FONTES

Revistas:

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA: edição comemorativa do centenário do Paraná. Rio de Janeiro, v. 44, n. 224, dez. 1953.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, 1853-1953. Livraria Globo, Porto Alegre, RGS. Publicação sob o patrocínio da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. 1953.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Centenário do Paraná, 1853-1953. Comissão de comemorações e festejos do centenário do Paraná. Curitiba, nº 2, jul. 1953.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Paraná: Boletim da Câmara de Expansão Econômica do Paraná. Número do centenário. Curitiba, Ano II, nº3, jan./dez. 1953.

Livros:

EL-KHATIB, F. (org). *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.

Entrevistas:

BALTASAR, Odisseia. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 19 de maio de 2015.

FRITOLY, Licia. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 30 de setembro de 2015.

HASS, Carlos. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 19 de maio de 2015. Transcrita por Luana Milani Pradela.

HORT, Edite. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 19 de maio de 2015. Transcrita por Luana Milani Pradela.

MIRANDA, Carlos. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 18 de maio de 2015.

NADOLNY, Carlos. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 21 de maio de 2015. Transcrita por Luana Milani Pradela.

WEBER, Juliana. Curitiba, entrevista cedida à Raiane C. Ramirez dos Santos em 19 de maio de 2015

REFERÊNCIAS:

ABREU, M.; SOIHET, R. *Ensino de história, Conceitos, temáticas e Metodologias*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra. 2003.

ALBERTI, V. Fontes Oraís. História dentro da História. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, V. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito. IN: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, volume 4, número 7, 1991.p.75-76.

ALBUQUERQUE Jr, D. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife, São Paulo: Cortez. 2009.

ALVES, E.; SOUZA, G. S.; MARRA, R. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. *Revista de Política Agrícola* Ano XX – No 2 – Abr./Maio/Jun. 2011.

ARÉVALO, M. C. da M. Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto. *I Encontro Memorial do Instituto de Ciências humanas e Sociais*, v. 1, 2004.

ASSMAN, J. *Memória comunicativa e memória cultural*. História Oral, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan./jun. 2016.

BAHLS, A. V. S. *A Busca de Valores Identitários: a memória histórica paranaense*. 2007. 207 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2007.

BAKHTIN, M. *Cultura popular na idade média e renascimento*. São Paulo. Hucitec, 1993.

BALHANA, A. P. Política Imigratória do Paraná. *Revista Paraná Desenvolvimento*, Curitiba, v. n.87, p.39-50, jan/abr.1996.

BARROS, M. M. L. de. *Memória e família*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 29 - 42.

BATISTELLA, A. *O paranismo e a invenção da identidade paranaense*. Revista eletrônica História e Reflexão. UFGD, vol. 6, n.11, 2012.

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

BAUMANN, Z. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2005.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.183-191.

BURKE, P. *Cultura popular na idade moderna (1500 – 1800)*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

CAMPOS, N.; MARCHESE, E. Faris Michael: trajetória de um intelectual moderno. Olhar de professor. UEPG, Ponta Grossa, 2010. p. 185-199.

CAROLLO, C.L. Romário Martins Biografia Intelectual. In: MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

CHAGAS, M. *Cultura Patrimônio e memória. Congresso internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus*. Imprensa oficial do Estado, São Paulo, 2002.

CUCHE, D. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

DAVIS, N. Z. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da fonte moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

DE MENESES, U. T. B. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9-23, 1992.

ELFES, A. *Campos Gerais: Estudo de Colonização*. Curitiba: INCRA, 1973.

ELIAS, N. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., v I. 1994.

FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronado político brasileiro*. 10. ed. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.

FÉLIX, L. O. *Memória e História: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERNANDES, F. *Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo*. S.P.: Anhembi, 1961; 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1979.

FLORES, M. B. R. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Letras Contemporâneas, 1997.

FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

GÄRTNER, M.; PIRES, A.J. História, memória e identidade; considerações acerca da ocupação na região de Entre Rios feita pelos suábios do Danúbio no Paraná (1951 - 1971). *Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)*, v. 2 nº 1 p.54-66 jan./abr. 2011 ISSN 2177-6644.

GIAROLA, F. R. Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico. *História e- história*. 24/08/2010. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313>> acessado em: 09/07/2016>.

GONÇALVES JUNIOR, E. B. *O impresso como estratégia de intervenção social: educação e história na perspectiva de Dario Vellozo (1885-1937)*. Curitiba, 2011. Dissertação de mestrado - Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná.

GONÇALVES, J. R. S. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GONÇALVES, J.H.R. A "Mística do Pioneirismo", antídoto contra o socialismo: Bento Munhoz da Rocha Neto, a reforma agrária e o norte do paraná dos anos 50 e 60. *Revista História Regional*, UEPG, VERÃO, 1997.

GREGORY, V. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel: Edunioeste. 2002.

GUIMARÃES, M.L.S. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História Ciência e Saúde – Manguinhos* [online]. 2000, vol.7, n.2, pp.391-413.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. trad. Laís teles Benoir. São Paulo: Centauro, 1990.

HALL, S. A identidade em questão. In: *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, ed. DP&A.

HALL, S. Quem precisa da identidade?. In: *Identidade de Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HOBSBAWM, E. & RANGER, T. *A invenção das tradições*; tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOBSBAWN, E. J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

IPARDES- Fundação Edison Vieira. *O Paraná Reinventado: política e governo*. Curitiba: 1989.

IURKIV, J. E. Romário Martins e a historiografia paranaense. *Educare*, UNIPAR, vol.2 n.2, 2002.

KERSTEN, M. S. A. *Os Rituais do Tombamento e a escrita da História: Bens Tombados no Paraná entre 1938-1990*.

KLANOVICZ, J.; GÄRTNER, M. Pensando memória ambiental e paisagens transformadas no sul do brasil: os suábios do Danúbio na mata atlântica. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 9, n. 1, jan.-jun., 2016.

KÖHLER, E. A. *As práticas e os usos do "folclore" no Festival Folclórico e de Etnias do Paraná (1958-2013)*. 2014. 261 páginas. Dissertação (Mestrado em antropologia social) – UFPR.

KOSELLECK, R. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

LAPUENTE, R. S. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. *10º Encontro Nacional de História da Mídia*. UFRGS, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/view>> Acessado em 25 de maio de 2017.

LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.

LESSER, J. Um Brasil Melhor. *História, ciência e saúde-Manguinhos*. vol.21 no.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2014.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, C. B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARSON, E. R. *No limiar do horizonte*: manifestações e discursos divisionistas Norte/Sul e política Integracionista no Paraná (1920-1975). Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” Campus de Assis, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2005.

MARTINS, R. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARTINS, R. *Quantos somos e quem somos*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

MARTINS, R. *Terra e gente do Paraná*. Diretoria Regional de Geografia do Estado do Paraná, 1944.

MARTINS, W. *Um Brasil Diferente*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

MAUAD, A. M. *Sob o Signo da Imagem*: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. Tese de doutorado, 465 f. UFF, CEG, IHF, Programa de Pós graduação em História, Niterói 1990.

MENDONÇA, J. M. N. Revisitando a história da imigração e da colonização no Paraná provincial. *Revista Antíteses*. v.8, n.16, p.204-226, jul./dez. 2015.

MILLARCH, A. Said, o idealista que fazia livros. *Estado do Paraná*. Caderno ou Suplemento: Almanaque Coluna ou Seção: Tablóide. p. 3. Publicado em: 01/09/1988.

MORAES, P. R. B.; SOUZA, M.G. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. Dossiê cidadania e violência. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, n.13 Nov. 1999.

MOTA, L. T. *As guerras dos índios Kaingang*: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: Eduem, 2009.

- NADALIN, S. O. *Paraná: Ocupação do Território, Populações e Migrações*. Curitiba: SEED, 2001.
- NIEDERAUER, O. H. *Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização e seu progresso*. Toledo: Grafo-Set/Manz etiquetas Adesivas LTDA. 1992.
- NORA, P. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. p. 21-22.
- OLINTO, B. A. *“Pontes e Muralhas”*: diferença, lepra e tragédia (Paraná início do século XX). Tese de doutorado: UFSC, 2002.
- OLIVEIRA, M. C. M. Medidas do governo Vargas e repercussões na educação do Paraná. *Ideação*. Revista do Centro de Educação e Letras UNIOESTE Campus FOZ DO IGUAÇU v. 8 - nº 8 p. 41-54, 2006.
- OLIVEIRA, M. Imigração e diferença em um estado do sul do Brasil: o caso do Paraná. *Novo Mundo Mundos Novos*. 2007.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. P. *Discurso: Fato, dado, exterioridade*. In: _____. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- POLLAK, M. *Memória esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol. 2. N. 3, 1989.
- PORTELLI, A. *O que faz a História Oral diferente?* Projeto História, São Paulo, n. 14, 1997.
- POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. Seguindo de grupos étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.
- RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 25-37, 1998.
- ROSEVICS, L. *O Instituto Histórico e Geographico Paranaense e a Construção de um Imaginário Regional*. Dissertação de mestrado em Sociologia - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, UFPR, 2009.
- ROSSEAU, J-J. *Do contrato social*. Ensaio sobre a origem das línguas. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- SANTOS, R. A. *Narrativas urbanas: cidade, fotografia e memória, Toledo-PR.(1950-1980)*. Dissertação de mestrado em História, 174 f. Programa de Pós Graduação em História, Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2010.

SANTOS, R.C.R. “*Terra de todas as Gentes*”: uma análise da revista *Etnias no Paraná*. 2014. 55 p. Monografia – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2014.

SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a História: Indagações na Passagem para o Modernismo*. São Paulo. Cia das Letras, 2000.

SCHWARCZ, L. *O espetáculo das raças: cientistas instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEYFERTH, G. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*. vol.3 n.1 Rio de Janeiro Apr. 1997.

SILVA, D.B. História Magistra Vitae: a história exemplar pode ensinar? Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo e Flávia Florentino Varella (orgs.). *Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009.

SILVA, G. P. O. Revista Ilustração Brasileira: texto e contexto. *Horizonte Científico*, v. 2, n. 1, 2008.

SILVA, H. R. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V.22, nº 44, 2002.

SOARES, L. R. Romário: um historiador combatente. In: MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

STEIN, M. N. História e etnicidade: apontamentos sobre a produção de narrativas identitárias em uma colônia de refugiados da Segunda Guerra Mundial no Paraná. *Reflexão e Ação*. Revista do departamento de História e do Programa de Pós Graduação em Educação UNISC. v. 18, n.1, 2010.

STEIN, M. N. Imigração, Colônias Agrícolas e Etnicidade: uma análise sobre discursos de identificação no Paraná. *História: Debates e Tendências*. UPF, v. 14, n. 1, 2014.

STEIN, M. N. *O Oitavo Dia*: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios-Pr. Guarapuava: Unicentro, 2011.

STEIN, M. N.; SANTOS, R. C. R.; SANTOS, D. L.; WENTZ, L. K. . Natureza, Discursos e identidades: Indagações acerca de Narrativas da Trajetória de Imigrantes Menonitas em Santa Catarina e no Paraná (século XX). *Anais do 2º Simpósio internacional de História Ambiental*. UFSC. 2012.

SZVARÇA, D. R. *O Forjador*: Ruínas de um mito. Romário Martins. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e História Social. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: UNICAMP, 2001.

TODOROV, T. *Memória do Mal tentação do bem*. SP: ARX, 2002.

TOMAZI, N. D. *Norte do Paraná*. História e Fantasmagorias. Tese (doutorado em História) Curitiba: UFPR, 1997.

TREVISAN, D. *Pão e sangue*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

TREVISAN, D. *Rita, Ritinha, Ritona*. Rio de Janeiro, Record, 2005.

VANALI, A. C. *O pajé do Tibagi: Telêmaco Borba e sua contribuição à etnografia paranaense*. *Revista NEP* (Núcleo de Estudos Paranaenses). Curitiba, dez. 2015, v.1, n.1, p. 275-302.

VEIGA, J. E. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI* / Rio de Janeiro: Garamond, 2008 3º ed.

VILHENA, L. R. *Projeto e Missão: O Movimento Folclórico Brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas. 1997.

VOIGT, A. F. *A invenção de teuto-brasileiro*. 2008. 204 f. Tese. (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e ciências Humanas, Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1995.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.